

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO

JEAN FÁBIO SANTANA

**A FESTA DO BUMBA-MEU-BOI NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA DO SUL:
Um estudo de caso sobre contribuições afrodescendentes nos processos de identidade
étnico-racial múltipla na sociedade brasileira.**

SÃO LEOPOLDO

2019

JEAN FÁBIO SANTANA

**A FESTA DO BUMBA-MEU-BOI NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA DO SUL:
Um estudo de caso sobre contribuições afrodescendentes nos processos de identidade
étnico-racial múltipla na sociedade brasileira.**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Ciências
Sociais, pelo Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.

Linha de pesquisa: Identidades e Sociabilidades
Professor Orientador: Prof. Dr. José Ivo Follmann

SÃO LEOPOLDO

2019

2

S231f Santana, Jean Fábio.
A Festa do Bumba-Meu-Boi no município de Encruzilhada do Sul : um estudo de caso sobre contribuições afrodescendentes nos processos de identidade étnico-racial múltipla na sociedade brasileira / por Jean Fábio Santana. – 2019.
119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, 2019.
“Orientador: Dr. José Ivo Follmann”.

1. Visibilidade. 2. Processo de Identidade. 3. Processo de alienação. 4. Outsider. 5. Folclore. 6. Bumba-Meu-Boi.
I. Título.

CDU: 398:394.2

Catálogo na Publicação (CIP):
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

JEAN FÁBIO SANTANA

**A FESTA DO BUMBA-MEU-BOI NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA DO SUL:
Um estudo de caso sobre contribuições afrodescendentes nos processos de identidade
étnico-racial múltipla na sociedade brasileira.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Linha de pesquisa: Identidades e Sociabilidades

Professor Orientador: Dr. José Ivo Follmann

Aprovado em 08 de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Ivo Follmann - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profa. Dra. Adevanir Aparecida Pinheiro - UNISINOS

Profa. Dra. Renilda Aparecida Costa - UFAM

DEDICATÓRIA

À Minha Família Preta de sangue e de ancestralidade, na pessoa dos meus Pretos Velhos:

Avó: MÃE GERALDA SANTANA PINTO

Avô: PAI ISAIAS SANTANA

Tia-avó: DEOCRECIANA PINTO

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo a Deus pelo dom da vida e de todas as minhas faculdades intelectuais. Também agradeço à Sagrada Família por todas as vezes que se fez presente em meu horizonte existencial de fé e religiosidade, me devolvendo a serenidade e a confiança em momentos de desânimo e cansaço.

Agradeço ao Prof. Dr. Pe José Ivo Follmann por sempre me ajudar a tirar o melhor de mim em nossos compromissos acadêmicos e humanos. O agradeço, especialmente, por me ter proporcionado uma experiência de Academia mais centrada, primeiramente, na pessoa e não simplesmente na capacidade quantitativa de produção acadêmica.

Agradeço a todos os colegas de caminhada acadêmica, na pessoa de Máira, Evandra, Simone, Damares e André.

Meu muito obrigado, também, à todas as pessoas ocupadas com as tarefas administrativas do PPG-CS/Unisinos, especialmente à nossa querida secretária Maristela Simon.

Agradeço aos professores do PPG-CS/Unisinos, na pessoa do Prof. Dr. Solon Eduardo Annes Viola e da Prof. Dra. Miriam Steffen Vieira, pelos momentos de luzes derramadas sobre meus estudos.

Na pessoa da Prof. Dra. Adevanir Aparecida Pinheiro quero agradecer a todo pessoal do NEABI-UNISINOS pela acolhida e fortalecimento da minha consciência negra, convidada a um engajamento constante à causa dos Pretos do nosso país e do mundo.

Ao fazer memória à pessoa do Mestre Firmino Silveira, desejo registrar aqui o meu muito obrigado a toda família Silveira e a todo Encruzilhadense que me ajudaram a melhor conhecer o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul e, assim, desenvolver meu trabalho de pesquisa.

E agradeço, também, a Companhia de Jesus por oportunizar, em minha vida, esse tempo de estudos especiais.

"O ser humano é valor primacial no mundo. Possui dignidade congênita, que não lhe foi outorgada por sistemas políticos e econômicos. Ninguém tem o direito de anular a dignidade inata ao ser humano. Mais que espécie natural, o ser humano é espécie cultural. Interpreta o universo, transforma a natureza, planeja a sociedade, cria sistemas de vida e muda a história."

(Juvenal Arduni)

RESUMO

O presente trabalho de dissertação, perpassando pelo universo das manifestações folclóricas do Brasil, tem por objetivo perscrutar, por meio de uma determinada expressão da nossa cultura popular, a realidade multiétnica nos processos de identidade da sociedade brasileira, com ênfase na visibilização do legado *Afro* aí presente. Para a realização desse intuito, encontramos como possível caminho de pesquisa e produção de conhecimento, a aproximação e estudo da FESTA DO BUMBA-MEU-BOI no município de Encruzilhada do Sul – RS, entendendo esse evento como um instrumento de expressão sociocultural carregado de possibilidade de validação e visibilização dos elementos de identidade afro no interior dos processos de identidade brasileiros. O horizonte geral da metodologia deste estudo foi pautado pelo paradigma da Pesquisa Qualitativa e pelo uso de instrumentos metodológicos do arcabouço do método etnográfico. E, nesse contexto, diante do objetivo proposto (*Pesquisar a festa do Bumba-Meu-Boi da cidade de Encruzilhada do Sul, no Rio Grande do Sul, e perscrutar sua dinâmica de visibilização e socialização da diversidade étnica brasileira nesta cidade sulista*), o Estudo de Caso foi adotado como a estratégia de pesquisa mais apropriada para o objeto de estudo. O texto está dividido em quatro capítulos. O primeiro apresenta o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, sua origem histórica e seu contexto geográfico. O segundo capítulo realiza um exercício de digressão historiográfica que nos ajudou a selecionar e apresentar alguns vestígios da presença e atuação dos africanos e seus descendentes, desde os primórdios fundacionais desse Estado do sul do Brasil. O terceiro capítulo trata das questões referentes à característica outsider presente na realização e na existência de uma “Festa do Boi”, numa cidade do Sul do Brasil. O quarto capítulo se dedica a averiguar questões sobre possíveis processos de identidade e/ou processos de alienação acontecendo no entorno do nosso Bumba-Meu-Boi gaúcho.

Palavras-chave: Visibilidade, Processo de Identidade, Processo de Alienação, Outsider, Folclore, Bumba-Meu-Boi.

ABSTRACT

The present dissertation, by comprehending the universe of the folkloric manifestations of the Brazil, has an investigating objective in and through a determined expression of our popular culture, with emphasis to make visible the Afro Legacy, which exists here. Realizing this intuition as the possible way of research and produce knowledge, we find an approximation studying the festivity named FESTA DO BUMBA-MEU-BOI (Feast of Bumba-Meu-Boi, a Brazilian folklore dance) in the municipality of Encruzilhada do Sul- RS, We understand this event as an instrument of sociocultural expression, filled with the possibility of validation to visibilize the elements of afro identity, deeply present in the process of Brazilian identities. The general horizon of the methodology of this study is marked by the Qualitative Research paradigm and by the methodological instruments within the ethnographic framework. And in this context, in the proposed objective (to research Bumba-Meu Boi in the city of Encruzilhada in the southern state of Rio Grande do Sul, and investigating its dynamic visibilization and socialization of the brazilian ethnic diversity in this southern city), the case study has adopted as a research strategy more fitting to the object of study. The whole text is distributed in four chapters: the first chapter shows the Bumba-Meu-Boi of Encruzilhada from the South, its historical origin and its geographical context; the second chapter realizes an exercise of historiographic digression which helps us to select and to demonstrate some tinctures of the presence and interactive performance of the africans and their descendants, since the primordial foundation of this Brazilian state in the south; the third chapter deals with the issues referring to the characteristic outsider present during the realization and in the existence of the "Festa do Boi" (Bumba-Meu-Boi Feast), in a Brazilian state; the final chapter is dedicated to authenticate issues about the possible processes of identity and/or processes of alienation happening in and around our gaúcho Bumba-Meu-Boi.

Keywords: visibility, process of identity, process of alienation, outsider, folklore, Bumba-Meu-Boi.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Mapa do Rio grande do Sul, em 3D, destacando a região do Vale do Rio Pardo, onde está situado o município de Encruzilhada do Sul. 28
- Figura 2:** O “Boi”, o Mestre Firmino, o grupo organizador e alguns encruzilhadenses pelas ruas da cidade. 31
- Figura 3:** Tabela com o censo da população riograndense, por zona, segundo a condição da população presente em 1814. 38
- Figura 4:** Desfile Farroupilha em São Leopoldo; Guardiões da Chama Crioula; “Boi” de Encruzilhada do Sul. 53
- Figura 5:** Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul pelas ruas da cidade em noite de festa...65

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRUDUÇÃO: AUMENTANDO A LENTE SOBRE O PROCESSO DE PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DA PESQUISA | 13 |
| Primeiros passos | 13 |
| Caminho metodológico | 14 |
| O Tema | 17 |
| CAPITULO I: O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL | 28 |
| 1.1 A Cidade | 28 |
| 1.2 O “Boi” de Encruzilhada do Sul | 31 |
| CAPITULO II: O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL AUMENTANDO A LENTE E VISIBILIZANDO A PRESENÇA DO NEGRO NA FORMAÇÃO DO RS | 38 |
| 2.1 A contribuição da força, suor e habilidades do africano e de seus descendentes na Formação Econômica do Rio Grande do Sul | 44 |
| 2.2 A contribuição da força, suor e habilidades do africano e de seus descendentes nas Missões Militares do Rio Grande do Sul | 47 |
| CAPITULO III: AUMENTANDO A LENTE SOBRE O CARÁTER OUTSIDER DO BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL | 53 |
| CAPITULO IV: O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL AUMENTANDO A LENTE SOBRE O PROCESSO DE IDENTIDADE E ALIENAÇÃO AO SEU ENTORNO | 65 |
| 4.1 O Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul além-fronteiras do seu município..... | 67 |
| 4.2 O Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul sob o olhar do seu povo encruzilhadense..... | 72 |
| 4.3 Problematizando o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul diante do espelho do processo de formação identitária da população encruzilhadense | 74 |
| 4.4 A ausência da mulher na composição do grupo responsável pelo Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul como mais uma situação de processo de alienação ao entorno do “Boi”..... | 81 |

| | |
|--|------------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL AUMENTANDO A LENTE SOBRE A NOVA REALIDADE ONDE PERSPECTIVAS NÃO-BRANCAS ENCONTRAM LUGAR DE FALA SOBRE O BRASIL E SUA HISTÓRIA | 87 |
| 1. Retomando o texto..... | 87 |
| 2. Re-buscando outros horizontes na perspectiva de continuidade | 90 |
| 3. Para finalizar | 97 |
| BIBLIOGRAFIA | 100 |
| ANEXO A: Reportagens sobre o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul | 104 |
| ANEXO B: Fotos do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul | 111 |
| ANEXO C: Programação do Encontro de “Bois” em Florianópolis | 117 |

INTRUDUÇÃO

AUMENTANDO A LENTE SOBRE O PROCESSO DE PREPARAÇÃO E EXECUÇÃO DA PESQUISA

O trabalho de dissertação que aqui se apresenta é resultado das atividades de pesquisa desenvolvidas durante o curso de mestrado em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Primeiros passos

Tudo começou quando fui convidado pela Instituição Religiosa, da qual sou membro, a me preparar para fazer um mestrado em educação no Nordeste brasileiro. Como me sinto muito à vontade trabalhando com adolescente, logo pensei em aprofundar alguma coisa que no universo da educação me aproximasse dessa faixa etária do desenvolvimento humano. Foi quando me lembrei de um projeto de educação não formal que trabalhava temas de história a partir do Bumba-Meu-Boi. Então pensei em aprofundar essa questão e desenvolver uma pesquisa que aprofundasse sobre as possibilidades do Folgado do Bumba-Meu-Boi como instrumento didático-pedagógico. Um ano foi passando e eu, nas oportunidades que os afazeres me davam, dedicava-me a algumas despreziosas leituras na área de educação. Até que, num certo dia, de um certo mês e ano, sou contatado pela equipe de formação do meu Instituto Religioso e destinando para iniciar a preparação para os estudos de pós-graduação em Ciências Sociais em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Iniciei fazendo uma cadeira como aluno não regular, pois tudo era novo para mim e eu precisava conhecer melhor sobre o conteúdo e a gramática dessa área dos estudos das humanas.

Cada disciplina que fiz era uma experiência de desvelamento epistemológico das Ciências Sociais. Foi um tempo muito árduo para mim.

Quando chegou o momento de pensar no objeto de pesquisa ao qual dedicaria atenção e estudos, percebi-me seduzido pelo o Bumba-Meu-Boi e não resisti à sedução. Comecei a perscrutar a possibilidade de trabalhar com esse folguedo a partir de alguma das linhas de pesquisa que o PPG de Ciências Sociais da Unisinos se dedicava. Estava decidido a encontrar, em alguma cidade do Nordeste, uma festividade de Bumba-Meu-Boi que favorecesse a reflexão na área de mestrado que eu acabava de iniciar. Foi quando nos primeiros dias de buscas descobri a existência de uma festa do Bumba-Meu-Boi numa cidade do interior do Rio Grande do Sul: Encruzilhada do Sul. Logo procurei maiores informações e, por fim, o “Boi” encruzilhadense se tornou meu objeto de pesquisa como um estudo de caso que pudesse me ajudar a pensar a visibilização de legado africano na formação da identidade do povo brasileiro através do estudo de uma manifestação folclórica.

Pesquisar a festa do BUMBA-MEU-BOI da cidade de Encruzilhada, no Rio Grande do Sul, e perscrutar sua dinâmica de visibilização e socialização da diversidade étnica brasileira nesta cidade sulista, virou o meu objeto de atenção para a pesquisa.

Caminho metodológico

É certo, que todas as ciências, de uma forma ou de outra, subscrevem em seus objetos de estudo um sistema de ideais e valores que as caracterizam como abordagens específicas.

Foi na *Fase Exploratória* da pesquisa que melhor ia se definindo, tanto o objeto de pesquisa, como está acima relatado, quanto o caminho a seguir. Essa foi uma etapa de buscar as primeiras aproximações com a cidade onde se daria o Campo e com o material bibliográfico, a fim de ajudar a purificar os olhares pré-concebidos, a objetivar as interpretações subjetivas, a selecionar documentos e bibliografias adequadas e a aparar arestas das formulações sobre o objeto da pesquisa e sobre caminho metodológico a seguir. Assim, aconteceu que no processo de estudos, leituras e, até mesmo, de exercício de campo, começava a ficar cada vez mais claro o entendimento de que existe um método e instrumentos metodológicos adequados para

determinado tipo de tema e objeto de pesquisa. E foi no contexto do caminho que os instrumentos metodológicos a serem adotados foram se configurando na pesquisa, ajudando-nos a atuar de maneira mais acertada possível na tarefa de alcançar os êxitos almejados em nossa busca de identificar, socializar e, por conseguinte, visibilizar **CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS AFRODESCENDENTES NA FESTA DO BUMBA-MEU-BOI NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA DO SUL**. Igualmente, o processo de busca dos teóricos que seriam o apoio para refletir e efetivar o projeto de pesquisa foi acontecendo de maneira gradual, contínua e quase que espontânea no decorrer dos semestres dedicados a estudos a partir da participação em disciplinas curriculares e leituras diversas na área de ciências sociais. O contato reflexivo com temas ligados às questões da situação social da população negra no Brasil e com os temas ligados à compreensão dos processos de identidade dos indivíduos no meio social brasileiro confirmava, sempre mais, a pertinência de trazer como pauta de reflexão e aprofundamento dessa pesquisa a questão da necessidade de persistir sempre no exercício de visibilização do legado afro na formação da identidade do povo brasileiro.

O horizonte geral da metodologia deste estudo foi pautado pelo paradigma da Pesquisa Qualitativa. E, nesse contexto, diante do objetivo proposto, - *Pesquisar a festa do Bumba-Meu-Boi da cidade de Encruzilhada do Sul, no Rio Grande do Sul, e perscrutar sua dinâmica de visibilização e socialização da diversidade étnica brasileira nesta cidade sulista* - o Estudo de Caso foi avaliado como a estratégia de pesquisa mais apropriada para o objeto, já que entendemos, como Robert K. Yin, que “o Estudo de Caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes” (YIN, 2005, p.26)

Entendendo que o *Objeto de estudo* em pauta exigia uma aproximação com os sujeitos e as realidades do seu entorno. Em vista disto adotou-se o *Método Etnográfico* como mais um instrumento de pesquisa, pois este se mostrava constituído de características pertinentes ao nosso trabalho, por ser:

a) um método essencialmente voltado para “uma descrição dos eventos que tem lugar na vida do grupo, com especial consideração das estruturas sociais e a conduta dos sujeitos como membros do grupo, assim como de suas interpretações e significados da Cultura a que pertencem”. (LOPEZ apud Woods, 1999, p.46);

b) “um estilo de investigação alternativa para descrever, explicar e interpretar fenômenos sociais que tem lugar no contexto social. O enfoque etnográfico intenta descrever a totalidade de um fenômeno (grupo social, aulas, festas populares, etc.) em profundidade e em seu âmbito natural, compreende-lo desde o ponto de vista dos que estão implicados nele.” (LOPEZ, 1999, p.46);

c) um método que “permite a aproximação e detecção que favorecem a coleta de dados nas respectivas fontes, utilizando os principais instrumentos como observação participante, os entrevistados, os documentos pessoais, com o propósito de proceder a investigar dados descritos, palavras escritas e/ou orais, em condutas observáveis dos populares participantes, de conhecer as pessoas e perceber como elas desenvolvem suas próprias definições.” (LOPEZ, 1999, p.46)

E ainda, por ser um método de pesquisa que tem, segundo Magnani,

(...) uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p.135)

Segundo Gabriela Lima, em seu artigo, intitulado de “*O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa*”, a etnografia é “modalidade de investigação que usa múltiplos métodos e estratégias e supõe uma ampla combinação de técnicas e recursos metodológicos, dando maior ênfase às estratégias interativas: observação participante, entrevistas formais ou informais, [etc]” (LOPEZ, 1999, p.48). Assim, na pesquisa que desenvolvemos, junto com o método etnográfico, adotamos, no processo de coletas de dados, *a Pesquisa de Campo, a Revisão Bibliográfica, a historiografia e a Análise de Conteúdo.*

A *Pesquisa de Campo* aconteceu, basicamente, pautada pela *Observação Participante* e por *Entrevistas Individuais*. Tínhamos a intenção de organizar um momento de Grupo Focal com os organizadores da “*Sáda do Boi*”, mas não foi possível concretizá-la, pois a grande maioria mora em outras cidades e não conseguimos uma agenda comum a todos.

O uso da *técnica de Observação Participante*, nos concedeu “a oportunidade de acessar as evidências que não se poderia obter de outra forma, a não ser mediante a presença efetiva, como a participação em eventos de interesse da pesquisa”. (YIN, 2005, p.118) Como foi o caso de conhecer o percurso do “Boi”; perceber a grande participação das crianças acompanhadas por seus pais, dando à festa um caráter familiar, entre outras coisas.

Já o uso da *Entrevista Individual qualitativa*, que consiste numa técnica amplamente utilizada nas Ciências Sociais e tem como pressuposto básico a concepção de que o mundo social é ativamente construído pelas pessoas, enquanto tecem suas relações no cotidiano de vida, mesmo em condições não estabelecidas por elas, foram realizadas com pessoas responsáveis pela organização da *Festa*, com algumas autoridades, com moradores avulsos da cidade e, especialmente, com brincantes presentes nos dias de “*Saída do Boi*”.

Agora, a novidade que nos surpreendeu foi a experiência de uma dedicação maior à *leitura de conteúdo historiográfico* que o segundo capítulo de nosso trabalho acabou apontando como necessário em nossa tarefa de *Revisão Bibliográfica* realizada em vista da compreensão dos aspectos teóricos e conceituais que exigia nossa pesquisa.

Como já vem acontecendo nos parágrafos anteriores, queremos frisar que estaremos utilizando em nosso trabalho as termologias: “Festa”, “Brincadeira”, “Boi”, “Boizinho de pano” e “Folguedo” em referência ao Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul.

O Tema

O tema ao qual nos dedicamos neste trabalho de pesquisa perpassa pelas manifestações folclóricas do Brasil, tendo como objetivo perscrutar, por meio de um determinado tipo de expressão da cultura de um povo, a realidade multiétnica nos processos de identidade da sociedade brasileira. Isso não por interesse da simples constatação histórica desse legado, mas em vista de promover mais um meio para reflexão e estudo em nossa sociedade brasileira, que nos amplie o horizonte de perguntas sobre o cultivo de relações de respeito, valor e igualdade nas interações étnico-raciais que perpassam a vida nesta sociedade.

De forma mais específica, estaremos dialogando com uma manifestação folclórica pertencente ao universo do folclore brasileiro - fortemente marcado por conteúdos multiétnicos

- para apontar marcas do legado afro no olhar simbólico do povo brasileiro acerca do seu mundo, sua gente e de sua identidade. Para atender esse nosso intuito, encontramos como possível caminho de pesquisa e produção de conhecimento, a aproximação e estudo da FESTA DO BUMBA-MEU-BOI no município de Encruzilhada do Sul – RS, entendendo esse evento como um instrumento de expressão sociocultural carregado de possibilidade de validação e visibilização dos elementos de identidade afro no interior dos processos de identidade brasileiros.

Já há algumas décadas o tema da invisibilidade/visibilidade das realidades vinculadas à história e ao legado da população negra no Brasil tem sido foco de alguns esforços teóricos e políticos por parte de diversos setores do movimento negro, bem como de pesquisadores. Parte desse esforço busca trazer visibilidade às trajetórias e contribuições dos negros na formação do Brasil, destacando também a reflexões sobre grandes intelectuais negros da nossa história, como Luiz Gama, Lima Barreto, Abdias do Nascimento, Virginia Bicudo, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, entre tantos outros. Sentimos ser importante se somar a essas vozes que refletem, pesquisam e socializam as temáticas sobre a questão do negro no Brasil.

Para nós, o que nos impeliu a pesquisar e refletir sobre esse tema de *visibilização do legado afro* no interior dos processos de identidade brasileiros é o fato de, ainda em nossos tempos, constatar uma grande situação de invisibilidade e indiferença em relação a muitos elementos que dizem respeito às heranças afrodescendentes e indígenas nos processos de construção identitária do Brasil, seja no campo da arte, da religião, da organização político-social, do modo de produção e, antes de tudo, do modo de se dizer brasileiro, enquanto tal. Não é necessário fazer muito esforço para perceber que “as relações raciais no Brasil são, até a atualidade, pautadas pela negação do racismo como constituinte da cultura e mesmo do projeto de nação brasileira”, afirma o Profº Drº Deivison Moacir Cezar de Campos em entrevista à IHU On-Line (CAMPOS, 2015, p.40). Mas, basta olhar para as periferias e ver que a pobreza tem cor; basta olhar para os presídios e ver que a marginalização tem cor; basta olhar para o mundo do subemprego e ver que o abandono social tem cor...

Por isso mesmo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei, assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos

meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de ‘limpar o sangue’, como se diz no Brasil), internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura. (GONZALES, 1988, p. 73)

Por isso, juntando-nos ao Professor/Doutor Deivison Campos e à antropóloga Lélia Gonzalez, afirmamos que qualquer pessoa um pouco mais atenta e informada a respeito desse tema sabe que a vida concreta dos indivíduos negros na sociedade brasileira prova, indelevelmente, que o racismo, de fato, continua incrustado em nossa sociedade e persiste em existir de forma velada. “Da escravidão, no início do período colonial, até os dias que correm, as populações negras e mulatas têm sofrido um genocídio institucionalizado, sistemático, embora silencioso”. (NASCIMENTO, 2017, p.19)

Entendemos que não podemos nos deixar distrair, nem ser enganados pela retórica subliminar de grupos de intelectuais, extremamente atrelados a fins políticos e de manipulação social, que continua, através da cumplicidade da “grande mídia”, mancomunada com a “elite do poder”, a insistir em maquiagem e propagar a já desmascarada falácia de que por aqui, no Brasil, vivemos uma *democracia racial*¹ que, como nos lembra Florestan (2007), apesar de desconstruída, continua operante.

É aí que entram os intelectuais com seu prestígio e a mídia com seu poder de amplificar e reproduzir mensagens com duplo sentido: mensagens que fazem de conta que esclarecem o mundo como ele é, mas que, no fundo, existem para retirar das pessoas toda a compreensão e toda a defesa possível. (SOUZA, 2017, p.24)

Bem sabemos que com um mínimo de atenção aos bastidores do cotidiano, logo se vê revelado o quanto essa suposição da existência de uma democracia racial é falaciosa, pois, ainda hoje se pode constatar a disseminação do racismo individual e institucionalizado como um

¹ Mito da democracia racial: concepção que defende que a gramática das relações raciais no Brasil é a miscigenação, característica que, de acordo com essa ideia, garante a harmonia na heterogênea sociedade brasileira. Esse foi construído ao longo do tempo a partir de experiências isoladas de pesquisadores de outros países no Brasil. Trata-se do resultado de um processo que foi se desenvolvendo aproximadamente durante um século até chegar, em meados da década de 1930, à obra de Gilberto Freyre, autor considerado ícone dessa discussão.

(Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/549024>)

espectro validado no imaginário do povo brasileiro, comprovando “que embaixo da superfície teórica [da democracia racial] permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes”. (NASCIMENTO, 2017, p.111)

Por anos, no Brasil, ao se tratar do tema raça, cor, miscigenação, etc, pode se constatar que em relação ao negro o que lhes sobra é a realidade de exclusão, de desmerecimento, de negação e de periferia, como nos afirma Florestan no parágrafo abaixo:

O fato é que raça, cor, ou mistura foram sempre assuntos essenciais entre nós e sobre nós, surgindo ora como motivo para exaltação, ora como sinal de descrédito. A questão também se vinculou à ideia da identidade nacional, uma vez que, sobretudo a partir do século XIX, era por meio da raça que definíamos a nossa particularidade: um Brasil brando e indígena na imagem idealizada do Segundo Reinado; um país branqueado, na concepção corrente na virada do século XIX para o século XX ou, já nos anos 1930, uma nação ‘devidamente mestiça’, nesse contexto em que o cruzamento de raças e culturas virava símbolo de Estado. Essa era, porém, uma apresentação basicamente retórica, sem que qualquer contrapartida que levasse à valorização dessas populações fosse implementada: os negros continuavam à margem das maiores benesses do Estado, tendo acesso diferenciado ao trabalho, ao lazer, à educação e à infraestrutura básica. (FERNANDES, 2007, p.12)

Situação essa, tratada no parágrafo acima, que temos insistido em dizer que continua acontecendo até hoje e a qual nos leva a afirmar que precisamos continuar na luta para dirimir essa chaga social no Brasil. E sabemos que, numa certa medida, “cabe aos próprios ‘brancos’ um esforço de reeducação para que deixem de falar em ‘democracia racial’ sem nada fazer de concreto em seu favor e fazendo muito no sentido contrário”. (FERNANDES, 2007, p.52) Mesmo sendo uma questão já desconstruída por muitos teóricos e especialmente pelo Movimento Negro do Brasil, percebe-se uma insistência em afirmar que vivemos em um país de igualdades nas interações sócio-raciais, enquanto a realidade é de desfavorecimento total em relação a uma das partes. É missão de cada filho dessa terra combater a continuidade da disseminação velada das práticas de inferiorização e invisibilização raciais, direcionadas à população negra, nos contextos de interações sociais entre nosso povo. E, mesmo que o protagonismo dessa missão deva ser encabeçada pelo povo negro, concordo com Florestan ao dizer que “será difícil que o governo ou os próprios componentes da ‘população de cor’ consigam êxito diante da indiferença do ‘branco’ nesse assunto. (FERNANDES, 2007, p.52) A população branca, do nosso país, precisa entender que o problema do racismo também é deles.

Precisam ressignificar seu olhar e suas atitudes em favor das causas da população negra. Nesse sentido, são acertadas as palavras de Kabengele Munanga, as quais transcrevemos a seguir:

Além da história, outro fator constitutivo da identidade negra é a cultura (religiões, artes, medicinas, tecnologias, ciências, educação, visões do mundo, etc.) Geralmente, quando se fala dos povos que construíram o Brasil, pensam-se logo em colonizadores portugueses, imigrantes italianos, alemães, espanhóis, árabes, sírio-libaneses, orientais (em especial os japoneses), etc. No imaginário coletivo, acredita-se que os africanos foram trazidos aqui depois de sua captura, apenas como primitivos que chegaram “nus” acorrentados e, como todos os primitivos, não trouxeram nada ao Brasil que importasse para ser considerado como uma contribuição digna de nome. No entanto, os aportes culturais africanos fazem parte do cotidiano de todos os brasileiros: culinário, artes musicais, visuais, religiões populares, breve, estão presentes na maneira de ser brasileiro e brasileira. De fato, a cultura brasileira no plural e sua identidade nacional foram modeladas pelos aportes da população negra. Estas contribuições culturais precisam ser resgatadas positivamente, desconstruindo imagens negativas que fizeram delas e substituindo-as pelas novas imagens, positivamente reconstruídas. É por isso que a Lei Federal 10.639/3 exige que a cultura negra no Brasil seja ensinada na Escola brasileira de maneira positiva e que esse ensinamento possa oferecer subsídios de qualidade capazes de auxiliar no processo de sua identidade. (MUNANGA, 2012, p.11)

Por isso, acreditamos na pertinência do nosso trabalho e na sua importância para se somar a outras vozes e continuar a luta em prol da visibilização do povo negro e de seu legado na formação do Brasil. Demarcar a existência de legados do povo negro é fundamental para estabelecer sua contribuição para a sociedade e cultura brasileiras. E seguir esse propósito, através da Manifestação Folclórica do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, é a nossa intenção.

Assim sendo, ao falar de Folclore, inspirados em Câmara Cascudo (1967), podemos dizer que todos os países do mundo, raças, grupos humanos, familiares, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. ‘Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos e nacionais’. (CASCUDO, 1967, p.9) A esse patrimônio chamamos de Folclore, o qual é “constituído pela maneira de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou a renovação e conservação do patrimônio científico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica”. (ALMEIDA, 1974, p.21). Trata-se de um patrimônio (o folclore) cujas

manifestações, em nosso modo de ver, são os componentes visíveis de mais fácil identificação do modo como foram sendo construída a identidade do povo brasileiro ou aconteceram os processos de identidade vividos por uma sociedade.

O “folclore, sendo uma cultura do povo, é uma cultura viva, útil, diária e natural [e que tem permanência no tempo e no espaço]. As raízes imóveis no passado podem ser evocadas como indagações da antiguidade”. (CASCUDO, 1967, p.12) Constatação que nos assegura a pertinência de adotar uma determinada manifestação folclórica específica – o Bumba-Meu-Boi do Município de Encruzilhada do Sul – como meio de estudo que nos ajudará a tratar da questão do legado multiétnico (com destaque aos elementos afro) no interior dos processos de identidade brasileiros, lembrando ainda, segundo Luiz Câmara, “que o folclore é uma cultura mantida pela mentalidade do homem e não determinada pelo material manejado”. (CASCUDO, 1967, p.10) Diante de uma manifestação folclórica específica e através de todos os elementos e características culturais que a acompanham, podemos perguntar pelos valores e ideias de mundo daqueles que compõem o grupo organizador e daqueles que acolhem, vivem e se envolvem com a experiência da manifestação folclórica em questão.

Quanto pode uma manifestação folclórica revelar a um pesquisador da área das Ciências Sociais? Aqui podemos afirmar que muito, já que são inúmeras as literaturas que nos relatam os empreendimentos de muitos estudiosos (antropólogos, sociólogos, historiadores) brasileiros que, pelo início do século XIX, buscavam explicar a formação do povo brasileiro a partir da sua diversidade cultural, tendo como instrumento de pesquisa o folclore.

Mário de Andrade, na busca de uma interlocução com as ciências sociais e humanas que então se estruturavam no Brasil, propôs ‘acabar com a falta de cientificidade’ no trato com o folclore. Para tanto organizou o curso de formação de folcloristas, ministrado pela antropóloga Dina Levi Strauss e criou a Sociedade Brasileira de Etnografia e Folclore. (SOARES, 1983 apud FRADE, 2010, p.42)

Ainda a esse respeito apresentamos as seguintes palavras de Igor Mello Diniz,

A Sociedade de Etnografia e Folclore foi fundada por Mário de Andrade enquanto chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, e teve como membros-fundadores pesquisadores das primeiras turmas de cientistas sociais nos cursos universitários paulistas. Assim, estabelece-se uma ligação primária entre os grupos do Movimento Folclórico e dos cientistas sociais de então.

Este movimento ultrapassava as fronteiras da SEF, tanto institucionalmente quanto temporalmente. Comenta-se (Cavalcanti et al. 1992) que antes mesmo da fundação desta sociedade por ocasião da gestão de Mário de Andrade no Departamento de Cultura, pesquisadores como Sílvio Romero e Amadeu Amaral – em gerações diferentes – mobilizaram, com “outros personagens menores” (1992:102), a categoria folclore como possibilidade de encontrar uma natureza peculiar do que é “ser brasileiro”. Para estes autores, estes dois personagens principais, juntamente com o escritor Mário de Andrade, teriam sido os precursores e maiores defensores do Folclore enquanto uma disciplina científica. (DINIZ, 2010, p.133)

Também são interessantes as informações apresentadas por Dione Raizer em sua pesquisa sobre o “Boi-de-mamão” ao falar do Folclore como instrumento e objeto de investigação no Brasil. Ela nos informa o seguinte:

Em 1948, com a criação da Comissão Nacional de Folclore pode-se dizer que se iniciam as tentativas do estudo organizado do Folclore brasileiro em quase todas as regiões do País. Assim, as comissões estaduais, fazendo parte do Conselho Nacional de Folclore, assumem as diretrizes assinaladas na busca das identidades pelo resgate das tradições populares, tendo a necessidade de coletar o maior número possível de manifestações populares.

Os estudos folclóricos fizeram parte de uma política nacional de elaboração e da caracterização de uma identidade nacional, haja vista o crescente processo de modernização do País intensificado por uma política desenvolvimentista e de um acelerado processo de modificações sociais pela produção.

A preocupação com a identidade nacional passa a ser o fio condutor na elaboração de uma cultura brasileira como proposta de estabelecer uma tradição nacional, sendo essa tradição o resultado de diferenças entre as contribuições culturais de outras origens. "O português, o negro e o índio, com seus cruzamentos ou não, dão-nos o substancial do folclore brasileiro; significam as próprias origens do nosso folclore". (RAIZER, 2008, pp.38-39)

Como podemos ver, “o Folclore, sendo uma ciência, estuda práticas e fatos que, cientificamente, podem ser defensáveis”. (EDELWEISS, 2001, p.33) E dessa forma,

A atividade do folclorista seria o registro do folclore, sua descrição, sua classificação, o levantamento de filiações históricas e erudições sobre determinadas práticas folclóricas, agindo ‘como alguém que focaliza,’ descreve e interpreta o folclore com espírito de sistema e objetividade. (FERNANDES, 1961, p. 461).

Hoje, como antes, também é possível encontrar uma grande quantidade de trabalhos e estudos, sobre variados temas, que fazem uso de manifestações folclóricas brasileiras como instrumento analítico de seus temas de pesquisa. Aqui é nosso interesse destacar a utilização

das manifestações folclóricas do *Folguedo* do Bumba-meu-boi² como meio de estudo em áreas de pesquisas que buscam conhecer sobre o povo e sua cultura no Brasil. Pois, como afirma Vilani Maria, citando Mário de Andrade,

O bumba-meu-boi, sobretudo, já era bem caracteristicamente e livremente nacional, pouco lembrando as origens remotas d'além-mar e celebrando o animal que se tornara o substituto histórico do Bandeirante, e maior instrumento desbravador, socializador e unificador da nossa pátria, o Boi. (ANDRADE, 1939 apud PÁDUA, 2010, p.65)

É possível encontrar diversas literaturas que tratam da identidade, das questões sociais, políticas, econômicas, religiosas e existenciais do povo brasileiro por meio dos estudos e investigações sobre esse folguedo. E, a título de exemplificação, gostaríamos de citar, entre outros, cinco pesquisadores contemporâneos que se dedicaram aos estudos sobre o Bumba-meu-boi como meio de análise para tratar e conhecer os porquês das características socioculturais de determinados lugares e/ou grupos de pessoas e população. São eles: Lady Selma Ferreira Albernaz, Rui Manuel Senico Carvalho, Dione Raizer, Daniel Pinto Gomes e Luciana Coin de Carvalho.

Neste ponto, antes de apresentar as propostas e linhas de pesquisa dos acima citados pesquisadores contemporâneos, consideramos ser pertinente fazer memória à dedicação de um dos grandes folcloristas brasileiros à catalogação e estudo do *folguedo do Bumba-meu-boi* no

² Folguedo representado nos terreiros dos engenhos e pátios das fazendas desde o século XVII, negros, índios e brancos, estavam obrigatoriamente ligados ao boi na feitura do país, cabendo principalmente ao negro dar trato ao animal. Para Leal (1982, p. 75), o Bumba meu boi é tema Pastoril, “pode ter sido ligeiramente influenciado por algum toque africano, em vista da origem de seus elaboradores e protagonistas, mas é inteiramente nacional. É do ciclo do boi, do couro, dos currais”. (Cf. GOMES, Daniel Pinto. *Boi Juventude e o Folclore do Bumba Meu Boi no Grande Pirambu*. Dissertação. Universidade Federal do Ceará: Faculdade de Educação Fortaleza, 2013, p.17)

O enredo da festa do Bumba meu boi resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado, e escravidão.

Numa fazenda de gado, Pai Francisco mata um boi de estimação de seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que almeja comer língua de gado. Quando descobre o sumiço do animal, o senhor fica furioso e, após investigar entre seus escravos e índio descobre o autor do crime e obriga Pai Francisco a trazer o boi de volta.

Pajés e curandeiros são convocados para salvar o escravo e, quando o boi ressuscita urrando, todos participam de uma enorme festa para comemorar o milagre. (Cf. LOBÃO, Raimunda Nonata Reis. *O Bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão*. Dissertação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Centro de Educação e humanidade – Instituto de Letras. Rio de Janeiro, 2012, p.17)

Brasil. É ele: Luiz da Câmara Cascudo. Este estudioso do folclore brasileiro, igualmente à outra grande autoridade nesse tema (Mário de Andrade), fala do “Boi” presente do norte ao sul do país, desde as zonas açucareiras, até as zonas pastoris, mostrando-nos, por meio da apresentação das características de cada manifestação de “Bois” pelo país, as várias caras de *brasis* que formam a cara do grande Brasil.

Voltando aos nossos selecionados pesquisadores contemporâneos sobre o Bumba-Meu-Boi, iniciamos com Lady Selma Ferreira Albernaz, a qual nos brinda com o trabalho intitulado de, “*O ‘Urrou’ do Boi em Atenas: Instituições, Experiências Culturais e Identidade no Maranhão*”. Uma tese de doutorado em ciências sociais, apresentada ao departamento de antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas. Nesta pesquisa a autora procura compreender o processo de formulação de identidade maranhense, informada por configurações simbólicas distintas historicamente. Questões são identificadas nas festas populares, de modo especial os festejos do Boi, promovidas por instituições culturais para os locais e para os turistas, enfocando disputas políticas, simbólicas e econômicas que perpassam os eventos, e destacando os distintos agentes neles envolvidos.

O texto de Luciana Coin de Carvalho é uma dissertação de mestrado. Tem como título: “*O Bumba Meu Boi do Grupo de Danças Brasileiras Gracinha: uma experiência de arte-educação*”. Neste trabalho a autora apresenta a experiência do Grupo de Danças Brasileiras Gracinha, formado por crianças e jovens que frequentam o Centro de Convivência Gracinha, no bairro Jd. Campo Belo, em São Paulo. Ela informa que esse grupo realiza, há treze anos, apresentações de danças brasileiras, sendo o Bumba meu boi o folguedo que deu início às suas atividades e continua sendo a de maior destaque e importância. Assim, ela procura colocar essa experiência no centro de uma reflexão sobre a presença das manifestações da cultura popular em projetos sociais e educacionais.

A tese de Doutorado, “*Parintins: Boi-Bumbá e Afirmação Identitária - Discurso, Representações, Sonoridades e Identidade no Amazonas Contemporâneo*”, de Rui Manuel Senico Carvalho, analisa as transformações operadas no Boi-Bumbá de Parintins, em particular o papel desempenhado pela toada, nos processos de apropriação e ressemantização de signos selecionados do auto-do-boi, explicitando a construção de sentido, no âmbito da produção de uma identidade regional. Como é o caso da substituição do arquétipo morte/renascimento pela

chamada “celebração folclórica”, acompanhada pela exaltação de personagens regionais, mediatizadas pelos signos “índio” e “caboclo”, os quais operam como protótipos dos discursos e da configuração estética do evento.

A pesquisa de mestrado de Dione Raizer: “*Boi-de-Mamão: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil*”, está centrada em uma unidade de educação infantil da rede regular pública municipal de Florianópolis, buscando investigar as relações constituídas entre uma prática cultural de rua e uma prática educativa no espaço de educação. Em seu trabalho ela pontua, a partir da organização de projetos pedagógicos, a construção dos diálogos com a cultura popular. Mais especificamente, a pesquisa busca a compreensão entre as relações educativas da brincadeira do boi-de-mamão, enquanto manifestação popular, dentro do chão da escola de educação infantil. Tudo isso, valendo-se dos relatos orais de antigos brincantes do grupo de boi-de-mamão do Itacorubi, de seus antigos moradores, de profissionais e de famílias da unidade educativa investigada a fim de tratar dos diálogos propostos entre a cultura popular, a educação infantil, a formação dos profissionais, a participação das famílias, delimitando as (re)significações de qualidade no processo de formação das crianças como sujeitos ao usufruírem dessas relações.

No trabalho de dissertação intitulado “*Boi Juventude e o folclore do Bumba meu boi no Grande Pirambu*”, Daniel Pinto Gomes busca responder à indagação de como se dá o processo de formação cultural nas atividades do Boi Juventude na comunidade do Grande Pirambu. Assim, busca analisar a configuração do folclore do Bumba meu boi nesse periférico bairro de Fortaleza, através das vozes e dispositivos institucionais utilizados pelos brincantes de “Boi” da região, no processo de criação e recriação do mesmo. O autor chega à conclusão que o Bumba meu boi do Grande Pirambu se configura como um catalisador na promoção da identidade cultural daquela população, legitimando, através do folclore do “Boi”, um processo educativo desenvolvido no âmbito da informalidade... Para ele o folclore do “Boi” no Grande Pirambu acrescenta suas especificidades ao contexto histórico e social da região.

É nesse universo de recorrentes estudos sobre a manifestação folclórica do Bumba-Meu-Boi no Brasil - seja para aprofundar sobre a própria cultura popular brasileira, seja para se aproximar de outros temas - que se insere nosso texto de dissertação, por meio do qual nos dedicamos ao estudo e pesquisa da manifestação folclórica do *Bumba-Meu-Boi* entendendo-o

como instrumento possuidor de elementos culturais, em sua configuração de folguedo, que nos ajuda a encontrar e tornar visíveis as contribuições afrodescendentes no conjunto das características identitárias multiétnicas do povo brasileiro.

Mais especificamente, o nosso trabalho está centrado em um estudo de caso sobre *A Festa do Bumba-Meu-Boi no município de Encruzilhada – RS, na perspectiva de averiguar tudo aquilo que torne possível identificá-lo como expressão de visibilidade da contribuição multiétnica - com destaque à afrodescendente - na formação da identidade do povo brasileiro, frequentemente, brancoreferencializada na Região Sul do Brasil.*

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo apresenta o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, sua origem histórica e seu contexto geográfico.

O segundo capítulo, procurando conhecer os elementos históricos do Rio Grande do Sul que favoreceram a existência do “Boi” naquela cidade riograndense. Realiza um exercício de digressão historiográfica que nos ajudou a selecionar e apresentar alguns vestígios da presença e atuação dos africanos e seus descendentes, desde os primórdios fundacionais desse Estado do Sul do Brasil.

O terceiro capítulo trata das questões referentes à característica outsider presente na realização e pertença de uma manifestação folclórica com fortes características nordestinas e afroameríndias (“Festa do Boi” de Encruzilhada do Sul), numa cidade do Sul do Brasil. Destacamos também, nesse capítulo, a temática sobre “*Resistência Negra*” que o “Boi” encruzilhadense permite evocar por meio da sua existência e sua performance outsiders no contexto cultural gaúcho.

O quarto capítulo se dedica a averiguar questões sobre possíveis processos de identidade e/ou processos de alienação acontecendo no entorno do nosso Bumba-Meu-Boi gaúcho, tanto num contexto *ad intra*, quanto num contexto *ad extra* da existência, da realização de atividades e da continuidade da “Farra do Boi” no município de Encruzilhada do Sul e, respectivamente, no Estado a que essa cidade pertence.

CAPITULO I

O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA³ DO SUL

1.1 A cidade



Figura 1: Mapa do Rio grande do Sul, em 3D, destacando a região do Vale do Rio Pardo, onde está situado o município de Encruzilhada do Sul. (Figura extraída da internet: <https://issuu.com/coredevrp>)

A cidade de Encruzilhada do Sul é um dos 497⁴ municípios que integram o Estado do Rio Grande do Sul. Conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), este município possui, estimadamente, uma população de 25.971 pessoas. Ele faz parte da mesorregião Sudeste Rio-Grandense e microrregião do Vale do Rio Pardo. Sua área total é de

³ No contexto da nossa temática, não podemos deixar de pontuar o quanto é mobilizadora e simbólica a palavra “Encruzilhada”, enquanto termo que também nos ajuda a pensar: “*lugar de encontros, de passagens, de trocas, de possibilidades, etc.*”

⁴ O Rio Grande do Sul é o 5º maior estado do Brasil, com extensão territorial de 281.730,2 km², ocupando mais de 3% do território brasileiro. Dividido em 497 municípios, possui 11,3 milhões de habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/geografia>> (Acesso em 15/04/2019.) *Grifo nosso.*

3.348,447 Km², tendo limites com os municípios de Cachoeira do Sul, Canguçu, Santana da Boa Vista, Dom Feliciano, Amaral Ferrador, Pantano Grande, Piratini e Rio Pardo.

Numa perspectiva mais histórico-fundacional, no livro intitulado de “*Aspectos Gerais de Encruzilhada do Sul*”, o historiador Fortunato Pimentel nos informa que “o município de Encruzilhada do Sul, desanexado de Rio Pardo, foi criado por lei provincial n. 178, de julho de 1849, instalando-se em 2 de Janeiro de 1850”. (Pimentel, 1949, p.9)

A leitura dessa mesma obra de Fortunato Pimentel, citada no parágrafo anterior, leva-nos a tomar conhecimento que Encruzilhada do Sul começa a ser formada a partir do deslocamento de colonizadores vindos de Rio Pardo. Eram açorianos, lagunenses e, também, indígenas oriundos do território das Missões Jesuíticas, que se dirigiram a essas paragens nos idos de 1781. Aí se formou um povoado no qual foi levantada a Capela em honra a Santa Bárbara de Encruzilhada do Sul. Santa que também emprestou seu nome ao povoado nos primeiros anos de sua existência, escolhido por ser ela, igualmente, a padroeira do Destacamento Militar dos Dragões de Artilharia que defendeu o local de uma invasão espanhola. A respeito desse tema, abaixo segue um trecho da fala de Pimentel:

Nos últimos anos do século 18 erigiu-se aqui um oratório em honra de Santa Bárbara, criando-se a paróquia por Alvará de 18 de novembro de 1819, com uma população de cerca de duas mil almas. O nome – Encruzilhada – proveio da sua situação num cruzamento de estradas, exatamente num divisor de águas dos rios Jacuí e Camaquã. Aos poucos foi crescendo a já então freguesia e, como é natural, nasceu nos seus habitantes a aspiração municipalista, embora sem a autonomia que somente a República devia trazer 50 anos depois. Parainfou a ideia o Desembargador PEDRO RODRIGUES FERNANDES CHAVES, depois BARÃO DE QUARAÍ, deputado provincial e figura de grande projeção na política do Império. Deve-se aos seus bons ofícios a criação do município, por Lei n° 178 de 19 de julho de 1849, procedendo-se logo em seguida à eleição dos vereadores que deveriam compor a primeira Câmara Municipal. (PIMENTEL, 1949, p 27)

No mais, considerando a perspectiva contemporânea das informações sobre essa cidade, mesmo que algumas informações se mostrem repetitivas, entendemos ser pertinente transcrever aqui o conteúdo da apresentação do Município de Encruzilhada do Sul registrado no site oficial da sua prefeitura.

O primeiro nome foi Santa Bárbara de Encruzilhada. No decorrer dos anos de 1715 até 1766 os primeiros habitantes instalaram-se no Capivari, região que hoje fica a alguns quilômetros da cidade.

Surgiram na campanha os primeiros estabelecimentos pastoris, formados por uma vanguarda de missionários e índios, que lutaram juntamente com guardas que protegiam a Província das invasões espanholas. Domingos Bitencourt fez doação de uma parte de terras ao governo, onde fica a cidade de Encruzilhada do Sul, para que fosse construída uma Freguesia. Começou, então, a chegada dos primeiros povoadores de Rio Pardo, São Paulo, Açores e Laguna. Estes pioneiros instalaram-se onde hoje existe a atual Praça Barão do Quaraí, no qual abriram um caminho até a capela de Santa Bárbara. Hoje este caminho é a Av. Rio Branco, que nos meados de 1850 chamou-se de Rua Direta. Em 1799 o povoado é elevado à condição de Capela Curada e em 1837 passou a condição de Freguesia.

A lei nº 178 de 19 de julho de 1849, assinada pelo Tenente General Francisco José de Souza Soares de Andréa, deu autonomia política ao município, tendo sua primeira Câmara de Vereadores instalada no ano seguinte. Era criado então o município de Encruzilhada.

Na data de 26 de novembro de 1857, uma lei provincial criou o núcleo colonial de São Feliciano, 5º distrito de Encruzilhada, que hoje é a emancipada cidade de Dom Feliciano.

Em 1938, Encruzilhada foi elevada à cidade, começando a se chamar Encruzilhada do Sul sete anos depois.

É um município de temperatura amena, localizado na Serra do Sudeste.

Nestes 164 anos, a identidade cultural de Encruzilhada do Sul é o Carnaval e a Festa do Bumba-Meu-Boi e a identidade econômica está voltada para a ovinocultura, fruticultura e o florestamento.

O município teve forte colonização alemã e polonesa.

O habitante mais ilustre de Encruzilhada, hoje Encruzilhada do Sul, foi o líder negro João Cândido Felisberto.⁵

Diante do texto acima citado, podemos ver apresentado o modo como o Município de Encruzilhada do Sul se lê e se diz a partir da perspectiva de suas lideranças, de seus formadores de opinião e de sua equipe de governo atual, já que é no site oficial da Prefeitura Municipal que encontramos tal conjunto de descrições e afirmações sobre a cidade. É também notório que, no contexto do conteúdo relacionado à formação histórica do município, há bastante confluência com as nossas descrições acerca dessa mesma cidade. Ademais, nosso maior destaque é destinado à autodefinição do município, afirmando que “*a identidade cultural de Encruzilhada do Sul é o Carnaval e a festa do Bumba-Meu-Boi*”. Este último, objeto de estudo de caso da nossa pesquisa. Saber como e porque o “Boi” se torna uma festa importante no município é um dos nossos interesses.

Acompanhando os conteúdos veiculados pelo site da prefeitura municipal de Encruzilhada do Sul, encontramos muitas notícias a respeito dos vários momentos de atividades e atuações do “Boi de Encruzilhada” dentro e fora do município.

É sobre o Bumba-Meu-Boi encruzilhadense que nos dedicaremos a seguir

⁵ CF:< <https://www.encruzilhadosul.rs.gov.br/prefeitura/historia/>> Acesso em 15/04/2019.

1.2 O “Boi” de Encruzilhada do Sul



Figura 2: O “Boi”, o Mestre Firmino, o grupo organizador e alguns encruzilhadenses pelas ruas da cidade. (Fotografias coletadas do acervo da Família Silveira)

Tradicionalmente, a festa do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul é realizada em todo primeiro sábado após o carnaval.

A partir de testemunhos de muitos encruzilhadenses e pelo fácil acesso a inúmeros registros midiáticos sobre o “Boi”, pode-se afirmar que a forma contemporânea de como se dá a festa do Bumba-Meu-Boi encruzilhadense iniciou lá pelos fins da década de 1960 por dois filhos da terra chamados: Firmino Silveira (de descendência portuguesa, italiana e indígena) e Humberto Castro Fossa (de descendência ibérica e italiana). Hoje, todos os dois fundadores desta ilustre festa do folguedo do “Boizinho de pano” já se encontram falecidos, ficando para o senhor Diogo Silveira Kucharski, neto do Mestre Firmino, a missão de manter viva esta tradição. E, assim, junto com sua equipe, desde o ano de 2007 o Diogo tem garantido a saída do mais querido “Boi” do município pelas ruas da cidade encerrando a temporada do carnaval. Mas também, é do conhecimento de muitos encruzilhadenses mais antigos que bem antes de seu Firmino quem organizava a Brincadeira com o “Boi” era um grupo familiar do antigo bairro

Aldeia Nova (hoje bairro Lava-pés): a Família Mota (seu Heitor, Paulo, Barcelos e amigos). Porém, durante muitos anos a Festa ficou esquecida até que o Mestre Firmino decidiu resgatá-la, como nos relata uma matéria do jornal encruzilhadense: *Correio Popular*:

O aposentado Firmino Silveira, quando criança, acompanhava entusiasmado a brincadeira nas ruas, mas, depois de adulto, viu a tradição ser esquecida. Para impedir que ela fosse definitivamente perdida, como aconteceu nos demais municípios do Estado, os quais a cultivavam, Firmino decidiu fazer o boi renascer. Foi então que juntou um grupo e levou a festa de volta às ruas. (JORNAL CORREIO POPULAR ENCRUZILHADENSE, 10/02/2007)

Em seu artigo, “*Folclore brasileiro: o Bumba-meu-boi de Norte a Sul do país*”, Renate Ritzel Melgar narra que “oficializada pela Prefeitura Municipal em 13 de fevereiro de 1991, a festividade faz parte do calendário oficial de eventos de Encruzilhada do Sul e é uma das comemorações mais populares do município e região”. (MELGAR, 2009)

O Mestre Firmino Silveira organizou a festa por mais de 50 anos, e em 2007, ano do seu falecimento, a farra do boi passou a ser conduzida por seu neto, Diogo Silveira Kerchanski. A apresentação consiste em brincadeiras, correrias e travessuras, que tem a participação de crianças jovens e adultos. O município, atualmente, é o único a preservar a tradição do folguedo no Estado. Não há dados de quando começou essa festa, por certo já é realizada a mais de 150 anos, data essa que marca os festejos do carnaval no município. (JORNAL CORREIO POPULAR ENCRUZILHADENSE, 15/02/2008)

Mas, como é que tudo começou?

Segundo testemunhos, especialmente de familiares mais próximos do Mestre Silvano, a brincadeira do “Boi” começou, despreziosamente, no quintal da casa da família e passando depois a ocorrer na rua em frente casa, momento em que começou a conquistar a estima do povo, a qual crescia a cada ano.

Conversando com um familiar do Mestre Silvano colhemos as seguintes informações sobre o início da Farra do Boi:

“*Viu! Era um boizinho bem feio... Era uma cabeça feia... pode ver, era um boi bem feio*”
(relata a entrevistada, mostrando umas fotos antigas do “Boi”)

“Ele enchia aí na frente de bandeira... esse dia para ele era uma festa”

“Era como ele dizia, vamos fazer uma brincadeira, vamos fazer um boizinho... vamos correr as pessoas para ver se vai dar certo alguma coisa... e ele gostava, né! E ele tocava gaita... era aquela função... gostava muito de uma gaita!

“Ai foi crescendo e seu Humberto [Fossa] disse: peraí que vou te ajudar”

(Entrevista com uma familiar - 17/04/2019)

Se valendo da credibilidade das informações transmitidas pela tradição oral, especialmente quando está se tratando de temas enraizados na cultura popular, podemos falar que quando se trata dos primórdios da chegada do Bumba-Meu-Boi por essas paragens, acredita-se que ele é uma herança trazida pelos portugueses-açorianos a vários os municípios do Sul do Brasil, mas que sua tradição foi se perdendo com o tempo, sendo atualmente festejado apenas em Encruzilhada do Sul.

Sobre a origem do “Boi” de Encruzilhada, numa perspectiva do horizonte da tradição oral, temos o seguinte testemunho:

“Ele foi trazido para Encruzilhada através dos açorianos que folcloram nosso município... trouxeram primeiro para o nordeste e depois veio descendo até o Rio Grande do Sul... Representa o resgate dessa nossa cultura que já esteve esquecida e retornou as ruas... é uma festa folclórica muito movimentada, muito barulhenta e que os encruzilhadenses gostam muito, apreciam muito”.

(Entrevista com uma ex-coordenadora do Departamento de Cultura do município de Encruzilhada do Sul – 11/02/2017)

Um interessante testemunho sobre as possíveis origens do Bumba-Meu-Boi pela Região Sul do Brasil está relatado no trabalho de Dione Raizer intitulado *“Boi-de-mamão: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil”*. De lá recortamos a entrevista que Dione fez com o museólogo Gelci Coelho dos Santos e a transcrevemos aqui:

Para o museólogo Gelci Coelho dos Santos, o Peninha, estudioso da cultura açoriana na Ilha: "Sabes [...] então eu tenho uma hipótese como apareceu, [...] que nos meses de dezembro e janeiro, no Norte do Brasil era muito quente, da

feira natalina, e os senhores relaxavam as senzalas, só que as senzalas congregavam africanos de várias etnias, eles entre si não se entendiam nem na língua, nem nas culturas, mas uma coisa é universal, o culto ao touro, como símbolo de fertilidade, de vigor, é arcaico essa coisa do touro, nós vamos buscar isso em arqueocivilização, essa relação homem/animal, ele é transformado num deus animal, é cultuado, [...] então é um culto universal de deificação de um animal, porque ele é suporte, garantia de força de trabalho, de alimento, tudo... do boi não se perde nada, tudo é aproveitado em benefício do homem... enfim, então, é um animal realmente sagrado [...] eles aproveitam para fazer folga... acredito, eles faziam uma armação e ficavam brincando ali, faziam as batucadas, essas batucadas atraíam os índios pra ver, e os jesuítas devem ter percebido e transformado aquilo num auto para catequizar, e a coisa mais importante para a catequização é tentar falar da morte e ressurreição, que é a grande questão cristã. Então aí eles aproveitam isso e fazem o boi morrer, mas ressuscitar, pra tentar explicar o processo de ressurreição. Não sabemos, isso não foi registrado, o fato é que se brincava lá e se espalha, perde o domínio dos jesuítas, cai no gosto popular e se dilui no Norte inteiro; bumba-meu-boi, boi-bumbá, boi-estrela, boi-pintadinho, boi-calenga e vai e agora como vai aparecer aqui ainda com esse nome diferente [...].

Então tem folguedo do boi no Brasil inteiro com nomes diferentes, então eu acredito, porque tinha a guerra do Paraguai muito próxima. O Norte era convocado para a guerra, eu era convocado, mas eu mandava o meu representante, o meu escravo no meu lugar, com a promessa que dava a alforria quando terminasse a guerra, quando terminou a guerra do Paraguai essa gente toda que já se sentia alforriada devia voltar lá pro Norte, vai voltar pro Norte de a pé, como tu ias voltar? Eles ficaram por aí, depois ganharam na coisa, tentam fazer aquelas festas, aqueles folguedos que eles tinham hábito lá no Norte, só que aqui não há grupos completos de pessoas, acaba surgindo uma outra coisa, é nessa outra coisa que aparece, é boi-de-pau, boi-de-palha, boi-de-pano e depois que ganha esse nome que eu tô discutindo, a possibilidade de ser desde o Maimonedes, o boi-fingido, o boi-mamado, o boi-de-saião, o boi-de-salão e vai, pode ter até outras explicações" (Peninha. Entrevista concedida em 17 jul. 2007). (RAIZER, 2008, p.20)

Entretanto, quem nos traz uma evidência historiográfica sobre a existência do folguedo do Bumba-Meu-Boi no sul brasileiro, lá pelos idos do terceiro quartel do século XIX, é o ensaísta gaúcho Sergio da Costa Franco. No livro *“Gente e Coisas da Fronteira Sul”*. Este autor separa um capítulo para tratar da descoberta da existência de um festejo de Bumba-Meu-Boi no município de Jaguarão. Em um determinado trecho do capítulo, ele escreve:

A pesquisa em jornais antigos nos leva algumas vezes a achados muito curiosos, já em um número de ‘Atalaia do Sul’ de 10 de janeiro de 1869 (da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul), encontramos notícias sobre a presença, em Jaguarão, de um dos mais celebrados espetáculos folclóricos do Brasil: o ‘bumba-meu-boi’. (FRANCO, 2001, p 75)

E, na continuidade da pesquisa sobre esse tema do Bumba-Meu-Boi em Jaguarão, Sergio da Costa Franco se depara com um ensaio (“Folclore Gaúcho”), do folclorista Paixão Cortês, onde encontra um capítulo sobre o Bumba-Meu-Boi no qual se “refere à presença desse divertimento do BOIZINHO em Viamão, em Vacaria, em Santo Antônio da Patrulha, e na região entre Torres e Osório, mais, no período carnavalesco, em Encruzilhada do Sul”. (FRANCO, 2001, p 78)

Dessa forma, fica confirmada, com tal declaração, que a celebração do Bumba-Meu-Boi já foi comum em diversos municípios riograndenses há alguns anos atrás.

Ainda no campo das origens da festa do Bumba-Meu-Boi na Região Sul do Brasil, mesmo que falando mais especificamente do município de Jaguarão, Franco acrescenta a hipótese desse festejo ter descido da região Nordeste e chegando a terras sulinas por meio de soldados nordestinos. Relato que se aproxima das falas registradas acima (a de uma das nossas entrevistadas e a do museólogo Peninha), que também postulam a chegada da brincadeira do “Boi” primeiro no Nordeste, para depois descer até o Sul. Do Sérgio transcrevemos a seguinte descrição:

A sequência de nossas pesquisas sobre o passado jaguarense levou-nos a um fato que justifica levantar uma hipótese explicativa para introdução do ‘bumba-meu-boi’ em Jaguarão com nome e estilo nordestinos. Em unidade de infantaria que durante o século XIX serviram na guarnição daquela cidade [Jaguarão], figurou número considerável de soldados oriundos de Pernambuco, Bahia, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, etc.. Comprovamos esse fato através do exame de processos criminais recolhidos ao Arquivo Público do Estado. Entre 1860 e 1862, achava-se em Jaguarão o Batalhão da Infantaria nº 12 que, presumimos, tenha sido transferido do Nordeste para a Fronteira Gaúcha. (FRANCO, 2001, p 79)

Conjecturamos aqui, ser essa festividade do Bumba-Meu-Boi, a qual muitos acreditam já ocorrer a mais de 150 anos atrás no Estado do Rio Grande do Sul, que foi resgatada no município encruzilhadense, realizando-se até os dias de hoje carregada de particularidades. Isso porque, sabemos que o Bumba-Meu-Boi espalhado pelo Brasil a fora se adapta à realidade de cada lugar e de cada região. Olhando para o festejo do Bumba-Meu-Boi de Parintins, do Bumba-Meu-Boi do Maranhão, do Bumba-Meu-Boi de Mamão em Santa Catarina, vemos se confirmar que “não há modelo fixo para o folguedo que modifica [suas datas festivas], seu enredo e seus personagens de região para região”. (FRANCO, 2001, p.78) Em meio a essas

diferenciações, entretanto, onde quer que exista o território brasileiro, o Bumba-Boi tem um ponto em comum: encarna comprovadamente um dos mais populares exemplos do teatro popular nacional que é a capacidade de adaptação às peculiaridades regionais.

Humberto Castro Fossa, historiador e cofundador do Bumba-Meu-boi encruzilhadense, demonstrando ter pesquisado sobre o tema do “Boi”, afirma, em uma matéria do JORNAL 19 DE JULHO (jornal local), que

Aqui em Encruzilhada, o Bumba-meu-boi é conhecido há mais de cem anos. Entrevistamos pessoas idosas que viram esta festa no começo do século.

Lá pelo Norte do país, como muitos devem ter visto através da televisão a festa muitas vezes se resume na apresentação do Boi e de figuras como o cavalinho, o urubu, a dona Maria, o Pai Francisco, índios, etc., todos cantando e dançando. Mas, aqui em Encruzilhada a tradição faz com que a apresentação de um boi de arame e pano seja diferente. Ele vai às ruas, comandado por Firmino Silveira, e corre, atropela, brinca e agita a cidade na maior e mais movimentada festa popular que aqui se realiza todos os anos. (JORNAL 19 DE JULHO, 06/03/1993)

Apontada, de modo especial, em minhas pesquisas de campo por meio da observação participante durante a preparação e a saída do “Boi” nos anos de 2018 e 2019, posso afirmar que a festa do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul realmente se diferencia das demais regiões do País. Ela é nomeada, por muitos gaúchos, de a “Farra do Boi”, pois a brincadeira acontece com o “Boi” correndo atrás do povo, escarrerando⁶ os brincantes pelo meio da rua.

Uma outra característica que trazemos aqui, diz respeito ao nome do “Boi”. Podemos observar que nas diferentes regiões do país temos maneiras particulares de chamar o Boi: Boi pintado, Boizinho, Bumbá, etc. E, em muitos casos, o Boi leva o nome do lugar ou da pessoa que o organiza. No caso do “Boi” com o qual trabalhamos, ele recebe o nome da sua cidade de origem: O Bumba-Meu-Boi de *Encruzilhada do Sul*.

O “Boi” é confeccionado com uma armação de varas de ferro, coberta de tecidos e alguns adereços. Sendo que a cabeça é constituída de uma autêntica caveira de boi forrada de

⁶ Numa interpretação livre, Escarrerar é uma palavra muito usada nas cidades do interior do Nordeste brasileiro para designar o “ato de correr atrás de um indivíduo, fazendo-o correr também, atitude realizada especialmente por parte de animais”. Daí vem a ser usual dizer que o “Boi escarrera os brincantes”, nos momentos da *Brincadeira* em que o bichinho de pano corre atrás das pessoas ao seu redor.

(Cf.: <https://www.dicionarioinformal.com.br/escarrerar/> - Acessado em 28/05/2019)

tecido e os chifres, também originais, levam fitas, guizos e cincerros⁷ de bronze para fazer barulho.

Os personagens que compõem o Bumba-meu-Boi de Encruzilhada são: 1) o Boi, como personagem principal; 2) o Tropeiro, que comanda a apresentação; 3) o Veterinário, que encena a ressuscitação do Boi; 4) os Campeiros, que funcionam como uma espécie de segurança para manter a ordem e proteger o Boi dos assédios exagerados de alguns dos brincantes.

A “Farra do Boi”, em Encruzilhada do Sul costuma começar na rua 4 de Dezembro quando o “Boi” sai de uma casa onde residiu o Mestre Firmino Silveira. Depois continua percorrendo muitas outras ruas até chegar à praça central da cidade: Praça Dr. Ozy Teixeira. No caminho, além de escarrerar os brincantes, o animal deita-se na frente de casas e estabelecimentos comerciais como se estivesse morto. Um suposto veterinário pede contribuições, que normalmente são bebidas, para salvar o pobre coitado do animal. Quando o pedido é atendido, o médico simula uma injeção e o “Boi” ressuscita, dando um pulo e correndo na direção de todos, fazendo o povo rir e correr. Nesse seu trajeto, o “Boi” é acompanhado por muitas crianças e adolescentes, homens e mulheres, até chegarem ao centro da cidade.

Por meio da nossa observação participante foi possível comprovar, também, que o “Boi” de Encruzilhada carrega consigo uma das principais características do folguedo Bumba-Meu-Boi, que é a participação popular. Aqui o brincante também é personagem importante. Ninguém é apenas expectador, mas sim participante da festa. Todos podem e participam junto com o “Boi” de suas peripécias e brincadeiras.

CAPITULO II

O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL AUMENTANDO A LENTE E VISIBILIZANDO A PRESENÇA DO NEGRO NA FORMAÇÃO DO RS

⁷ Cincerro: Campanha grande pendente do pescoço da besta que serve de guia às outras. (Cf.: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. 5ª Ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 498).

CENSO DA POPULAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, POR ZONAS, SEGUNDO A CONDIÇÃO DA POPULAÇÃO PRESENTE EM 1814 ⁽¹⁾

| | Brancos | Indígenas | Livres | Escravos | Recém-nascidos | Total |
|---------------------------------------|---------------|--------------|--------------|---------------|----------------|---------------|
| Freguesia de Viamão | 1.545 | 11 | 188 | 908 | 160 | 2.812 |
| Santo Antônio da Patrulha (freguesia) | 1.706 | 8 | 330 | 961 | 98 | 3.103 |
| Conceição do Arroio | 837 | 19 | 180 | 538 | 74 | 1.648 |
| São Luiz de Mostardas (freguesia) | 723 | 5 | 68 | 281 | 74 | 1.151 |
| N. S. dos Anjos (aldeia) | 1.292 | 256 | 233 | 716 | 156 | 2.653 |
| Porto Alegre (cidade) | 2.746 | 34 | 588 | 2.312 | 431 | 6.111 |
| S. Bom Jesus de Triunfo (vila) | 1.760 | 55 | 240 | 1.208 | 193 | 3.456 |
| Santo Amaro (vila) | 953 | 27 | 66 | 773 | 65 | 1.884 |
| São José do Taquari (fazenda) | 1.092 | 42 | 67 | 433 | 80 | 1.714 |
| Rio Pardo (cidade) | 5.931 | 818 | 969 | 2.429 | 298 | 10.445 |
| Cachoeira (vila) | 4.576 | 425 | 398 | 2.622 | 204 | 8.225 |
| Piratini (vila) | 1.439 | 182 | 335 | 1.535 | 182 | 3.673 |
| Pelotas | 712 | 105 | 232 | 1.226 | 144 | 2.419 |
| Rio Grande (cidade) | 2.047 | 38 | 160 | 1.119 | 226 | 3.590 |
| Missões (povos) | 824 | 6.395 | 77 | 252 | 403 | 7.951 |
| Total da província | 32.300 | 8.655 | 5.399 | 20.611 | 3.691 | 70.656 |

N. B. – Santo Amaro, hoje é Gal. Câmara; N. S. dos Anjos é Gravataí e São Luiz de Mostardas, São José do Norte.

Figura 3: Tabela com o censo da população riograndense, por zona, segundo a condição da população presente em 1814. (CARDOSO, 1977, p.51)

No exercício de leitura historiográfica, em vista de saber quais foram os elementos que propiciaram a existência de um festejo folclórico como o Bumba-Meu-Boi na Região Sul do Brasil, fomos colocados diante de evidências históricas que revelam a presença de africanos e de seus descendentes desde os primeiros movimentos de colonização dessa Região.

Assertivas são as palavras do sociólogo Cardoso a esse respeito das evidências históricas da presença do negro no Rio Grande do Sul... vejamos o que ele diz:

É reconhecida a inconsistência das informações sobre as populações coloniais, principalmente sobre a composição dessas populações segundo a cor ou a condição. Mesmo assim, a proporção entre brancos e negros em muitas freguesias do Rio Grande parece não deixar margem a dúvida sobre a importância do coeficiente de negros no conjunto da população. Além disso, o recenseamento de 1814, transcrito do Apenso ao quadro estatístico de 1868 organizado por Antônio Eleutherio de Camargo, confirma as indicações do levantamento de 1780.⁸ (CARDOSO, 1977, p.51)

⁸ Informações que se pode conferir na tabela afixada no início desse capítulo.

Historiadores, sociólogos e pesquisadores reconhecidos, como Moacyr Flores, Cláudio Moreira Bento e Fernando Henrique Cardoso, ao referirem-se ao tema do negro no Rio Grande do Sul, atestam que na composição da primeira “*Bandeira*”, articulada no ano de 1725, destinada a desbravar e abrir caminho para colonização portuguesa do sul brasileiro, encontram-se vestígios e registros da presença de africanos e seus descendentes.

Bento relata em seu livro, “*Negros e seus descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)*”, que por volta dos anos 1680-1725 acontece a intensificação da ação colonizadora dos portugueses na Região Sul do Brasil por meio da fundação da Colônia de Sacramento (1680), da fundação de Laguna-SC (1684) e da penetração mais a fundo, nas futuras terras riograndenses, pela frota de João Magalhães (1725). Nesse relato o autor destaca, respectivamente: 1) o registro da existência, no mesmo ano da sua fundação, de dois ranchos destinados a abrigar 48 negros escravos em Colônia de Sacramento; 2) a composição da *Bandeira colonizadora*, organizada por Domingos de Brito Peixoto para fundar Laguna, que era constituída por dez homens brancos e 50 escravos pardos; 3) a presença de trinta homens, em sua maioria preta e mestiça dessa raça, na formação da frota de João Magalhaes que tinha a incumbência de penetrar e fundar uma povoação no Rio Grande do Sul. (BENTO, 1976, pp. 55-63)

Quem ratifica todas essas informações acima é o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1977) no livro “*O Capitalismo e a Escravidão no Brasil Meridional*”. Lá está contida a informação de que o trabalho do negro escravizado foi utilizado apenas em escala restrita na economia das vilas fortificadas e nos currais que retinham o gado aprisionado, tanto no período inicial da penetração do Sul (período da ocupação da zona entre a costa e as lagoas), quanto nos momentos posteriores da penetração luso-brasileira na direção do sul (onde se fundaria a *Província Rio Grande de São Pedro*, hoje o Rio Grande do Sul – 1763-1776). Porém,

Isto significa que houve negros escravos desde a primeira metade do século dezoito, no início do processo de formação do Rio Grande. Basta lembrar a composição da Frota de João Magalhães (1725), formada na maior parte por homens pardos, escravos de Brito Peixoto, povoador de Laguna. A referência à qualidade de *pardos* atribuída aos acompanhantes dos primeiros conquistadores, povoadores e preadores de gado é comum nos documentos relativos ao antigo Continente de São Pedro. A correspondência dos governadores do Rio Grande, desde o fundador do Presídio histórico, aponta, algumas vezes, a presença de escravos. Da mesma maneira, as atas das “*vereanças*” de Viamão e Porto Alegre

falam em negros escravos. O comércio de negros escravos com o Rio da Prata – ou melhor, seu contrabando -, da mesma maneira, foi persistente, embora os dados para avaliar a importância numérica dessa atividade sejam escassos e precários. (CARDOSO, 1977, p. 48)

Também o historiador Moacyr Flores, tratando da história do Rio Grande do Sul, faz uma clara referência à presença de negros junto a grupos de luso-brasileiros que se destinaram às quase infinitas terras do sul do Brasil colonial, ainda sem delimitações fronteiriças explícitas. Seguem abaixo os dados que o historiador nos passa acerca do tema aqui abordado:

Dom Manoel Lobo, governador do Rio de Janeiro, aportou em 1.1.1680 na península junto à ilha de S. Gabriel, no rio da Prata, com cinco veleiros, desembarcando 200 soldados, 60 negros, dois jesuítas, um padre capelão, oito índias e uma mulher branca, D Joana Galvão, esposa do capitão Manoel Galvão, para fundar a Colônia do Santíssimo Sacramento, com o objetivo de estabelecer um forte militar e criar um porto livre de comércio, conforme as instruções do rei D. Pedro II, de Portugal. Durante sete meses os portugueses levantaram muros de terra, faxina e madeira. (FLORES, 2013, p.41)

Como se pode aferir, a partir das informações historiográficas coletadas e registradas até aqui, o Estado do Rio Grande do Sul tem suas origens de povoamento enraizadas no deslocamento de portugueses e luso-brasileiros, acompanhados de negros e pardos que “num ritmo lento, acompanhando as trilhas dos soldados e depois das tropas de gado iam ocupando áreas isoladas, deixadas vazias por uma população indígena que se retraía, cedendo espaço, até chocar-se com as reduções jesuíticas no planalto Missioneiro”. (Flores 2014, p.41)

Em se tratando da história dos primórdios do povoamento dessas terras gaudérias, é pertinente lembrar, aqui, da política de imigração de famílias açorianas para povoar a Região Sul do Brasil nos tempos idos do terceiro quartel do século XVIII. Seguindo os registros de Moacyr Flores (2013) sobre a chegada dos ilhéus na Província de São Pedro, tomamos conhecimento que em 1752 chegaram 106 casais descidos de Santa Catarina, depois, em 26.8.1752, foram mais 75 casais acolhidos, em seguida, em 9.3.1753, aportaram 126 casais e, por fim, em 1754, chegam um número de 70 casais. Contudo, segundo o mesmo historiador, “há historiadores que exageram a influência açoriana no Rio Grande do Sul, esquecendo-se que o fluxo açorita foi pequeno, de curta duração e que os casais eram pobres e sem maiores instruções, perdendo suas raízes ao longo dos vinte anos que viveram sem terras, à espera da migração para as Missões.” (FLORES, 2013, p. 59) Para nós, no entanto, a importância dessas

informações está no fato de termos conhecimento de que em seu cultivo do trigo, tabaco, algodão, centeio, etc., o povo açorita contava com a ajuda do trabalho escravo do negro, tornando-o presente junto às terras que estavam aos seus cuidados. Sobre isso nos confirmam as seguintes palavras de Fernando H. Cardoso:

A subsistência das populações locais em condições normais era provida, portanto, pela agricultura da região. Na agricultura empregavam-se mão-de-obra escrava. Sobre este ponto – se não bastassem os dados referentes à composição da população – seria possível acrescentar outros documentos, como os testamentos dos povoadores, acorianos ou lagunistas. (CARDOSO, 1977, p.54 / grifo nosso)

Até mesmo sobre a presença de africanos e de seus descendes nos inícios da formação do que viria a ser o município de Encruzilhada do Sul é possível encontrar registros históricos. Uma prova disso é o livro: “*Memória Encruzilhadense: Humberto Castro Fossa*”, organizado por Alice T. Campos Moreira e Dione Teixeira Borges Moreira. No dito livro, podemos encontrar vários relatos desse dedicado pesquisador da história de Encruzilhada do Sul e, até mesmo, da história do Rio Grande do Sul (Humberto C. Fossa).

Em um determinado momento, no livro, encontramos um artigo escrito por Fossa (1992) para o JORNAL DO SUDESTE onde ele relata que “os pretos escravos começam a chegar a Encruzilhada, a partir da segunda metade do século XVIII, acompanhando os soldados aventureiros luso-brasileiros que vinham patrulhar estes confins e fustigar os espanhóis que, vindos do Prata, tentavam assenhorar-se da região (FOSSA, 1992 apud MOREIRA; MOREIRA, 2008, p.103)

Continua o texto, de forma mais esclarecedora ainda, sobre a presença do negro em Encruzilhada do Sul nos idos do século dezoito e dezenove...

Estabelecida a legadária Guarda da Encruzilhada, núcleo inicial da atual cidade, começaram a chegar as famílias dos militares e seus escravos. A esses primeiros povoadores foi se juntando gente de Rio Pardo, Laguna, Açores, mais os escravos e até alguns retirantes da Colônia de Sacramento. Tornou-se, assim, relativamente grande o número de cativos e descendentes no município. A existência dessa escravaria é confirmada, igualmente, pela tradição oral e pelos livros de registros de escravos que seriam libertados pelo chamado Fundo de Emancipação. No primeiro desses livros estão relacionados 2.429 escravos. Além destes, havia muitos outros que não apareciam naquele registro.

Os vários capítulos inseridos no nosso primeiro Código de Posturas, promulgado a 12 de janeiro de 1850, tratando do elemento servil e do seu envolvimento do dia

a dia da povoação, dão, também, uma idéia do avultado número de escravos existentes em Encruzilhada, naquela época.

Lá por 1873, tínhamos por aqui senhores possuindo mais de uma dezena de cativos cada um. Só estanceiro Irineu Marques D'Ávila indicou 19 para serem libertados pelo Fundo de Emancipação. D. Maria Severina Pedroso apresentou 16 nomes e Pacífico Ribeiro da Silva, 14. (FOSSA, 1992 apud MOREIRA; MOREIRA, 2008, p.103)

E mais,

No Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, encontra-se o relatório apresentado em 1859 pelo presidente da Província, Dr. Joaquim Antão Fernandes Leão, à Assembléia Provincial. Nesse documento, o governante informa ao Legislativo ser de 6.130 o número de habitantes de Encruzilhada, naquele ano. Desses, 3.832 eram livres, 60 libertos e 2.238 escravos. Este quadro mostra que, naquele tempo, quase 40% da população do município era constituída pelo elemento servil.

[...]

Outro fato importante e pouco conhecido é a revolta de escravos aqui ocorrida em 1859 quando quase a metade dos habitantes de Encruzilhada eram escravos. Mário Maestri Filho, em sua obra *O escravo no Rio Grande do Sul*, fala-nos dessa insurreição, logo abafada graças à ação de forças provinciais deslocadas para Encruzilhada, Capivari e Herval. (FOSSA, 1992 apud MOREIRA; MOREIRA, 2008, pp.106-107)

Mas, como foi que tudo isso, como todos esses acontecimentos e todas essas informações se tornaram tão invisibilizados?

Na verdade, como nos lembra Florestan Fernandes (2007), podemos dizer que o negro sempre foi exposto a um mundo social que se organizou para os seguimentos privilegiados da raça branca, enquanto raça dominante. Os africanos e seus descendentes permaneceram sempre condenados a um mundo que não se organizava para tratá-los como seres humanos e como igual, não os levavam em conta na participação e usufrutos das benesses e dos direitos sociais. E “para participar desse mundo [pensado por brancos e para brancos] o negro e o mulato se viram compelidos a se identificar com o branqueamento psicossocial e moral. Tiveram que sair da sua pele, simulando a condição humana-padrão do ‘mundo dos brancos’”. (FERNANDES, 2007, p.33)

Agora, mesmo entendendo que desde os primórdios da colonização o Brasil é pensado por brancos e para brancos, destacamos aqui que foi a política de branqueamento da população brasileira, somada com o período de grande fluxo de imigração alemã e italiana para o Brasil, no início do século XIX, que se transformou no mais contundente instrumento de invisibilização da presença, das contribuições e do legado do homem africano, da mulher africana e de seus descendentes em atividades, acontecimentos e realizações que foram

fundamentais no processo de formação do Brasil. No contexto das mudanças que iam ocorrendo nos primeiros quartéis do século dezenove, “desaparecidas a escravidão e a imperiosa necessidade de organizar o sistema de trabalho com base na mão de obra negra, o negro deixou de ser um problema histórico para o branco e deixou, por conseguinte, de contar em sua aritmética política”. (FERNANDES, 2007, p.31) Essa realidade se dá com mais força no Sul brasileiro.

A presença do negro e do mulato, embora quantitativamente venha aumentando, percentualmente diminui sensivelmente no Rio Grande do Sul.

Uma das razões é a cessação da imigração forçada do Negro há mais de 120 anos e a intensificação da imigração europeia dirigida para o Rio Grande do Sul e o progressivo branqueamento da população gaúcha pela absorção contínua do mulato. (BENTO, 1976, p.247)

Esse processo de invisibilidade dos negros e de sua ativa colaboração na construção do Rio Grande do Sul ganha mais evidência diante das informações que Claudio M. Bento nos traz sobre a região do Vale dos Sinos, considerada como berço da imigração e colonização alemã.

- Região colonial alemã, no Vale do Rio dos Sinos, iniciada em 1824.

Nesta área o negro já era presente nas estâncias da região, que por sinal se situam entre as primeiras estabelecidas no Rio Grande do Sul, como é o caso da de Francisco Pinto Bandeira, a 2ª estabelecida em solo rio grandense, por volta de 1733, na região de Sapucaia. Por ocasião da extinção da Feitoria em 1824 nela existia numerosa população negra, conforme documentos que apresentamos. (BENTO, 1976, p.247)

O certo é que “nas fases mais críticas do processo histórico do Rio Grande do Sul, reconhecimento, vigilância, conquista e defesa do território, os negros e seus descendentes representavam cerca de 30% a 50% da população desse Estado”. (BENTO, 1976, p.249) Por isso, pretendemos destacar e visibilizar, ainda nesta parte de nosso trabalho, de modo especial, algumas evidências da participação do africano e seus descendentes na composição da economia e na ação da força militar durante o processo de formação histórica do Estado riograndense.

2.1 A contribuição da força, suor e habilidades do africano e de seus descendentes na Formação Econômica do Rio Grande do Sul

Acompanhando a formação histórica do Brasil é de fácil constatação que nos períodos Colonial, Imperial e nos anos iniciais da República o modo de produção vigente era o escravocrata. A região do Rio Grande do Sul não ficou isento dessa dinâmica político-econômica. Por essas terras, como em todo o território brasileiro a ocupação da mão-de-obra dos negros africanos, aqui escravizados, foi de muita serventia na promoção do desenvolvimento da economia local e nacional. É certo que o sistema de produção escravista absorveu a mão-de-obra do trabalhador escravizado nas mais diversas atividades produtivas realizadas pelo território sul do Brasil a fora.

A esse respeito fala Cláudio M Bento:

O Negro contribuiu decisivamente com seu esforço para a grandeza econômica do Rio Grande do Sul.

Seja como agricultor de trigo, milho, linho-cânhamo, seja como industriário do charque, a maior riqueza do sul no período de 1780, até por volta do início do século XX, seja como peão de estância na bacia Ocidental do Estado e regiões de Vacaria e Lagoa Vermelha, onde executou, com grande habilidade, dentre outros, os seguintes ofícios: domador, carreteiro, guasqueiro, compositor e corredor de carreiras, hortelão e diversos ramos de artes e ofícios. (BENTO, 1976, p.94)

É fato, inclusive, que quando se fala da história da formação econômica do Estado do Rio Grande do Sul, salta aos olhos do pesquisador o tempo áureo da economia desse Estado, ancorado no sucesso do modo de produção baseado no trabalho das charqueadas na indústria do charque. Entretanto, a ocupação da mão-de-obra dos africanos e seus descendentes aqui escravizados, não se restringiu apenas à empresa do charque, como foi mencionado em parágrafos anteriores e reforçaremos abaixo através das palavras de Cardoso. Este sociólogo nos inteira que “o último quartel do século XVIII e os primeiros do século XIX foram, graças à exploração do trigo, um período próspero para a agricultura do Rio Grande e que neste ínterim, contudo, houve o aproveitamento regular de escravos negros na lavoura” (CARDOSO, 1977, p.56) E continua ele:

Os trigais gaúchos foram, pois, trabalhados pela mão-de-obra escrava. Ainda assim, não se explica a proporção tão acentuada de negros na população do Rio Grande no começo de século XIX. Essa só pode ser compreendida quando se considera que, além da lavoura do trigo e da utilização do escravo em toda a sorte de serviços domésticos e ofícios urbanos, houve outro canal regular de absorção

da mão-de-obra escrava na economia gaúcha: a estância e o charque. (CARDOSO, 1977, p.60)

Ainda neste ponto, nos valem, também, do historiador Moacyr Flores para endossar que “tanto a mão de obra livre, como escravos trabalhavam como peões, domadores, tropeiros e até como capataz, conforme documentos da Coleção Varela, do Arquivo Histórico do RS. O pomar, a horta e a lavoura eram trabalhados por escravos. Mulheres negras cozinhavam, lavavam roupas, costuravam e limpavam...” (FLORES, 2013, p. 75) Igualmente o escritor e jornalista Manoelito de Ornellas endossa essas nossas considerações ao registrar em seu livro: “*Gaúchos e Beduinos*” que “o negro, tomado para o trabalho do campo, adaptou-se admiravelmente aos hábitos e costumes dos cavaleiros. E sempre houve negros entre os melhores domadores, os mais ágeis lançadores e os campeiros mais exímios de todos os tempos”. (ORNELLAS, 1976, p.7)

Também na atividade comercial se pode encontrar testemunho do labor do negro, como nos mostra Cardoso ao tratar da economia na região do Rio Pardo, Santa Maria e Alegrete:

As vilas dessa área eram empórios donde se redistribuíam os gêneros necessários para as estâncias da região e para a Província das Missões. Nos serviços acessórios do comércio, como os transportes, utilizavam-se negros. Os navios que subiam o Jacuí, assim como as carretas que demandavam os campos, encontraram na mão-de-obra escrava o recurso regular para manter o trabalho braçal. (CARDOSO, 1977, p.76)

Entretanto, é a bem sucedida indústria do charque que notabiliza o *status da mão-de-obra do africano e seus descendentes aqui escravizados*, pois sem (mesmo que forçada), a força de trabalho e as habilidades dos negros, o modo de produção baseado no trabalho das charqueadas não se sustentaria. Segundo Cardoso, não se possui, exatamente, o número dos escravos importados para a exploração do charque, mas “sabe-se – pelas estatísticas demográficas – que nas áreas das charqueadas a população escrava era considerável, em média 80 escravos em cada uma”. (CARDOSO, 1977, p; 71). E quem ratifica ainda mais essa nossa afirmação é Cláudio M Bento, quando em seu livro “*O Negro e Descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul*”, aqui já citado, diz sobre o negro nas charqueadas o seguinte:

A procura pelo charque gaúcho acentuou-se cada vez mais no mercado nacional e internacional.

Para movimentar sua industrialização crescente foi preciso importar cada vez mais escravos.

Em 1814 eles numeravam, em Pelotas [a cidade mais destacada na indústria do charque], 2.226 ao lado de igual número de brancos ou seja 50%, quando todo o Rio Grande possuía 29% de pretos escravos.

Em 1833, os escravos em Pelotas, após 20 anos, haviam mais que duplicado, atingindo 5.000, ou seja, o total do Rio Grande do Sul, cerca de meio século atrás. As charqueadas em Pelotas chegaram a atingir 33 que transformaram, em 15 anos, 5.000,000 de cabeça de gado em charque. Todo este trabalho foi realizado por escravo. (BENTO, 1976, p.94)

De fato, já na primeira charqueada construída em Rio Grande, o efetivo de mão-de-obra africana é consideravelmente alto e composto por negros dotados de distintas habilidades e ofícios, como nos conta Flores no parágrafo que transcrevemos a seguir:

José Pinto Martins (1747-1827) migrou de Portugal para Aracati, Ceará, onde produziu carne-seca. Em 1777 abandonou o Ceará por causa da grande seca, estabelecendo-se na vila do Rio Grande. Em 1779 construiu uma charqueada nas margens direita do arroio Pelotas, a uma légua da foz. Pinto Martins possuía 34 escravos, sendo 10 escarneadores, quatro campeiro, dois salgadores, dois sebeiros, dois graxeiros, além de alfaiate, sapateiro, tafoneiro e hortelãos. (FLORES, 2013, p.77)

Citando o mineralogista inglês John Mawe, que nos inícios dos anos 1800 andou viajando pelo território brasileiro, Cardoso registra que este,

para justificar a tese que os ‘campeiros’ rio-grandenses eram superiores aos platinos escreveu: ‘mas deve-se compreender que os espanhóis tem peões nas suas fazendas que estão mais ligados às índias do que a eles, enquanto os portugueses possuem crioulos, criados nos negócios, ou negros experimentados, que não são inferiores a ninguém neste trabalho’. (CARDOSO, 1977, p.66 / grifo nosso)

Por tudo isso, como se pode constatar, a presença da força de trabalho do negro escravizado (*sempre especializado em algum ofício*) dinamizou, qualificou e sustentou o processo de formação das fortunas e o desenvolvimento econômico tanto da região sul, quanto de todo o Brasil... Que o digam os negros especializados no cultivo da terra trazidos para tornar um sucesso a produção de cana-de-açúcar; que o digam os negros trazidos de regiões de mineração da África para dar ao Brasil, à Coroa Portuguesa e aos cofres ingleses ouro em abundância.

.2 A contribuição da força, suor e habilidades do africano e de seus descendentes nas Missões Militares do Rio Grande do Sul

A historiadora Margaret Marchiori Bakos (1985) discorrendo sobre o tema da escravidão negra no contexto da Guerra dos Farrapos, procura, primeiramente e intencionalmente, nos lembrar sobre a longa tradição da presença do negro escravizado e/ou liberto nas campanhas militares em todo o Brasil. Ela registra, por exemplo, que

Em 1775, por influência de [Marquês de] Pombal, um grupo de 600 homens pretos do batalhão dos Henriques e outro de pardos foram enviados para lutar na ‘ilha de Santa Catarina ou dito continente de São Pedro. Em 1817, D. João VI organizou o Batalhão dos Caçadores, formado de negros libertos para servirem Montevidéu. Em 1822, D. Pedro I criou o Batalhão de Artilharia, composto de pretos libertos, para auxiliar na defesa das costas brasileiras. (BAKOS, 1985, pp. 89-90)

Quando se trata da contribuição dos negros nas forças militares do Rio Grande do Sul sabe-se também que esta acontece desde o princípio do povoamento das terras do Estado gaúcho. Pois, como é historiograficamente comprovado, houve uma considerável participação de negros e de seus descendentes na Tropa de João de Magalhães designada para adentrar no território sul-rio-grandense nos anos de 1725 com a missão de povoar e proteger militarmente as poucas definidas fronteiras contra a ação e o avanço dos espanhóis e dos índios das Missões ligados aos jesuítas.

Os africanos e seus descendentes, em condição de escravos ou livres, participaram de inúmeras ações militares de expansão e de defesa do Rio Grande e do Brasil. “Toda esta expansão foi acompanhada por constantes embates, refregas, escaramuças e entreveros nos quais ‘o negro deu mais do que sua simples participação’”. (RAMOS, 1956 apud BENTO, 1976, p.63)

Cláudio M Bento, a quem temos usados constantemente como interlocutor, elenca um variado número de episódios de guerras e ações militares pelo Rio Grande a fora, nos quais se podem encontrar referências à presença e atuação de negros. Ele fala do negro na guerra

guaranítica, do negro na primeira guarnição militar de Porto Alegre, do negro na guerra de 1763-77. Sendo assim, a título de visibilização desse legado do africano e seus descendentes na história militar da região sul-rio-grandense destacaremos algumas dessas descrições que Bento apresenta em seu livro de 1976.

Começamos com a Guerra Guaranítica, nascida da resistência dos índios missioneiros (liderados pelos jesuítas) em entregar e deixar os Sete Povos das Missões, depois do Tratado de Madri celebrado entre Portugal e Espanha. Tal resistência fez com que uma força imperial fosse organizada para expulsar os indígenas de suas terras. Assim, “para auxiliar na demarcação do tratado de Madri, veio ao Sul um Exército que, somado com tropas locais, atingiu 1633 homens em Rio Pardo, em 24 agosto de 1754 [Exército Demarcador], entre os quais encontravam-se alistados 190 escravos”. (BENTO, 1976, pp. 69-70)

É possível também destacar, por meio dos dados históricos separados e elencados por Bento (1976), a participação do negro e seus descendentes nas etapas dos enfrentamentos militares que desembocaram no *Combate de Santa Bárbara no ano de 1774*, onde a vitória da Tropa do general brasileiro, Rafael Pinto Bandeira, sobre o Exército invasor do general espanhol Vertiz y Salcedo leva à definição de um Rio Grande do Sul, definitivamente brasileiro. Uma prova disso é a poesia de um sargento espanhol, datada de 1778, que Claudio M Bento registra e traduz, explicativamente, na seção do seu livro que tematiza sobre os soldados negros de Pinto Bandeira. Lá encontramos escrito o seguinte:

Procurando o sentido dessa poesia, diríamos:

‘Desembarcamos em Colônia do Sacramento com grande gosto e prazer, como não podia de ser de outra forma, após os grandes sustos que passamos. Apenas acampamos, minha Companhia e mais 4 receberam ordens de marchar de encontro a um fidalgo tremendo que vinha furtrar cavalos. Este fidalgo de Portugal era o coronel graduado Rafael Pinto da Bandeira. Ele trazia sempre a seu lado, segundo diversos testemunhos, UMA QUANTIDADE GRANDE DE NEGROS VALENTES QUE NÃO CONHECIAM O MEDO, mas por Deus, não queiram nunca oferecer combate convencional.’ (BENTO, 1976, P. 77)

Todavia, em se tratando do legado afro nos eventos político-militares brasileiros e de modo especial na história do Rio Grande Sul nos primórdios da formação do Brasil, o que não pode passar despercebido é a presença da força, da destreza e da luta do homem africano e seus descendentes escravizados e/ou livres na mais emblemática guerra acontecida em solo riograndense: *A Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha*. Esta teve início no ano de

1835 como resultado da rebelião dos senhores de terra e de gado do Estado do Rio Grande contra a considerada dominação e exploração político-econômica por parte da elite central do Império brasileiro. Pautada por intenções republicanas e separatistas, se tornou o maior conflito interno enfrentado pelo Império no segundo quartel do século dezenove, como nos informa inúmeros documentos e historiadores que se ocupam da história do nosso país.

Para lutar contra o Império, os revolucionários farroupilhas tiveram necessidade, em um dado momento da história da revolução, de buscar mais mão-de-obra militar para repor as baixas sofridas na batalha de Fanfa... Esse foi o motivo pelo qual começaram a estender aos escravos e ex-escravos a possibilidade de alistar-se nas forças militares revolucionárias com a promessa de concederem a liberdade aos negros alistados em seus contingentes. Assim, se vê formada a valente, corajosa e valorosa *cavalaria negra* comandada pelo coronel Joaquim Teixeira Nunes e composta por negros libertos que desejavam mudanças sociais e por escravos esperançosos pela promessa de serem alforriados após a participação na luta. Seguem abaixo algumas palavras do historiador Raul Pont sobre esse tema:

**E quando a Revolução dos Farrapos lançava as bases de sua estrutura social, não esqueceu de salientar na lei magna, o que pretendia em favor de sua colaboração: o grito de Piratini que exigiu liberdade de consciência e de ação, culminaria por garantir emancipação aos escravos que acompanharam a Revolução!
No pacto de Ponche Verde ficou, em letra de forma, a segurança de alforria aos guerreiros negros. O major Joaquim Teixeira Nunes tomou a si o engajamento de escravos e pretos já libertos, com que disciplinou a bravura de valorosa raça, na mais destemida das cavalarias. Estes já haviam sido incorporados e comandados pelo Ten. Cel. Joaquim Pedro Soares. (PONT, 1984, p.504)**

Com os homens africanos e seus descendentes alistados à força militar dos revolucionários farroupilhas é que serão formadas as unidades militares denominadas *de Lanceiros-negros*. Elas eram constituídas por oito companhias com cinquenta homens em cada uma delas. Os Lanceiros-negros eram exímios combatentes de cavalaria, armados com lanças compridas forjadas estrategicamente pelos próprios lanceiros. Exímios combatentes que se entregavam à luta com garra. Segundo inúmeros historiadores, eles lutavam com a ciência de que a sua liberdade estava condicionada à vitória sobre o regime escravocrata do Império do Brasil. Com esse mesmo olhar o historiador Bento descreve os Lanceiros-negros no parágrafo abaixo:

Excelentes combatentes de Cavalaria, entregavam-se ao combate com grande denodo, por saberem, como verdadeiros filhos da liberdade, que esta, para si, seus irmãos de cor e libertadores, estaria em jogo em cada combate. Manejavam com grande habilidade suas armas prediletas – lanças. Estas, por eles usadas, eram mais longas do que o comum. Combinada esta característica, com instruções para o combate e disposição para a luta, foram usados como tropa de choque, uso hoje reservado às formações de blindados. Por tudo isto infundiam grande terror nos adversários. (BENTO, 1976, p.169)

Lamentavelmente, assim como importantíssimo, é a averbação de que foi no contexto da Revolução Farroupilha (evento de maior destaque e orgulho político-militar para muitos riograndenses), que aconteceu a igualmente emblemática, polémica e intencionalmente ignorada Batalha dos Porongos, na qual os bravos soldados denominados Lanceiros-negros foram impiedosamente massacrados e mortos pelas forças imperiais, após serem traídos pelos líderes da Guerra dos Farrapos.

Tudo aconteceu quando as negociações de paz avançavam cada vez mais entre os dois lados do conflito (República Sulina e Império). Nesse cenário, um dos principais impasses para um acordo pleno entre as duas partes era justamente a situação dos Lanceiros Negros. O Império Brasileiro não queria aceitar a existência de homens negros com habilidade em manuseio de armas e com experiências em combate adquirindo o direito de serem tornados homens livres como prometiam os republicanos gaúchos. E, igualmente, os grandes proprietários de terras gaúchos compartilhavam do mesmo pensamento que os imperiais no que se referia aos negros; afinal, o trabalho escravo era a principal mão-de-obra em suas fazendas.

Seguindo o testemunho de Moacyr Flores (2013), sabemos que em 1844, Bento Gonçalves iniciou as conversações de paz com o barão de Caxias, exigindo a federação e a liberdade dos escravos que lutaram no exército republicano; mas Caxias tinha ordem de não ceder liberdade aos escravos. Assim, nesse mesmo ano, o barão de Caxias excluiu Bento Gonçalves das tratativas de paz entre república e Império e ordena a Francisco Pedro de Abreu que atacasse o acampamento dos Porongos, procurando poupar, apenas, o sangue de brasileiros índios e brancos.

Em novembro, desse mesmo ano de 1844, conforme combinado entre os dois líderes militares, Canabarro ordenou à tropa de Lanceiros Negros para que fosse desarmada até o cerro de Porongos e lá montasse acampamento. Ao barão de Caxias coube ordenar às tropas imperiais

para que também se deslocassem até o local para surpreender e atacar os farroupilhas-NEGROS que lá estivessem.

Dessa forma, desarmados e pegos de surpresa os negros farroupilhas foram praticamente dizimados pelos soldados imperiais. Os poucos que sobreviveram foram enviados ao Rio de Janeiro para serem reintroduzidos à vida de escravidão e trabalhos forçados.

Por fim, depois de todo esse percurso de visibilização do legado afro, gerado pelos negros e seus descendentes em vários aspectos, áreas e dimensões do processo de formação do Rio Grande do Sul (Estado ao qual pertence a cidade mãe do “Boi” encruzilhadense), parece-nos justo destacar que, como um educador socrático, o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul nos levou, num primeiro momento, a se perguntar sobre quais seriam as realidades presentes nas terras riograndenses que vieram a possibilitar o surgimento e a continuidade da presença de um folguedo de incidência tão nordestina e afro-indígena em um município da região mais brancoreferencializada do Brasil. De igual modo, socraticamente, esse “Boi” nos fez percorrer por alguns caminhos da historiografia dessa região do Sul brasileiro e, assim, desvelar o conhecimento sobre presença fenomenológica do ser humano índio, do ser humano branco e, de maior interesse nesse nosso trabalho, do ser humano negro em tudo aquilo que no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil tem sido gestado até hoje no campo da economia, da política, da cultura, da força militar e da identidade regional e nacional do nosso país. Dessa nossa empreitada, podemos concluir que no mundo gaúcho, comprovadamente, há muito sangue, suor e vidas negras entrelaçadas nas tramas da história desse Estado gaudério. E é tudo isso que capacita esse Estado a ser um aprisco para o Bumba-Meu-Boi como qualquer outro lugar desse gigante país.

Como nota de esclarecimento, consideramos importante encerrar esse capítulo deixando claro que, mesmo pautando sobre o tema da visibilização do legado, da presença e das realizações do africano e seus descendentes em importantes mecanismos viabilizadores do processo de formação econômica e do exercício das empreitadas político-militares do Rio Grande do Sul, temos consciência que tudo se deu sob o regime de escravidão. Mas, também sabemos que pior seria continuar a deixar esses dados e fatos no escondimento de uma história contada por brancos e para brancos... O certo é que hoje podemos ler e refletir sobre os fatos históricos do Brasil e do mundo a parti de um outro lugar de fala, assegurado pelo prisma do estudo decolonial da nossa história humana.

CAPITULO III
AUMENTANDO A LENTE SOBRE O CARÁTER *OUTSIDER* DO
BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL



Figura 4: Desfile Farroupilha em São Leopoldo; Guardiões da Chama Crioula; “Boi” de Encruzilhada do Sul. (Fotografias do acervo pessoal do autor)

Entendemos ser importante dizer, logo nas primeiras linhas, que nosso olhar sobre o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, numa perspectiva outsider, tem um viés de adjetivação positiva e está baseado no pensamento do sociólogo Howard Becker que, em seu elaborado trabalho sobre esse conceito, nos leva à conclusão que podemos entender “outsiders”, segundo seu pensamento, como “o termo para designar aquelas pessoas [e grupos] que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo”. (BECKER, 2008, p.27). Esse sociólogo foi nosso principal interlocutor para reflexão que faremos na sequência.

Também consideramos ser importante ressaltar, logo de início, que aqui interpretamos o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul como “*Outsider*”, não em relação à sua cidade de origem e atuação, mas sim quando colocado diante do *espelho* da hegemônica Cultural Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul.

Ainda, alertamos que temos consciência, desde já, da elaborada reflexão e dos desdobramentos que nosso autor/interlocutor, deste capítulo, vai operando no decorrer da sua investigação relativa ao universo dos outsiders, dos tipos de desvios: seus porquês e suas causas. Neste presente trabalho não almejamos e nem temos condições de tratar exaustivamente dessas investigações de Becker, muito menos de esgotá-la. O próprio Howard Becker vai dizer que:

... o desvio não é uma qualidade simples, presente em alguns tipos e ausente em outros. É antes o produto de um processo que envolve reações de outra pessoa ao comportamento. O mesmo comportamento pode ser uma infração das regras

num momento e não em outro (...). Em suma, se um dado ato é desviante ou não, depende em parte da natureza do ato (isto é, se ele viola ou não alguma regra) e em parte do que as outras pessoas fazem acerca dele. (BECKER, 2008, p.26)

É justamente embasado nas afirmações acima, deste parágrafo anterior, que nos referimos aqui à existência de vários tipos de desvios, ou seja, vários tipos de olhares sobre grupos e pessoas tidas como desviantes, como desencaixadas, como fora da regra e/ou como fora do lugar. Por conseguinte, adotamos, nessa perspectiva, a categoria outsiders com a finalidade de abrir uma nova janela de considerações sobre o Bumba-Meu-Boi encruzilhadense quando alocado no contexto cultural do Rio Grande do Sul, fortemente identificado com a Cultura Regional Gauchesca. A esse respeito Becker ainda nos ajuda a acrescentar que “outsiders’, do ponto de vista da pessoa [grupo] rotulada de desviante, podem ser aquelas que fazem as regras de cuja violação ela foi considerada culpada”. (BECKER, 2008, p.27). Em outras palavras, desviantes seriam, na verdade, aquelas pessoas que julgam o outro de desviante por não se encaixar e não seguir as regras condicionantes que elas criaram para si e para outros.

Dito isto, acreditamos ter sido um bom caminho de investigação, associar a figura do “Boi” do município de Encruzilhada do Sul à de um outsider, ou seja, à de uma figura desviante. Aqui não queremos dizer que ele é um quebrador de regras, um fora da lei e das normas. Queremos dizer que quando olhamos sua presença nessa cidade sulina, logo vem à mente o saber que sua origem diz mais respeito à cultura e folclore do Nordeste do que à cultura e folclore do Sul; Queremos dizer que somos nós que o miramos usando o contexto, a cultura e a região onde ele se encontra, como um interdito. Por isso, reagimos a ele como fora do lugar, como desviante entre as manifestações folclóricas que dizemos serem próprias do Sul do Brasil. Ratificamos essa nossa afirmação, com a seguinte asserção de Howard Becker quando diz que o “desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa [ou grupo] que comete um ato e aquelas que reagem a ele.” (BECKER, 2008, p.27) É de como reagimos em relação a esse Bumba-Meu-Boi encruzilhadense, espantando-se e achando excêntrica sua presença entre os festejos culturais de uma cidade do Sul do Brasil, que estamos falando aqui. Pois, até mesmo quando compartilhávamos com alguns colegas e professores na Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) a respeito desse nosso objeto de pesquisa, presente no Estado do Rio Grande do Sul, testemunhávamos uma atitude de certo espanto e estranhamento.

Registra-se que o conceito de outsider/desviante surgiu na sociologia do desvio, em 1963, por meio da teoria da rotulação desenvolvida por Howard S. Becker, ao publicar o livro “*Outsiders: estudos de sociologia do desvio*”, onde o autor apresenta a carreira outsider e suas características ao analisar o comportamento de músicos e de usuários de maconha. Contudo, o próprio Becker esclarece que “*Outsiders* (o livro) não inventou o campo do que hoje se chama ‘desvio’. Outros estudiosos já haviam publicado ideias semelhantes. Mas *Outsiders* diferiu de abordagens anteriores em vários aspectos.” (BECKER, 2008, p.9)

Segundo o pensamento de Howard Becker (2008) o conceito de “outsider” se refere a uma transgressão de normas sociais. Uma norma social é um modelo de se comportar relativo a um grupo social. Se o indivíduo transgride a norma social do seu grupo social, o mesmo é considerado como um contraventor para esse grupo. Dessa forma, o indivíduo que desvia das regras sociais do grupo, isto é, alguém que não vive conforme as regras estipuladas pelo grupo é, então, considerado outsider. Nesse sentido, o conceito de outsider foi criado por esse sociólogo “para designar aquelas pessoas [grupos] que são consideradas desviantes por outras, situando-se, por isso, fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo”. (Becker, 2008, p.27)

Essa designação de desviante, segundo Becker (2008), acontece pelo processo de rotulação. A rotulação refere-se ao julgamento que um grupo social de indivíduos atribui a outro o comportamento outsider, um comportamento considerado fora dos padrões “normais”.

Sabemos que, desde sempre, a sociedade é regida por regras, e elas podem ser promulgadas na forma de lei ou acordos informais com embasamento na tradição, consenso e costumes. No entanto, “uma sociedade tem muitos grupos, cada qual com seu próprio conjunto de regras, e as pessoas pertencem a muitos grupos ao mesmo tempo [e, por isso] uma pessoa pode transgredir as regras de um grupo pelo fato de alinhar-se às regras de outro”. (BECKER, 2008, p.21) Neste caso, diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. É nessa ideia de Becker, que aparece, mais uma vez, o mote para nossa interpretação acerca do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul como um outsider. É nesse contexto que propomos a possibilidade de tal interpretação acerca do “Boi” em questão, entendendo-o (enquanto folguedo de raiz nordestina-afro-indígena) como uma manifestação cultural de traços culturalmente desviantes, ao realizar-se numa cidade pertencente à região do Brasil fortemente marcada pela prática de autoreferencialidade a partir do mundo caucasiano e europeu, fazendo parecer que nessa região

a regra é: se é do Sul, tem que ser coisa de “branco” e de descendente de europeu; se é do Rio Grande do Sul tem que ser gauchesco.

De acordo ao que podemos recolher das afirmações de Becker (2008) muitas atividades desviantes são aprendidas socialmente com os desviantes mais experientes, levando o indivíduo novato a participar de uma subcultura organizada por meio da qual assume uma identidade desviante. O que é compreensivo diante de uma realidade contemporânea onde

As sociedades modernas não constituem organizações simples em que todos concordam quanto ao que são as regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. São, ao contrário, altamente diferenciadas ao longo de linhas de classe social, linhas de classe étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais. Esses grupos não precisam partilhar as mesmas regras e, de fato, frequentemente não o fazem. Os problemas que eles enfrentam ao lidar com seu ambiente, a história e as tradições que carregam consigo, todos conduzem à evolução de diferentes conjuntos de regras. (BECKER, 2008, p.27)

Efetivamente, é preciso apenas encontrar e ingressar em um grupo desviante organizado por meio do qual os indivíduos possam perceber e aceitar o seu desvio, atribuindo-lhe um sentimento de pertencimento e, como consequência, solidificando sua identidade.

A manifestação folclórica do Bumba-Meu-Boi no município de Encruzilhada no Rio Grande do Sul pode ser considerada uma expressão folclórica outsider, a partir do momento que a colocamos dentro do guarda-chuva das manifestações folclóricas ditas como próprias do Sul do Brasil. Por isso, reiteramos que ele (“Boi”), enquanto manifestação cultural carregada de elementos afro-indígena-nordestino, sendo realizado e oficializado como festa oficial de uma cidade localizada na região mais brancoreferencializada do Brasil, visibiliza a incidência de uma criativa experiência outsider dos negros no mundo dos brancos.

Nesse horizonte de entendimento é que está alicerçado o fato de acreditamos que encontrar, nesta cidade riograndense, um Bumba-meu-Boi carregado de legado indígena, africano e nordestino, nos abre as portas para afirmar que no Brasil, por mais que haja uma presença de maior porcentagem de descendentes de uma determinada etnia/raça numa região ou noutra, a identidade mestiça do *ser brasileiro* é uma realidade que prevalece. Isso, mesmo que não esteja expresso logo de cara ou na cor da pele (o que menos importa), mas sim nos hábitos culturais, culinária e na organização sócio-política de parâmetros nacionais.

Eis aqui, uma manifestação desviante que vem para agregar. Ela coloca uma realidade local (o Sul do Brasil e suas manifestações culturais) diante do espelho de um todo maior (o Brasil, em si, e toda sua diversidade de manifestações culturais) e provoca o reconhecimento de que “*Eu Sou porque Nós Somos*”. Somos resultado da interação, em diversos aspectos, de três troncos étnico-raciais (indígena, negro e branco). E, nos tempos de hoje, com uma diversidade cada vez maior, no que diz respeito às interações multiétnicas em nosso país e no mundo, já passou da hora de cortar pela raiz essa pretensão venenosa, excludente e atrofiante de uma supremacia étnico-racial nas relações sociais entre os Filhos do Brasil.

E, a partir dessa conclusão apresentada no parágrafo anterior, cremos poder conjecturar uma definição mais agregadora do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul em relação às características culturais do Estado Rio Grandense, enquanto parte do Brasil, como uma manifestação folclórica que apresenta a diversidade étnico-racial-cultural do nosso país, indo assim, além da interpretação outsider.

Diante de tudo o que tem sido dito até aqui, podemos avançar em nossas reflexões considerando a performance outsider do Bumba-Meu-Boi da cidade de Encruzilhada do Sul como uma expressão de visibilização da diversidade cultural multiétnica do povo brasileiro, por um lado e, por outro lado, como expressão de *Resistência Negra* enquanto manifestação cultural afro-ameríndia em meio ao ambiente cultural gauchesco brancoreferencializado. Sendo assim, podemos entender que nosso “Boi” gaúcho abre horizontes de possibilidade para que seja visibilizada a questão da história de luta e resistência do povo negro no Brasil.

Para início de conversa, a respeito do tema da resistência negra, precisamos registrar, dignamente, que esta se fez presente desde o primeiro momento em que o negro, trazido ao Brasil a fim de ser escravizado, põe os pés nessas terras americanas.

É fato, ainda em nossos dias, encontrarmos inúmeros indivíduos afrodescendentes em situação de extrema desigualdade em relação aos descendentes de brancos. A nossa atual elite burguesa, majoritariamente branca, vira as costas às questões dos negros e seus descendentes. Diante do espelho dessa burguesia branca o negro não tem reflexo. Então, é providencial que respingos outsiders ajudem a romper o “monocromático” deste espelho.

O providencial aqui referido diz respeito à urgência do desvelamento e do desmonte de um grave submundo imerso em nossa história, gerador de preconceitos quase indelévels. O historiador Júlio José Chiavenato descreve a seguinte cena, que comumente acontecia nas ruas

do Brasil, no período da escravidão oficial, mas que hoje podemos encontrar situações similares no contexto de submundo, de sub-humanidade, de subcidadania e de subemprego reservados à uma enorme parcela da população negra dos nossos dias...

No Brasil, um pouco recuperados das agruras da viagem, os africanos eram exibidos nas lojas dos comerciantes de carne negra, amarrados uns aos outros. Às vezes eram tantos negros que a mercadoria vazava para as ruas, onde ficavam expostas à curiosidade dos compradores. Eram examinados como animais: apalpadados, dedos enfiando-se pelas bocas, procurando os dentes para adivinhar a idade ou conferir se o vendedor não mentia. Os órgãos sexuais objetos de cuidadosa inspeção, as mulheres tendo os seios manipulados e os genitais escancarados para avaliação da sua qualidade como objeto sexual ou como “parideiras”. (CHIAVENATO, 1980, p.126)

Outro acontecimento emblemático, bastante conhecido, registrado na história do Brasil e que representa um deliberado descuido e desinteresse das classes dominantes em relação à população negra foi a falsa libertação dos escravos no ano de 1888, por meio da assinatura da Lei Áurea. Dizemos falsa por que se sabe que não houve nenhum tipo de política-sócio-econômica para garantir uma forma de amparo aos negros pseudo-livres. A história oficial aponta que, com a abolição da escravatura e o advento do trabalho livre, ocorreram muitas mudanças sociais em que as relações de trabalho se transformaram e o escravo, ao se emancipar, transforma-se em negro livre e assalariado, passando a participar do mundo do trabalho como trabalhador livre, vendendo sua força de trabalho de acordo com os ditames da nova ordem competitiva que se instaurava. Mas, a real realidade foi que esse grande contingente de pessoas se viu sem perspectivas de trabalho, de educação e de inclusão social e “sob a aparência da liberdade, herdaram a pior servidão, que é a do homem que se considera livre, entregue de mãos atadas à ignorância, à miséria, à degradação social”. (FERNANDES, 1978, p.59) Sobre essa situação, Fernandes nos diz, ainda,

A sociedade escravocrata só preparou o escravo e o liberto para os papéis econômicos e sociais que eram vitais para o equilíbrio interno. No resto, prevaleceu a orientação de impedir todo florescimento de vida social organizada entre os escravos e os libertos, por causa do constante temor da ‘rebelião negra’. [...] Por isso, todas as formas de união ou de solidariedade dos escravos eram tolhidas e solapadas, prevalecendo a consciência clara que só através da imposição de condições anômicas de existência seria possível conseguir e perpetuar a submissão dos cativos e a dependência fundamental dos libertos. [...] os brancos seguiram à risca o código escravocrata, impedindo por todos os meios que os escravos ou os libertos se organizassem e monopolizando o uso da violência como mecanismo de controle social. O efeito de tudo isso foi que o negro

e o mulato emergiram do mundo servil sem formas sociais para ordenar socialmente a sua vida e para integrar-se, normalmente, na ordem social vigente. Não só saíam da escravidão espoliados material e moralmente; vinham desprovidos, em sua imensa maioria, de meios para se afirmarem como categoria social à parte ou para se integrarem, rapidamente, às categorias sociais abertas à sua participação. (FERNANDES, 1978, pp. 56-57 / grifo nosso)

Tratando dessa questão, Jessé Souza (2017) vai dizer que “ter libertado os negros sem nenhuma ajuda ou amparo, equivale a uma condenação eterna”. (SOUZA, 2017, p.75)

Contudo, é muitíssimo importante ressaltar que o povo negro lançado a toda sorte de cerceamentos à liberdade, à autonomia e à dignidade, não se deixava passar por tudo isso de forma passiva e resignada, como é dito em muitas literaturas mal informadas ou mal intencionadas. É certo, como nos esclarecem os antropólogos e professores Kabengele e Nilma Lino, que

No decorrer do processo histórico brasileiro, os homens e mulheres negras sempre lutaram e resistiram bravamente a toda forma de opressão e discriminação. Eles forjaram formas elaboradas de lidar com a vida, com o corpo, assim como expressões musicais múltiplas. Construíram uma estética corporal que está impregnada na cultura do povo brasileiro. Por meio da resistência política, da religião, da arte, da música, da dança e da sensibilidade para com a ecologia o negro produz, participa e vivencia a cultura afro-brasileira. (MUNANGA; GOMES, 2016, p.139)

A presença, reconhecida e ratificada por uma considerável parcela do povo riograndense, da afroreferencializada manifestação folclórica do Bumba-Meu-Boi nessa cidade do Rio Grande do Sul, nos ajuda a fazer eco à afirmação de Kabengele Munanga e Nilma Gomes quando dizem que “a produção cultural, musical e artística do negro, no Brasil podem ser consideradas como forma de resistência desse povo e mostra, também, o quanto nosso país é africanizado”. (MUNANGA; GOMES, 2016, p.139) Afirmação essa (de africanização/resistência) reforçada pelas seguintes palavras de Abdias Nascimento:

É o caso, por exemplo, dos autos populares dos congos, do bumba meu boi, dos quilombos, e assim por diante, através dos quais os negros reproduzem formas tradicionais africanas adaptadas ao novo ambiente, ou então infundiam a formas culturais estrangeiras um espírito africano, adaptando-as ou reduzindo-as a seu parâmetro cultural. (NASCIMENTO, 2017, p.124)

Neste ponto do nosso estudo, se faz importante assinalar que a lente aumentada sobre o caráter outsider do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul apresentou e visibilizou não somente sua performance e expressão de Resistência Negra, como entendemos nos dias atuais, mas também ajudou a visibilizar outras manifestações remanescentes do legado africano existentes no Município de Encruzilhada do Sul, tão outsiders, tão africanidade e tão resistência quanto o “Boi”. São elas: 1) as Casas de Religião; 2) o Carnaval da cidade; 3) o Grupo de Dança Afro, com seus 20 anos de existência; 4) o herói Negro: João Cândido Felisberto, filho das terras encruzilhadenses e principal líder da Revolta da Chibata.

As Casas de Religião presentes em Encruzilhada do Sul são, mais ou menos, em um número de 12 unidades, sendo, em sua grande maioria, Centros de Umbanda, segundo informações de um ilustre praticante dessa religião afro-brasileira em terras encruzilhadenses e que atualmente é delegado da Federação Espírita de Umbanda do Rio Grande do Sul. Ele nos relatou, também, os nomes dos seguintes Centros existentes na cidade do nosso “Boi”:

Centro de Umbanda e Quimbanda Cacique Tupiniquim;

Centro de Umbanda Branca Ogum Ponche Verde;

Centro de Umbanda Branca Reino de Iansã;

Centro de Umbanda Branca Reino de Ogum Beira Mar;

Centro de Umbanda Branca Oxum e Ogum Beira Mar;

Certo de Umbanda Branca Ogum Mete.

Por fim, com a intenção de gerar um pouco mais de proximidade com algumas realidades que circundam a ação e a atuação dessas Casas de Religião na cidade de Encruzilhada do Sul, transcrevemos o seguinte relato do nosso informante sobre a dinâmica e atividades da sua Casa de Religião:

“Olá! Me chamo Fulano⁹. Trabalho com a Umbanda e a Quimbanda. Tenho 28 anos de Religião. [...] No meu Centro, trabalhamos só com ervas e não praticamos sacrifícios de animais... não

⁹ Em vista de preservar a identidade do nosso informante, não transcrevemos aqui o nome de registro civil, nem de sacerdote religioso.

fazemos cortes de animais. Trabalhamos, também, fora nossas consultas espirituais, nos trabalhos com jantares beneficentes para ajudar as pessoas doentes e as pessoas com necessidades... ajudamos em asilos... e ajudamos jovens com dependência química (drogas)... organizamos também em nossa Terreirão, aulas de tambores e atabaques para todas as idades e sexos... aqui em Encruzilhada [somos] a única Casa que presta esse tipo de ajuda à comunidade encruzilhadense...”

(Entrevista de um encruzilhadense umbandista concedida por whatsapp. – 31/05/2019)

O Carnaval de Encruzilhada do Sul acontece há muitos anos. Pelo menos por volta de 150 anos, como é o caso do Bumba-Meu-Boi da cidade.

A festa de rua conta com três escolas de samba e três blocos carnavalescos que participam dos desfiles pelas ruas da cidade, tendo como percurso principal a rua 15 de Novembro. As Escolas de Samba são: 1) a Escola de Samba Mocidade Independente Encruzilhada do Sul, Fundada em 31 de março de 1985; 2) a Escola de Samba Mimi, fundada em 12 de fevereiro de 1975; 3) a Escola de Samba Acadêmicos de Padre Palermo, fundada em 29 de março de 2014. Já os blocos carnavalescos da cidade são: Terceira Idade Unidos Venceremos, Bar da Jake e Serpenteada.

Temos as seguintes informações sobre as escolas de samba supracitadas, encontradas no JORNAL CORREIO ENCRUZILHADENSE, ao noticiar o carnaval de 2018 do município de Encruzilhada do Sul:

Fundada no ano de 1985, a Escola de Samba Mocidade Independente trouxe para a avenida o tema “Era uma Vez”, cantando, no seu samba-enredo a magia dos contos de fadas. A escola contou com 200 integrantes e foi dividida em 3 alas, sendo as posições de destaque aos encargos de Itiara Silva, como Porta-estandarte; Porta-Bandeira: Gabriela Teixeira Silveira; Mestre-Sala: Alex; Madrinha da Bateria: Ana Carolina Sodré; Mestre de Bateria: Claudiomar Costa; Presidente: Teresinha Araújo Ferreira; Vice-Presidente: Rejane Luz Teixiera; Carnavalesco: Andriago Santos. A letra do Samba Enredo ficou aos encargos de Joni e Jonathan Rodrigues (Os Maninhos). Partitura: “Um conto de carnaval no reino encantado da Mocidade.” Letra: Thales Ferreirinha da Conceição, Maninho Rodrigues e Maninho Jony. Música: Thales Ferreirinha da Conceição, Maninho Rodrigues e Maninho Jony, Fernandinho Silveira e Dieguinho Santos.

A Escola de Samba G.R.E.S. Acadêmicos de Padre Palermo foi fundada em 29 de março de 2014. Tem como presidente Amauri Palermo e Silvia Marques Antunes. O tema trazido para a avenida, neste ano, foi “A Tribo Chegou”: uma

narrativa que trouxe mais sobre a cultura indígena, presente nos pilares do nosso país. Na comissão de frente estava presente a figura indígena do sacerdote e suas guardiãs. Já o carro abre-alas contou com a marca da Escola e uma destaque representando a Deusa do Sol, a Flora e a Fauna nativas e animais típicos da nossa região. A escola mostrou a mistura das raças, o índio, o negro, e o homem branco representado pelo açoriano. Além disso, três alas, com destaque para a infantil, que fez menção a “Tia Pretinha” como símbolo do melhor carnaval da Região. Rainhas: Helena Cardoso (Infantil) e Amanda Couto (Adulta). Harmonia: Adriano Horna; Puxadores: Lawrence Genz Azambuja; Interpretes: Andriny Moreira Horna, Joana Sperb e Irene Horna; Porta-Estandarte: Cassiane Ferreira; Porta-Bandeira: Kauana Oliveira; Mestre-Sala: Deivid Batista Pinto; Madrinha da Bateria: Giulia Aguilheira; Mestre de Bateria: Adenir (Toco DJ).

A Escola de Samba MIMI desfilou na avenida a incrível magia das cores que estão presentes na sociedade de várias maneiras, possuindo diversos signos que influenciam nosso dia a dia. Essa característica foi ressaltada no desfile. De acordo com Edite Almeida, integrante da escola, o fato de as cores estarem presentes de diversas formas, tanto na natureza, quanto na alimentação, nas roupas, nos ambientes, e em tantas outras situações fez a escola optar por este tema. Ainda conforme Edite, a cor está presente nas diversas culturas e nas diversas civilizações durante a história.

O tema foi desenvolvido em 02 setores: o setor 01 apresentou as cores nas civilizações, desde a pré-história (...) até as cores dentro da história nas diversas culturas e civilizações (...), já o setor 02 resgatou a influência das cores no cotidiano (...).

A Escola foi fundada em 12/02/1975, com as cores preto e branco; símbolo: Coroa; enredo: Magoa das Cores. Presidente: Emanuele Silveira; Vice-Presidente: Roger Marchant; Rainhas: Manuela Vieira Florisbal (Infantil) e Rafaella Ferreira (Adulta); Diretor de Bateria: Roger Marchant; Madrinha da Bateria: Emanuele Silveira; Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Juliano Adolfo e Marla Kappaun; Porta-Estandarte: Ana Paula Koller; O Samba Enredo: Magia das Cores ficou aos encargos de Maninho Lopes.

(CORREIO POPULAR ENCRUZILHADENSE, 17/02/2018)

O Grupo Afro Orgulho da Raça foi fundado no ano de 1996 na Escola Estadual Borges de Medeiros pela professora Carmem Machado de Abreu. No blog do grupo podemos encontrar as seguintes informações:

Com o objetivo maior de pesquisar, valorizar e divulgar a história e a cultura da etnia negra. A Professora Carmen Machado de Abreu (Formada em Educação Física) iniciou suas atividades com o grupo em agosto de 1996. Formado apenas por alunos da escola, do ensino fundamental e médio o grupo de danças, busca a cada ano abordar um tema que retrate o sentimento de amor e determinação do povo negro, levando outras pessoas a conhecer e orgulhar-se de suas origens e sua cultura.

[...]

O Grupo Afro Orgulho da Raça e Grupo Musical Lá do B (até 2007), nestes 20 anos, já realizaram muitas apresentações, mostrando a música e a dança afro-brasileira em vários momentos, como: seminários de educação, encontros de comunidades quilombolas, festivais de dança, em vários lugares. (Cf. orgulhodaraca.blogspot.com)

É um grupo que realizou bastantes atividades em seus vinte e poucos anos de existência. Tem conseguido interação com outros grupos e outras atividades culturais. Dos registros de atividades do grupo enumerados no seu Blog, destacamos o do ano de 2001:

2001 – Surge o Musical Lá do B AFRO, sob a batuta da Professora de Artes Jaqueline Freitas. Tivemos nossa primeira promoção, evento com direito a desfile de modas e de trajes afro pelos integrantes do grupo no Clube Social Negro Tabajara. Sucesso absoluto. Também, foi o ano que foi lançada a primeira camiseta do grupo com a frase sugerida pela integrante Katiane Duarte Costa: “Seja um Negro de atitude e assumo sua Negritude”, frase e luta que nos acompanha até os dias de hoje. Fomos tema principal do tradicional Jantar Festivo da Escola Borges, com destaque para: “Somos Negros...sim; Somos fortes...sim; Somos a eterna descoberta. Somos a busca da eterna Liberdade!” Participamos do pré-lançamento do livro Professora de Artes e Escritora Encruzilhadense Maria Luci Corrêa na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, com apresentação artística. Participamos e vencemos a 1ª edição do Festival de Dança Afro em Santa Cruz do Sul.

(Cf. orgulhodaraca.blogspot.com)

O Marinheiro João Cândido Felisberto é o ilustre encruzilhadense conhecido por todo o Brasil. Também conhecido como o Almirante Negro, nasceu no município de Encruzilhada do Sul em 24 de junho de 1880. Foi um militar brasileiro da Marinha de Guerra do Brasil, líder da emblemática e importantíssima Rebelião Negra no Brasil: A Revolta da Chibata. Sobre esse tema nos fala a historiadora Silvia Capanema em seu artigo: “*Do marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária*”. Vejamos a seguir:

A construção do personagem João Cândido remonta a acontecimentos da noite de 22 de novembro de 1910, quando um grupo de mais de mil marinheiros subalternos da Marinha de Guerra se rebelou na baía de Guanabara, tomando o controle dos navios mais importantes da frota da época – sobretudo os grandes

encouraçados: Minas Gerais, São Paulo e o Scout Bahia – e apontando suas armas contra a capital federal. Os marinheiros, na maioria negros, pardos e oriundos do Norte e do Nordeste do Brasil, exigiam melhores condições e o fim dos castigos corporais, em particular, a abolição da chibata.

A rebelião durou aproximadamente cinco dias e mobilizou a sociedade e a opinião da época. Alguns órgãos da imprensa foram simpáticos aos marinheiros, bem como certos parlamentares, e o governo acabou concedendo a anistia aos rebeldes. No entanto, dias depois, o Estado autorizou a publicação de um decreto que previa o desligamento da Marinha dos elementos considerados “nocivos à disciplina” a bordo dos navios - decreto 8400, de 28 nov.1910. (ALMEIDA, 2011, p.62)

Por fim, parafraseando Abdias Nascimento (2017), acreditamos não cair em erro ao afirmar que, como o TEN (Teatro Experimental do Negro) da sua época, o “Boi”, as Casas de Religião, o Carnaval, o Grupo Afro Orgulho da Raça e o reconhecido herói negro João Cândido, todos encruzilhadenses, são um protesto ativo e resistência criativa contra uma sociedade que, ainda hoje, fazendo uso de muita dissimulação, aspira ser latina-branca e europeia, que sem nenhum escrúpulo, para atingir tais objetivos, não hesita em apagar a verdadeira natureza cultural e étnica da metade da população do nosso país: os descendentes da África.

Essas manifestações de africanização, em solo riograndense, se juntam a inúmeras outras pelo Brasil e mundo a fora, visibilizando, atualizando e potencializando o nosso exercício de “*AQUILOMBAR-SE*”¹⁰ em um movimento e atitude de *Resistência Negra* que garanta o lugar

¹⁰ Em seu trabalho, *História do Negro Brasileiro*, Clóvis Moura (1989) utiliza o conceito de *Quilombagem* para definir o movimento no qual o Quilombo, como unidade básica do processo de resistência do negro, se articulava a outras formas de luta: como as insurreições urbanas da Bahia durante o século XIX, a revolta dos malês, em 1835, e o bandoleirismo. Especificamente, Moura define Quilombagem como,

um movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis econômico, social e militar – e influiu poderosamente para que este tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre. (Moura, 1989, p.22)

Ainda, enquanto expressão da contradição fundamental da sociedade escravista, que opõe senhores e escravos, a *Quilombagem* não se trata de um movimento de negros organizados em grupos isolados em quilombos, sem penetração nas cidades, ao contrário, é um movimento que, atuando em várias frentes, tem o quilombo – em função de sua quantidade e continuidade histórica – como um núcleo articulador de várias manifestações de resistência negra: cultural, política e religiosa. (Cf.: OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra. Dissertação. UFF/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito. Niterói, 2009, pp.124-125)

do negro, do índio e do branco numa dinâmica de igualdade e equidade social, política, econômica, cultural e religiosa em todo território brasileiro e, porque não, no mundo!

CAPITULO IV

O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL AUMENTANDO A LENTE SOBRE O PROCESSO DE IDENTIDADE E ALIENAÇÃO AO SEU ENTORNO



Figura 5: Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul pelas ruas da cidade em noite de festa. (Fotografia do acervo do autor)

Quando elegemos pesquisar a festa do BUMBA-MEU-BOI da cidade de Encruzilhada do Sul-RS, e perscrutar sua dinâmica de visibilização e socialização da diversidade étnica brasileira – com ênfase nos elementos afros - presente nesta Festa de Folguedo realizada em citada cidade sulista, visávamos também, mais objetivamente, verificar como esses legados eram assimilados e socializados com a comunidade do seu entorno. A nossa questão de fundo aqui é saber em que medida o Folguedo¹¹ encruzilhadense marca o dinâmico e constante processo de formação identitária do município de Encruzilhada do Sul; é saber em que medida se visibilizam as questões de identidade e alienação no processo de envolvimento, organização, realização e continuidade da “Farra do Boi” nessa cidade e em seus municípes.

¹¹ Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. Algumas tem origem religiosa, tanto católica como de cultos africanos, e outras são folclóricas.

Follmann, juntamente com outros colaboradores, se dedicaram exitosamente ao exercício de aprofundamento sobre o tema do processo de identidade, no livro *Processos de Identidade, relações étnico-raciais e relações religiosas*. Nesse trabalho encontramos uma afirmação sobre o processo de identidade que ilumina bem nossa questão...

O tema identidade é um tema muito mobilizador de mentes e corações, em nossos dias. Trata-se de uma das categorias fundamentais para a compreensão da sociedade. Para pensarmos a sociedade, a sua coesão social e os seus conflitos sempre presentes, um ‘atalho’ tremendamente facilitador, sem dúvida, é o de colocar os processos que envolvem a identidade, no centro das atenções. (Follmann, et al, 2017, p.26 / grifo nosso)

Por isso, seguindo o raciocínio desse parágrafo anterior, desejamos saber como tudo aquilo que pode vir a representar a presença de um Bumba-Meu-Boi na cidade de Encruzilhada do Sul tem mobilizado sua população a vislumbrar sua formação identitária entremeada por características contundentemente multiétnicas.

Mas, como definir processos de identidade?

Segundo Follmann, como

a trajetória percorrida pelo indivíduo para alcançar suas metas, numa busca complexa e constante por identidade, ou seja, um processo de identidade, que é permanente e tende a ser mais ou menos complexo... Entendendo, ainda, que o resultado nunca será uma identidade estática, imutável, mas uma identidade em processo, sempre fortemente influenciada pela própria ação da sociedade e os valores culturais do meio onde os indivíduos estão inseridos. (FOLLMANN, et al, 2017, p.27)

Contudo, ainda inspirados em Follmann (2012), é nesse contexto que podemos conjecturar que ao tratar do tema de processos de identidades se coloca diante de nós, direta ou indiretamente, um outro tema intrinsecamente ligado ao primeiro, por uma dinâmica de oposição. Estamos falando dos processos de alienação, e “trata-se de algo fundamental termos presente que estes processos são, a rigor, a negação (ou esvaziamento) dos processos de identidade”. (FOLLMANN, 2012, p.85)

E é a essa questão que iremos nos dedicar nesta parte de nossas reflexões. Buscaremos averiguar se na relação com o Bumba-Meu-Boi o povo encruzilhadense é levado a fazer uma experiência positiva de processo de identidade ou se se trata mais de uma experiência de processo de alienação.

Assim, aconteceu que durante a nossa imersão no campo da pesquisa, através das conversas com as pessoas, dos contatos com notícias impressas e audiovisuais, fomos tomando conhecimento de que o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada, além de famoso em sua cidade natal, era conhecido por outras paragens da Região Sul do Brasil. A descoberta desses dados nos fez perceber a possibilidade de averiguar a dinâmica do *processo de identidade e processos de alienação* a partir da investigação de como é o “Boi” visto de fora (além do município) e como é o “Boi” visto de dentro (pelo olhar do povo do seu município). Sendo assim, nos propomos, primeiramente, dedicar atenção aos olhares *ad intra* e *ad extra* sobre o “Boi” de Encruzilhada, para, em seguida, sondar que tipo de vivência é promovida nas vidas humanas do entorno do “Boi”, dentro do recorte dos processos de identidade e dos processos de alienação, escolhidos como categorias bases de nossa investigação neste capítulo.

4.1 O Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul além-fronteiras do seu município

À primeira vista, quando se ouve falar da festa do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul podemos perceber um ar de novidade acompanhado de um leve estranhamento por parte dos nossos interlocutores, como já dissemos anteriormente, em alguma parte do nosso trabalho. É fato que poucos têm conhecimento de que essa folclórica festa, tão popular na região nordeste do país, também acontece em solo gaúcho, mas, ao mesmo tempo, nem por isso podemos dizer que o conhecimento acerca da existência desse folguedo no Rio Grande do Sul está restrito aos encruzilhadenses. Ainda que não seja em quantidade considerável ou, até mesmo, numa escala de grande abrangência, o certo é que o “Boi” de Encruzilhada tem sido notícia e tem se apresentado em lugares além-fronteira do seu município. Sendo assim, toda pessoa que tiver a oportunidade de conhecer mais de perto o “Boi gaudério” e a sua história poderá inteirar-se, especialmente, que este “folclórico Boizinho” já cruzou, inúmeras vezes, as fronteiras do seu município de origem para apresentar-se em outras cidades. Entre suas andanças extramuros

municipais, tem-se o registro da participação desse Bumba-Meu-Boi até mesmo em um evento interestadual de Bumbas-Meu-Boi (*O Encontro de Bois Norte a Sul – Ano 2*), realizado em Florianópolis/SC entre os dias 15 a 18 de dezembro de 2010¹², onde sua apresentação aconteceu às 11hs:30min da manhã, do segundo dia do evento. Sobre esse evento temos, ainda, o registro de um jornal local (encruzilhadense), *JORNAL 19 DE JULHO* que, entre outras coisas, diz:

Bumba-Meu-Boi foi apresentado em Florianópolis

Através de convite ao Departamento de Cultura do município, o grupo do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, com a presença do líder Diogo Silveira Kucharski e de Dulcimar dos Santos Machado, acompanhados pelo Executivo Municipal, através de Gilson Soares, Coordenador do Departamento de Juventude e Inovações, e do Coordenador do Departamento de Cultura, Márcio Von Diemen, participaram do ‘Encontro Nacional de Boi de Norte a Sul ano 2’ em Florianópolis, entres os dias 14 e 18 de dezembro.

O Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul foi o único grupo convidado do Rio Grande do Sul, representando assim o Estado, em um evento nacional, com grupos do Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima e outros Estados.

(JORNAL 19 DE JULHO – 22/12/2010)

Igualmente, encontramos registro de participação do “Boi” encruzilhadense no Carnaval do município de Santa Cruz do Sul-RS e no *Encontro de Cultura Popular e Teatro* do município de Guaíba-RS. Encontramos três reportagens de jornais que registram a participação do “Boi” do Mestre Silvino no carnaval de Santa Cruz do Sul: os jornais “Jornal do Sudeste” e “Gazeta do Sul” trazem reportagem que fazem referência a essa participação no ano 2004¹³; e já o jornal digital “Riovale Jornal”, menciona a participação do folguedo entre as atrações do carnaval santacruzense no ano de 2012¹⁴. O espaço oficial que registra a presença do “Boi” de Encruzilhada no evento cultural de Guaíba é a própria página digital da prefeitura do município de Encruzilhada do Sul¹⁵. Lá consta a informação de que através do convite para participar do *II Encontro de Cultura Popular e Teatro*, realizado entre os dias 10 e 13 de agosto na cidade de Guaíba, o folguedo do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul foi apresentado pelo Coordenador do Departamento de Cultura, Márcio Von Diemen, acompanhado por uma das

¹² Cf. anexo C.

¹³ Cf. anexo A. Recortes de jornais sobre notícias do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, adquiridos junto ao acervo da família do Mestre Firmino.

¹⁴ Cf. http://www.riovalejornal.com.br/materias/821-o_carnaval_ja_comecou_em_santa_cruz_do_sul. (Acesso em 13/05/2019).

¹⁵ http://www.encruzilhadadosul.rs.gov.br/index_arquivos/popupn10319.html (Acesso: 13/05/2019)

filhas do Mestre Firmino Silveira, a Jaíce Silveira, e pelos integrantes do grupo de organização do “Boi”, Renato Nogueira e Marco Antônio.

Por fim, dois destacados acontecimentos de visibilização do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, num contexto além-fronteiras do município, foram: sua indicação ao *Troféu Cultura Gaúcha* e sua eleição como símbolo representante do município dos encruzilhadenses na seleção dos símbolos que mais representasse cada um dos 496 municípios que compõem o Estado do Rio Grande do Sul.

Sobre o *Troféu Cultura Gaúcha* temos a seguinte reportagem do *Jornal 19 de Julho*:

Firmino Silveira recebe o Troféu Cultura Gaúcha

Um projeto do deputado estadual Manoel Maria (PTB), instituiu o dia 31 de outubro como o dia da Cultura. Através dele o governador Germano Rigotto lançou o Troféu Cultura Gaúcha.

O trabalho de dedicação e amor à cultura de nossa cidade levou representantes da Casa de Cultura Humberto Fossa e Firmino Silveira a receber o Troféu Cultura Gaúcha.

A cerimônia de entrega do prêmio foi no Armazém A4 do Cais do Porto, em Porto Alegre, no dia 27 de outubro, homenageando personalidades e entidades que se destacaram no cenário cultural de 2004.

Encruzilhada do Sul recebeu o Troféu Cultura Gaúcha através da Festa do Bumba-meu-boi, sendo destaque regional representando a Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo. (JORNAL 19 DE JULHO – 03/11/2004)

Já a respeito da seleção do Bumba-Meu-Boi como representante do Município de Encruzilhada do Sul, no Caderno Especial do *Zero Hora*¹⁶, intitulado “*O melhor do Rio Grande*”, pode ser encontrado, na página 145 desse mesmo Caderno Especial, o relato sobre algumas características da cidade e um pouco da história do “Boi”.¹⁷ Nessa edição especial do jornal, “*buscando trazer à luz o melhor de cada município do Rio Grande do Sul*”, são *apresentadas* as principais atrações de cada um dos 496 municípios do Estado, na época, eleitas como símbolo maior da sua cidade.

Mas, por que estamos nos dedicando a todas essas informações sobre menções e presenças do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada, acontecidas para-além do seu município de origem?

¹⁶ Jorna impresso do município de Porto Alegre, mas com abrangência Estadual.

¹⁷ Cf. JORNAL ZERO HORA. O melhor do Rio Grande: caderno especial traz as principais atrações de cada um dos 496 municípios do Estado. Porto Alegre, 12 de Junho de 2006.

Da nossa parte, porque aqui acreditamos que ao pautar sobre esse assunto de como o “Boi” se diz para os de fora e como os de fora fala do “Boi”, podemos ver a nossa reflexão iluminada a respeito do processo de identificação ou alienação sociocultural dos encruzilhadenses através de tudo aquilo que o seu Bumba-Meu-Boi venha a representar para eles a partir dessa sua realidade *ad extra*. Sabemos que o olhar dos de fora, muito nos ajuda a sabermos quem somos, ou seja, o contato com a leitura que os outros fazem de nós, também nos ajuda a perceber-se, a ler-se e a nomear-se como indivíduo/pessoa e/ou como grupos específicos. Quem nos aprofunda nesse tema é o sociólogo, filósofo e psicólogo social George H. Mead. Tratando sobre o desenvolvimento da “pessoa” através das vivências de um indivíduo humano, ele vai dizer:

He señalado, pues, que existen dos etapas generales en el pleno desarrollo de la persona. En la primera de dichas etapas, la persona individual está construída simplemente por una organización de las actitudes particulares de otros individuos hacia el indivio y das las actudes de los unos hacia los otros, en los actos sociales específicos em que aquél participa com ellos. Pero en la segunda etapa del completo desarrollo de la persona del individuo, esta persona está constituída, no sólo por una organización de las actitudes de esos individuos particulares, sino también por una organización de las actudes sociales del outro generalizado¹⁸, o grupo social como un todo. (MEAD, 2009, p.187)

Nessa mesma linha de pensamento é a fala de José Ivo Follmann quando diz:

Independente da ideia de uma identidade integral, originária e unificada ou da ideia de uma identidade fixa, a verdade é que na relação entre indivíduos sempre está presente a questão sobre quem é o indivíduo e quem são os outros em relação a ele, de forma consciente ou não. Ou seja, é nessa relação que se dá efetivamente o processo de identidade. É no encontro com o outro ou com os outros que a identidade aflora, torna-se palpável e é mais facilmente perceptível. O processo de identidade é relação. Toda identidade se dá na interação e é um processo que ocorre e é manifesto nos projetos individuais, nos projetos coletivos e na permanente e fecunda intersecção entre os dois. (FOLLMANN, et al, 2017, p.26)

Ainda, é pertinente e agregador a toda essa nossa reflexão o pensamento de Gilberto Velho ao dizer que “a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas

¹⁸ Mead chama de “Outro Generalizado” à comunidade ou grupo social organizado (como um time de futebol) que proporcione ao individuo uma experiência de sentir-se pessoal no campo sócio-político-existencial. Para saber mais: consultar a terceira parte do livro de George H. Mead: “*Espirito, Pessoa e sociedade*”.

dentro de um contexto em que diferentes ‘mundos’ ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito”. (VELHO, 1981, p.33)

Com todo esse caminho feito até aqui e entendendo, a partir de Follmann (2017), que toda identidade se dá na interação, é um processo que ocorre , sendo manifesto nos projetos individuais, nos projetos coletivos e na permanente e fecunda intersecção entre os dois, o questionamento que advém está no horizonte de querer saber o quanto as participações do Bumba-Meu-Boi encruzilhadense nessas outras localidades e atividades tem ajudado aos conterrâneos desse “Boi” a identificar, nomear e socializar as características que norteiam a Identidade do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul.

Uma atitude de identificação com o “Boi”, facilmente notável, neste contexto temático que estamos trabalhando, é a forma como apresentam a cidade de Encruzilhada do Sul, em relação ao folguedo do “Boi”, sempre enfatizando ser ela a única que preserva a tradição dessa festa, que outrora já existiu em outras partes do Rio Grande Sul. Ser a única cidade do Estado que mantém a tradição do Bumba-Meu-Boi parece gerar, para seus munícipes, um orgulhoso título de distinção entre as cidades que compõem o território rio-grandense.

4.2 O Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul sob o olhar do seu povo encruzilhadense.

Entrando em contato com registros de jornais e com os testemunhos de inúmeras pessoas da cidade de Encruzilhada, logo nos damos conta do quanto o Bumba-Meu-Boi encruzilhadense é muito querido e tem um alto índice de reconhecimento seja por boa parte da população, seja pelos órgãos oficiais do governo municipal. Prova isso foi a oficialização da festa pela Prefeitura da cidade (por meio do Decreto 1.241 de 13/02/1991) e a escolha do “Boi” como símbolo de representação da cidade na campanha: “*O melhor do Rio Grande*”, que o *Jornal Zero Hora* promoveu em 2006, onde cada município do estado apresentava algo de destaque

que mais lhe representasse. Outra prova de reconhecimento, carinho e respeito dispensado pelo povo de Encruzilhada ao seu folclórico “Boi” foi a constatação da ocorrência de inúmeros momentos em que o governo municipal apoiou nas logísticas financeiras e estruturais em vários anos de “Saída do Boi”, como nos relata as falas de duas encruzilhadenses abaixo:

“Bom dia! ...fui coordenadora do Departamento de cultura aqui do município, e vivenciei mais de perto, este folguedo do “Boi”, que é de suma importância para o município... um movimento cultural que mantém viva essa tradição... a importância cultural para o município e a divulgação do “Boi” a nível nacional, porque ele é diferente do folguedo do Nordeste e do Norte do país... é um “Boi” que leva a folia e é uma correria... é um enfrentamento das pessoas com o “Boi”... uma brincadeira alegre que trás, assim, muita importância para o município... um evento esperado todos os anos, onde as pessoas de todas as classes sociais se envolvem nesse movimento.”

(Entrevista com uma ex-integrante do governo municipal, realizada no dia 18/04/2019)

“A prefeitura ajudava muito... pode se ver que antes eles buscavam, levavam para a [Casa de] Cultura, mas agora eles não têm como ajudar...! Mas, o prefeito está sempre lá esperando o “Boi”... Lá [na Praça Dr. Ozy Teixeira] tem o palanque e tudo... mas, agora, a manutenção do “Boi” ficou a cargo [do Diogo], mas a gente coopera... ele faz uma janta para os que correm ai embaixo... ele faz uma janta... faz um churrasco com algumas bebidas... a gente ajuda, vamos supor, com cinquenta reais, vê o que vai faltar... ajuda ele, né!”

(Entrevista com uma familiar do Mestre Silvino - 17/04/2019)

Também encontramos algumas matérias de jornais comprovando o reconhecimento e participação do governo municipal na preservação e realização das festividades do Bumba-Meu-Boi em Encruzilhada do Sul. Seguem dois registros:

O ciclo das festas da folia na cidade de Encruzilhada do Sul, definitivamente termina com a Festa do Bumba-meu-boi, que ocorre no primeiro sábado, após, a terça do carnaval. No sábado (09), não foi diferente. O boi de pano agitou o grande público que se fez presente na Praça Ozy Teixeira. O prefeito em exercício, Senhor Rafael Baroni de Barros, realizou a entrega do ‘Troféu’ participação ao coordenador do Bumba-Meu-Boi, Diogo Silveira Kurcharski. (CORREIO POPULAR ENCRUZILHADENSE - Encruzilhada do Sul, 15/02/2008 / grifo nosso)

Foi a única vez nas últimas quatro décadas que a festa do Bumba-meu-boi teve momentos de muita tristeza. A morte do mestre Firmino Silveira foi lembrada e ele homenageado pela prefeitura, quando o cortejo chegou ao palanque montado na Praça Dr. Ozy Teixeira. Houve ainda um minuto de silêncio, provocando lágrimas em muitas pessoas que lotavam o centro da cidade.

[...]

Este ano os integrantes do Bumba-meu-boi saíram da Casa de Cultura Humberto Fossa, diferente do costume do mestre Firmino, que concentrava o grupo na casa dele, situada na frente do Clube Tabajara.

[...]

Elaine Fossa de Barcelos [ex-Secretária de Cultura] também estava entre as pessoas que acompanhavam o Bumba-meu-boi na noite do último sábado. Filha de Humberto Fossa, que juntamente com Firmino Silveira recuperou o folgado a 40 anos, Elaine tem sido a responsável em igual período, pela armação do boi. A cada ano ela revisa e recupera a armação que também fica guardada em sua casa, esperando o momento de ser transportada pelo grupo agora liderado por Diogo, fazendo a alegria de adultos e crianças. (JORNAL DO SUDESTE - Encruzilhada do Sul, 28/02/2007 / grifo nosso)

Mesmo sendo preciso salientar que, no que diz respeito ao apoio financeiro, há alguns anos a prefeitura municipal não tem conseguido ajudar ao grupo responsável pela conservação do “Boi”, como em outros tempos, fica claro que estes registros acima corroboram nossas informações de que o Bumba-Meu-Boi tem um lugar de reconhecimento e importância para os cidadãos encruzilhadenses.

4.3 Problematizando o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul diante do espelho do processo de formação identitária da população encruzilhadense.

Iniciamos essa parte, reconhecendo que ao darmos um giro sobre o olhar direcionado ao Bumba-Meu-Boi da cidade de Encruzilhada do Sul, mesmo com todas essas comprovações de estima e admirações direcionadas a ele, seja da parte dos seus conterrâneos, seja da parte de pessoas de outras localidades, quando questionamos em uma dimensão mais profunda sobre o “Boi”, suas particularidades, origens e importância sociocultural, testemunhamos falas e considerações um tanto rasas e superficiais. Em sua grande maioria, das pessoas que foram colocadas diante das nossas perguntas mais direcionadas sobre o “Boi”, ouvíamos considerações que evidenciavam, repetida vezes, como mais importante o momento da festa em si, a manutenção da tradição da festa e a alegria de ver aquele “Boi” juntar gente... Para, além disso, o folgado pouco ou nada dizia.

A esse respeito, apresentamos, a seguir, duas sequências de 7 falas de entrevistados que nos ajudarão a ratificar o que foi dito no parágrafo acima, sobre a leitura que a grande maioria das pessoas do município, que foram contatadas durante nossa pesquisa, fazem em relação ao Bumba-Meu-Boi da cidade. Num primeiro momento, selecionamos e transcrevemos as falas de 7 entrevistados pelas ruas da cidade, numa situação de cotidiano. Num segundo momento, as falas selecionadas e transcritas são de 7 entrevistados no ambiente da festa do “Boi”, os quais denominamos de *Brincantes*. Entre os entrevistados estão pessoas negras, brancas, pardas, etc. As perguntas norteadoras das nossas entrevistas eram as seguintes: *Você conhece a Festa do Bumba-Meu-Boi da cidade? Quanto tempo ela existe? Como acontece a festa? O que você mais gosta da festa? Qual a importância da festa para a cidade e para as pessoas? Você sabe da existência de Bumba-Meu-Boi em algum outro lugar do Brasil?*

Segue então, nosso primeiro bloco de falas:

“Já participei umas quatro ou cinco vezes da Festa do Bumba-Meu-Boi aqui da cidade.

Moro na área do interior do município, em um lugarejo chamado Iruí.

A única coisa que sei da história do “Boi” é que faz muito tempo que existe.

Não sei da existência do Bumba em outras cidades... carnaval tem, mas o Bumba, não tem não!

A festa do Bumba-Meu-Boi é bom para as pessoas vinrem se divertir, mas o problema é que alguns vem para fazer bagunça...”

(Entrevista com um jovem encruzilhadense de 17 anos e ensino fundamental completo – 08/03/2019)

“Sei que existe a festa do Bumba-Meu-Boi... só não sei o dia certo, mas acho que é num sábado.

É uma festa que acontece a mais de dez anos.

A importância da festa para a cidade é a de reunir todo mundo.

Eu nunca ouvi falar da festa do Bumba-Meu-Boi em outras cidades do Brasil.

Já participei da festa... Aqui na cidade a festa acontece com o “Boi” correndo atrás das crianças e diverte bastante... eu acho que é só!”

(Entrevista com um jovem encruzilhadense de 15 anos e cursando o primeiro ano do ensino médio – 08/03/2019)

“Eu conheço muito pouco, daí... e eu venho muito pouco aqui... eu sou do interior.

Nunca vim na festa, mas já ouvi falar dela.

Eu acho que é uma festa para se reunir, fazer amizade... na minha opinião!”

(Entrevista com um jovem encruzilhadense de 17 anos e cursando o oitavo ano fundamental – 08/03/2019)

“Sim eu conheço a festa do Bumba-Meu-Boi aqui da cidade.

Acho que a festa tem quase cinquenta anos, pois eu tenho trinta e ela já acontecia a muito tempo... deve ser por aí!

Quando Criança eu participava, brincava, mas agora só venho para assistir.

Sim, eu lembro que o “Boi” sai lá da casa de seu Firmino, que era quem tinha o boi, né! Ele vai passando pelas vilas lá embaixo, pelo Campos Verde [bairro], pelos bares... fazendo festa... chamando o pessoal para vir para o centro e, aí! depois de lá, ele sobe pela rua Quatro até chegar no centro.

No percurso o “Boi” alegra as crianças, corre, vai atrás.

A importância da festa é para não deixar morrer mesmo, essa tradição, né!? que já acontece a muitos anos... se deixar morrer acho que perde até a graça do carnaval... que já é uma tradição que depois do carnaval tem já o “Boi”... então, eu acho importante por isso!

Acho que deveria ter em mais estados e cidades essa festa... é bem tradicional, né!? Fora aqui eu nem sei onde tem!”

(Entrevista com uma jovem encruzilhadense de 31 anos - 08/03/2019)

“Sim! Sei da existência da festa do Bumba-Meu-Boi aqui na cidade.

Mas, tipo!, eu não sei a quanto tempo acontece a festa... tipo!, uns cinco anos!?”

Nunca fiz o percurso do “Boi”... eu já vim olhar! Via o “Boi” correndo atrás da criança, brincavam ali no meio da rua.

Olha, eu vou ser bem sincera, para mim não tem importância nenhuma essa festa (riso constrangido acompanhando a fala)... então não sei nem explicar direito

(Entrevista com uma jovem encruzilhadense de 28 anos – 08/03/2019)

“Sim, desde que me criei sempre teve isso aí [o “Boi”].

Eu só assisti ao “Boi”... o “Boi” sai na rua: corre um, corre outro, brincando assim... mas, não é [boi]! É uma pessoa fantasiada, ali... vai num bolinho e esparrama todo mundo, aí tem outro bolinho e vai lá e esparrama todo mundo... é só brincadeira, assim... percorre as ruas do centro, ali, alguns bairro, assim...[é] só uma tradição que tem muitos anos.

É importante para conservar a tradição, né!? ... coisa que tem todos os anos... se deixar e para um ano, termina tudo.

No Nordeste eu sei que também tem... mas não sei te dizer onde tudo começou no Brasil... nunca vi falar disso aí!”

(Entrevista com um senhor encruzilhadense de 48 anos – 09/03/2019)

“[o “Boi”] é forte ainda pelo apoio da tradição e pelo apoio do comércio... inclusive, o velho fundador, o velho Firmino, já faleceu, mas por uma grandeza de Encruzilhada os filhos e netos assumiram... continua, então! ...uma geração, assim, que pelo jeito não vai terminar tão cedo... hoje assumiu os filhos, amanhã assume os netos, depois assume os bisnetos e vão levando... coisa bonita isso aí, o cuidado com a tradição!”

A importância do Bumba-Meu-Boi em Encruzilhada é que ele é um movimento histórico que sempre existiu depois do carnaval... é uma importância muito grande, pois depois que passa o carnaval [na cidade] é só o que se fala: ah! O Bumba-Meu-Boi, o Bumba-Meu-Boi... a RBS vem todos os anos filmar, aí, essa festa.”

(Entrevista com um senhor encruzilhadense não informou idade, mas aparenta estar na faixa dos 60 anos – 09/03/2019)

Antes de mais nada, reconhecemos que há muitos elementos possíveis de análise nas falas que se seguiram acima, mas, reitero que o nosso interesse aqui é averiguar e ter em conta o nível de conhecimento que os munícipes têm acerca da Festa do Bumba-Meu-Boi e para onde aponta os motivos que os fazem considerar o “Boi” importante. E, é a partir desse determinado horizonte de interesse que vemos as entrevistas confirmarem que a opinião da grande maioria dos entrevistados vê a importância do Bumba-Meu-Boi na sua potencialidade de promover, realizar e dar sentido à realização da Festa em si mesma. Além mesmo diante da expressão: *importante para manter a “tradição”*, é possível perceber que, mesmo aí, estão falando mais da manutenção do evento (dia da festa), do que de um legado cultural mais elaborado e que se faz presente com a existência daquele folguedo na cidade.

Mas, sigamos com as outras 7 falas selecionadas (entre as entrevistas realizadas com *Brincantes*, durante a noite da festa) para depois seguirmos com nossa análise e reflexão teórica um pouco mais estendida.

“Desde criança eu conheço o “Boi” de Encruzilhada e sempre tive a oportunidade de segui-lo.

O povo sai atrás do “Boi”... o “Boi” sai visitando as casas, né!? Até chegar no centro... no centro é um evento, né!? O pessoal está esperando por lá... ali é uma grande festa, lá no centro.

O “Boi” é muito importante para nossa história... desde criança a gente se criou vendo isso aí... e agora traz os filhos para assistir.

[Para a cidade] acho que tem uma importância grande... essa é uma data histórica, né!? Depois do carnaval sempre no próximo sábado é tempo do “Boi”.

(Entrevista com um brincante encruzilhadense de 41 anos – 09/03/2019 / durante a festa)

“Desde meu um ano de idade o “Boi” faz parte da minha vida.

No percurso o “Boi” vai passando de casa em casa e as pessoas vão acompanhando junto, aí ele vai chegar até o centro, onde vai acontecer o evento.

Acho o “Boi” muito importante... ele ajuda o jovem a aprender a cultura.”

(Entrevista com uma brincante encruzilhadense de 12 anos –09/03/2019 /durante a festa)

“Acompanho o Boi desde pequena.

A parte que mais gosto dessa festa do “Boi” é a alegria das crianças.

A importância do “Boi” para a cidade é nunca morrer a tradição que sempre teve... que é a tradição que mais junta pessoa... a tradição que a pessoa mais gosta.

Que eu saiba não há Bumba-Meu-Boi como o nosso em outro lugar no Brasil... eu acho que só tem o nosso mesmo!

[a festa do “Boi” de Encruzilhada do Sul] tem algo a ensinar que o povo quando se reúne, se reúne para alegria, não para brigar, não para violência, mas, sim para a alegria... sair na rua, se divertir e mostrar a nossa cultura que a gente tem em Encruzilhada... que tem pouca, mas a pouca que tem a gente tem que mostrar para o povo o que a gente, né!? Então, a nossa alegria é sempre depois do carnaval o Bumba-Meu-Boi sair na rua.”

(Entrevista com uma brincante encruzilhadense - não quis informar a idade e aparenta 50 anos – 09/03/2019 / durante a festa)

“Desde que eu nasci, desde que eu me conheço por gente, eu acompanho o “Boi”.

A parte que mais gosto é a parte da espera do “Boi”, a hora que o “Boi” vai sair... é a parte mais esperada, ver o traje do “Boi”... a faceirice das crianças para sair com o “Boi” é a parte melhor da festa... a emoção é a hora que o “Boi” sai!

Ela [a festa do “Boi”] é muito importante... é a mais esperada pelas crianças do que por nós mesmos, os adultos... as crianças esperam mais o “Boi” do que o próprio carnaval... elas já rezam para não chover... são muito empolgadas com o “Boi”... é a diversão das crianças! Ainda mais em uma cidade pequena que não tem muita coisa, o “Boi”, então, é esperado por elas o ano todo.

A Festa do “Boi” nos ensina a brincar com respeito... aqui todas as crianças se respeitam... nem se conhecem... vem de tudo quanto é canto e, chegam aqui, são todas amigas, correm todas juntas... é uma alegria ver as crianças poder brincar na rua... coisa que já não tem muito mais, hoje em dia!”

(Entrevista com uma brincante encruzilhadense de 32 anos – 09/03/2019 / durante a festa)

“Há mais ou menos vinte e poucos anos que acompanho o “Boi”.

O que mais gosto do “Boi” é a hora que ele corre atrás das criançadas e elas ficam correndo, faceiras e alegres... é bem legal essa parte das crianças!

A importância do “Boi” para a cidade é a importância cultural, as pessoas saem de casa para levar a criançada... aqui tem pouca cultura, pouco entretenimento para as famílias e o pessoal saem e vem participar dessa festa.”

(Entrevista com um brincante encruzilhadense de 33 anos – 09/03/2019 / durante a festa)

“Tem lá os seus dez anos que acompanho o “Boi” de Encruzilhada.

O que mais gosto é a alegria do pessoal correndo atrás do “Boi”, ele chegando nas casas, ganhando as ‘coisas’ [presentes], o pessoal dando o ‘álcool’ [bebida alcoólica] para ele.

O “Boi” traz de importante para a cidade: a cultura.”

(Entrevista com uma brincante encruzilhadense de 29 anos – 09/03/2019 / durante a festa)

“Olha! Eu conheço o “Boi” desde que eu era guri... isso tem mais de quarenta anos, na época de seu Firmino, né!?”

A parte que mais gosto é da brincadeira com as crianças.

Isso é muito importante para divulgar Encruzilhada.

(Entrevista com um brincante encruzilhadense de 60 anos – 09/03/2019 / durante a festa)

Agora, diante, também, desse segundo grupo de falas, fica bem evidenciado que não há diferença na percepção acerca do lugar de importância do Bumba-Meu-Boi encruzilhadense entre os entrevistados dos dois grupos. Testemunhamos, mais uma vez, a perspectiva da importância do “Boi” vinculada mais à Festa em si do que a um legado cultural mais abrangente. Até mesmo nas falas: *“é importante para nossa história!”*; *“... é a importância cultural”*; *“... é para não deixar morrer mesmo, a tradição!”*, podemos perceber que no conjunto das narrativas não estão apontando para nenhuma outra coisa referente ao seu Bumba-Meu-Boi que vá mais além do dia da “Saída do Boi” que há mais de quarenta anos acontece no primeiro sábado depois da terça-feira do carnaval.

Neste ponto, não caímos em erro ao afirmarmos que os olhares, leituras e considerações em relação “Boi”, tanto na perspectiva dos de fora, quanto na perspectiva dos de dentro (municípios) estão menos voltados para um reconhecimento de valor cultural e mais vinculados com a Festa em sua existência pontual, mais valorizada pela folia do dia, por uns, e pelo marketing gerador de destaque da cidade, por outros.

Aqui chegando, o que queremos dizer, segundo indicações dos resultados das nossas entrevistas, é que a grande maioria dos encruzilhadenses favorecidos por algum tipo de contato, convivência ou interação com o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, nos dá a entender, por seus testemunhos, que eles conhecem a “Festa do Boi”, sabem da existência do grupo do

“Boi”, sabem até mesmo das andanças e estimas pelo “Boi” por outras cidades do Sul a fora, mas não conhecem o “Boi” em suas particularidades culturais mais intrínsecas, não conhecem sua identidade brasileira como folguedo, não conhecem as características e os legados socioculturais que ele carrega, não conhecem a história do “Boi” numa perspectiva mais abrangente e não conhecem as condições que permitiram e permitem sua existência nessas terras sul-rio-grandenses.

Dessa forma, entendemos ver acontecer um processo de alienação de uma importante parcela da identidade do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, na perspectiva do olhar dos cidadãos encruzilhadenses dirigido a ele. A partir do momento que o “Boi” não consegue comunicar suas outras dimensões que o constitui como um folguedo brasileiro e o liga a outras expressões de festejos folclóricos que nascem da mesma raiz portuguesa-nordestina-afroameríndia e carrega certas características específicas como legado comum, o “Boi” torna-se fragmentado no processo de constituição da sua identidade. Neste ponto, a questão que se apresenta é o entendimento de que o “Boi” com essa identidade fragmentada, não conseguirá ser instrumento de processo e formação de identidades em seu entorno, mas sim de processo de alienação. Inspirados no pensamento de Michele Bertrand (1989), poderíamos dizer que o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul é colocado em uma situação de “identidade clivada” onde ele é separado de sua essência, havendo uma cisão da sua identidade impedindo-o de realizar sua “essência”, de apresentar o “genérico” em sua realidade particular.

Com isso, concluímos que enredado em uma situação de alienação, o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, não tem como escapar à sina de, quando em exercício de interação com seus conterrâneos, ser um instrumento multiplicador do processo da alienação vivido. Pois, como nos lembram Berger e Luckmann (1987), a realidade da nossa vida é compartilhada com outros. “Mas, de que modo experimento esses outros na vida cotidiana?” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p.46). Os indivíduos em exercício de interação com o “Boi” de Encruzilhada, encontra-o em uma dinâmica de alienação e é isso que explica a leitura fragmentada, rasa e enquadrada que esses indivíduos fazem dele, pois, é assim que o experimentam. São levados a experimentar e a vivenciar um olhar coletivo acerca do “Boi” que já se naturalizou em identificá-lo, primordialmente, como símbolo e mentor da Festa do pós-carnaval de Encruzilhada do Sul. Um hiato se abre na possibilidade dos indivíduos experimentarem o “Boi” como espelho fomentador dos seus processos de identidade, já que as mais “importantes experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face como o outro,

que é o caso prototípico da interação social”. (BERGER; LUCKMANN, 1987, p.47) O que fica profundamente não resolvido aqui é a possibilidade de o indivíduo alcançar uma satisfatória experiência pessoal diante de um outro fragmentando e, até certo ponto, anulado.

Nesse ponto, acreditamos, mais uma vez, não incorrer em erro ao afirmar que esses moradores encruzilhadenses sentem o que vive em interação com o Bumba-Meu-Boi, mas por se tratar de um interlocutor enredado numa situação de alienação, dificilmente serão colocados diante de uma realidade que os levem a compreender o sentido social e cultural mais profundo do que fazem, participam e experimentam junto com o “Boi”. Tal cenário vivencial interdita a experiência dos encruzilhadenses de se perceberem acrescentados por todo o legado histórico-sócio-cultural que o “Boi” traz consigo, sendo substituído pela dinâmica e processo de alienação.

E se é nas interações sociais que o indivíduo, ele mesmo, gesta sua própria identidade, no caso do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, em situação de alienação, a performance do processo de alienação vence a performance do processo de identidade das pessoas que se encontram ao entorno do “Boi”.

Por fim, podemos concluir que as nossas reflexões acerca do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, aumentando a lente sobre o processo de identidade e alienação ao seu entorno, nos sinalizam que o “Boi” encruzilhadense, por sua situação de alienação, não oferece elementos do seu legado histórico-sócio-cultural de modo a favorecer sua participação na experiência de um processo de identidade dos seus conterrâneos, ficando de fora da autoprodução deles enquanto seres humanos situados em um tempo, lugar e situação existencial concreta, já que “os homens em seu conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p.75). Ou seja, o legado afroamerídeo presente na estrutura do Folgado do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, presente na formação identitária de todo “Boi brasileiro”, não imprime influência das características afroamerídeas no processo de identidade dos encruzilhadenses.

4.4 A ausência da mulher na composição do grupo responsável pelo Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul como mais uma situação de processo de alienação ao entorno do “Boi”

No decorrer dos nossos contatos com o universo que circunda o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, fomos nos dando conta da ausência feminina na composição do grupo organizador. E o dia em que a confirmação se fez plena foi na preparação para a “Saída do Boi” nesse ano de 2019. Aconteceu que num momento de concentração ao redor do “Boi”, acompanhado de uma fala motivacional e de uma oração, via-se que apenas os homens compunham o círculo. Este acontecimento nos levou a prestar um pouco mais de atenção e, assim, constatar que o grupo de organizadores e realizadores da Festa do “Boi” encruzilhadense é unicamente formado por homens.

Foi uma descoberta muito instigante, perceber que o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada trazia uma problemática dentro da questão de gênero em sua estrutura organizacional.

Como estamos tratando, neste capítulo, sobre as questões referentes às dinâmicas dos processos de identidade e dos processos de alienação no entorno do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, acreditamos ser pertinente, abrir essa janela temática e falar um pouco dessa específica dinâmica de processo de alienação gerada pelo “Boi” ao negligenciar a questão da ausência do lugar das mulheres em seu grupo organizador, alienado as conquistas dos movimentos feministas negros, nos recortes de gênero e raça, que lutam pelo protagonismo feminino ao lado do protagonismo dos homens em todo e qualquer setor da sociedade contemporânea.

Obviamente, com um olhar um pouco mais atento, vamos percebendo que os personagens que acompanham o “Boi” são todos desempenhados por homens. Até mesmo nas fotos tiradas com o “Boi” e seus personagens coadjuvantes oficiais, e/ou naquelas que haja a presença de mulheres (mães, esposas, filhas, entre outras familiares) o protagonismo é dos homens. Dessa maneira, mesmo que da parte do grupo não se tenha a menor intenção, o “Boi” atualiza e historiciza valores que são marcadores do *sistema patriarcal* ao manter as mulheres em lugares e atividade de invisibilidade no universo do Bumba-Meu-Boi.

Aqui, contraditoriamente, a partir de uma realidade negativa engendrada no próprio Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, somos possibilitados a visibilizar um tema caro ao setor das questões femininas do Movimento Negro. Tratar da questão de gênero/raça nesse tipo de manifestação folclórica diante do espelho de toda a luta que tem sido, exitosamente, empreendida pelo movimento feminista, nos faz lembrar que tudo começou com as mulheres negras no contexto das lutas e resistências pautadas pelo Movimento Negro.

Não é novidade que as dinâmicas de desigualdade racial no Brasil insistem em pesar, quase que de modo incomensurável, para a balança dos afrodescendentes e indígenas. E, quando se junta a questão de gênero à essa realidade, as mulheres negras e as mulheres indígenas vão para o topo da escala de desfavorecimento econômico-sócio-político-cultural.

É sob esse horizonte que nos dedicamos a refletir sobre as implicações da conduta de negligenciamento de um espaço feminino e da invisibilização da presença das mulheres na organização do Bumba-Meu-Boi encruzilhadense.

Tendo em vista assegurar um pertinente aporte teórico ao adentramos nessa nossa empreitada temática, teremos como interlocutora e a Prof^a. Dr^a. Lady Selma Ferreira Albernaz, a partir do seu trabalho de doutorado que trata dessa questão do lugar das mulheres nos grupos de Bumba-Meu-Boi do Maranhão, intitulado de *“O ‘urrou’ do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão”*.

Uma vez que nos dediquemos a perscrutar a história do Bumba-Meu-Boi no Brasil em geral, somos levados a tomar conhecimento de que, em seus primórdios, esse folguedo era realizado apenas com a participação de homens, como nos confirma a professora Lady Selma, por meio das citações que faz de Padro e de Carvalho em seu texto com o qual aqui estamos dialogando.

Até a década de 1970, o folguedo era representado, de certa forma, naturalizando a sua classificação, como ‘ eminentemente masculino’, (PRADO, 1977), em decorrência da presença majoritária de homens. ‘Rapaziada’ – essa é uma forma tradicional de denominar o grupo do boi e que, ainda hoje, aparecem diversas toadas do bumba, refletindo o caráter de masculinidade que revestia o conjunto (Carvalho, 1996:63). As posições das mulheres eram referidas, mas principalmente como espelho da presença dos homens, sendo colocadas como naturalmente acompanhando os homens durante as apresentações da brincadeira’, bem como nos espaços privados de produção do folguedo, tais como: confecção, guarda e preservação das indumentárias, e na produção de alimentos em algumas festas. (ALBERNAZ, 2008, pp 9-10)

É certo, segundo o texto mencionado acima, que não podemos dizer que existe ou existiu, um “Boi”, exclusivamente, só de mulheres e para mulheres ou um “Boi”, exclusivamente, só de homens e para homens, mas, o que podemos evidenciar é que em certo período da história do Bumba-Meu-Boi, este folguedo era pensado, dirigido, articulado e brincado quase que exclusivamente por homens e para homens.

No contexto do Maranhão, de modo especial, a partir do momento que o Bumba-Meu-Boi começa a ser valorizado, principalmente pela força de atração turística, ele passa a receber grande investimento público e a ganhar mais visibilidade e aceitação enquanto manifestação cultural promotora de identidade e cidadania maranhense, o que propiciou o aumento da participação das mulheres e seu possível acesso a funções de poder no folguedo. Contudo, da mesma forma que constatamos no Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, os trabalhos da professora Lady Selma no Maranhão vão testemunhar que apesar de inúmeros avanços no contexto da concepção, da interpretação e da realização do “Boi”, é possível constatar, ainda, que “dentro desta manifestação [popular], de acordo com os *Sotaques*¹⁹, a composição dos seus integrantes varia, muitas vezes, por classe, raça, gênero e geração, demarcando claramente posições de homens e mulheres.” (ALBERNAZ, 2008, p.6)

Dentro deste cenário, nossa autora nos ajuda a perceber que o fato de uma maior presença e participação das mulheres no mundo do Bumba-Meu-Boi não tem tido força para diminuir as dinâmicas de desigualdade que pesam sobre elas e,

Dessa forma, o bumba boi torna-se um fenômeno privilegiado para analisar gênero, em inter-relação com outros marcadores, de maneira a perceber como desigualdades neste campo são mantidas, criadas e recriadas, bem como a possibilidade de relações mais igualitárias, tanto dentro de grupos específicos, quanto na sociedade em que eles se situam. (ALBERNAZ, 2008, p.6)

¹⁹ A denominação dos sotaques do Bumba meu boi do Maranhão se faz, principalmente, pela origem regional/cidade e/ou instrumentos característicos. Além disso, a classificação baseia-se nas especificidades de ritmo, indumentária, instrumentos, passos e evolução da dança (círculo, semicírculo, ou fileiras simétricas), bem como nas contribuições de cada sotaque para a história do folguedo, que expressam sua relação com a tradição. Outro critério é a forma de interação entre o público e cada um dos sotaques.

A respeito desse tema da não diminuição das situações de desigualdades pautadas pela relação de gênero e que colocam as mulheres em desvantagens, mesmo com um novo contexto de grande participação feminina em atividades de manifestação da cultura popular, nos parece oportuno ouvir as vozes de Gilcélia Barboza da Silva, Maria José de Paula Filha e Suênia Claudiana do N. Pinto a partir de um trecho do trabalho de pesquisa coletivo que elas realizaram sobre a presença das mulheres no “*Maracatu*”²⁰. Nesse trabalho, as autoras nos ajudam a perceber como é bastante similar a situação marginal e secundária da mulher em relação ao homem nas manifestações populares do Bumba-Meu-Boi e o do Maracatu. Vejamos nos parágrafos que seguem.

Além disso, a década de 90 é caracterizada pela efervescência da cena cultural pernambucana ocorrendo, assim, o ressurgimento e valorização dos maracatus nação impulsionados pelo Movimento Mangue Beat. Esse momento contribuiu para a ressignificação do maracatu como expressão cultural negra pernambucana e impulsionou o fortalecimento e ressurgimento dos maracatus nação, ganhando visibilidade na mídia e atraindo a classe média branca que fundou vários grupos percussivos.

Nesse contexto de transformações onde o maracatu ganhou visibilidade, notoriedade e reconhecimento, inclusive investimento público dos órgãos de fomento à cultura, possibilitou novos arranjos e a ampliação do acesso das mulheres ao brinqueado através dos grupos percussivos, especialmente oriundos de classe média, o que ampliou consideravelmente a presença feminina no maracatu nação. Atualmente a presença de mulheres é expressiva, ocupando várias posições como rainhas, damas do paço, damas da corte ou no batuque.

A participação das mulheres, muitas vezes legitimadas pelo caráter religioso, não garante uma participação equitativa no brinqueado, na medida em que alguns papéis e posições não lhes confere a função de líderes nas decisões coletivas do grupo e da comunidade. Geralmente as lideranças nos maracatus dizem respeito aos mestres e mestras de batuque. Contudo, é possível verificar que a atuação das mulheres como mestras de batuque no maracatu, não é muito recorrente.
(SILVA; FILHA; PINTO 2015, p.36 / grifo nosso)

A situação da mulher nos grupos de Maracatu apresentada nos parágrafos acima corrobora nossa percepção, a partir do Bumba meu boi do Maranhão, que as mulheres podem até estar tendo a chance, cada vez maior, de fazer parte dos folguedos, sem, no entanto,

20 O Maracatu configura-se como manifestação cultural afro-brasileira originada no período colonial provavelmente nos festejos da coroação dos Reis do Congo. Designa uma prática cultural tipicamente pernambucana. Tem como finalidade a celebração e culto dos/das antepassados/as negros/as e/ou culto aos orixás, possuindo assim uma relação com o sagrado no âmbito das religiões de matriz africana. (Cf. Silva; Filha; Pinto, 2015:8)

conseguir quebrar o paradigma do imperativo da hegemonia masculina que norteia o universo das citadas manifestações populares. Imagine o que pensar, então, do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, que espaço nenhum é devotado para a presença e atuação das mulheres.

Estes relatos nos trazem à memória que apesar do aumento da luta contra a exclusão feminina, em muitos setores da nossa sociedade atual, o espaço da mulher continua sendo usurpado, minimizado e invisibilizado.

Em seu artigo, Diferença, Diversidade e Diferenciação, Avtar Brah afirma que,

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. Vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões. (BRAH, 2006, p.341)

Esta afirmação de Brah ratifica todo nosso diálogo e reflexão feita até aqui, pois, comprovadamente, pudemos ver, a partir de uma realidade situada (a mulher no contexto de uma manifestação da cultura popular), o quanto categorias diferenciadas podem se tornar interditos nos momentos de interações das mulheres com os homens, das mulheres com outras mulheres e das mulheres com toda a realidade do seu entorno.

Que a constatação da alienação da presença e participação feminina no Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, que nos instigou essa reflexão, igualmente nos ajude a tomar consciência de que a luta por uma relação de equidade entre as mulheres negras e as mulheres não negras, entre as mulheres negras e o universo masculino, é uma luta de todos e de todas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL AUMENTANDO A LENTE SOBRE A NOVA REALIDADE ONDE PERSPECTIVAS NÃO-BRANCAS ENCONTRAM LUGAR DE FALA SOBRE O BRASIL E SUA HISTÓRIA

➤ Retomando o texto

Aqui chegando, nos sentimos impelidos a reafirmar que, mesmo sendo uma questão já desconstruída por muitos teóricos e especialmente pelo Movimento Negro do Brasil, constata-se no nosso país a existência de uma retórica insistente em afirmar que vivemos uma realidade de igualdades nas interações sócio-raciais, em detrimento de uma real realidade de desfavorecimento total em relação à população negra em todo território brasileiro. Bem sabemos que com um mínimo de atenção aos bastidores do cotidiano, logo se vê revelado o quanto essa suposição da existência de uma democracia racial é falaciosa, pois, ainda hoje se pode constatar a disseminação do racismo individual e institucionalizado como um espectro validado no imaginário do povo brasileiro, comprovando “que embaixo da superfície teórica [da democracia racial] permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes”. (NASCIMENTO, 2017, p.111) Ainda em nossos tempos, constatamos uma

grande situação de invisibilidade e indiferença em relação a muitos elementos que dizem respeito às heranças afrodescendentes e indígenas nos processos de construção identitária do Brasil, seja no campo da arte, da religião, da organização político-social, do modo de produção e, antes de tudo, do modo de se dizer brasileiro, enquanto tal.

Foi a constatação de dada realidade que nos levou a dedicar atenção e estudo ao tema da visibilização do legado afro na formação identitária do povo brasileiro.

É certo que já há algumas décadas o tema da invisibilidade/visibilidade das realidades vinculadas à história e ao legado da população negra no Brasil tem sido foco de alguns esforços teóricos e políticos de investigação/ação por parte de diversos setores do movimento negro, bem como de pesquisadores acadêmicos. Por isso, seguindo os passos desses predecessores e somando-se às suas vozes, empreendemos, em nosso trabalho, um diálogo com uma manifestação folclórica pertencente ao universo do folclore brasileiro - fortemente marcado por conteúdos multiétnicos - para apontar marcas do legado afro no olhar simbólico do povo brasileiro acerca do seu mundo, sua gente e de sua identidade. E assim, nos dedicamos à pesquisa e produção de conhecimento, por meio da aproximação e do estudo da FESTA DO BUMBA-MEU-BOI no município de Encruzilhada do Sul – RS, entendendo esse evento como um instrumento de expressão sociocultural carregado de possibilidade de validação e visibilização dos elementos de identidade afro no interior dos processos de identidade brasileiros.

Aconteceu que, como um educador socrático, o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul nos levou, num primeiro momento, a se perguntar sobre quais seriam as realidades presentes nas terras riograndenses que vieram a possibilitar o surgimento e a continuidade da presença de um folguedo de incidência tão nordestina e afro-indígena em um município da região mais brancoreferencializada do Brasil. De igual modo, socraticamente, esse “Boi” nos fez percorrer por alguns caminhos da historiografia dessa região do Sul brasileiro e, assim, desvelar o conhecimento sobre presença fenomenológica do ser humano índio, do ser humano branco e, de maior interesse nesse nosso trabalho, do ser humano negro em tudo aquilo que no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil tem sido gestado até hoje no campo da economia, da política, da cultura, da força militar e da identidade regional e nacional do nosso país. Dessa nossa empreitada, podemos concluir que no mundo gaúcho, comprovadamente, há muito sangue, suor

e vidas negras entrelaçadas nas tramas da história desse Estado gaudério, tanto quanto há sangue, suor e vidas negras entrelaçadas nas tramas da história do Brasil.

Nossas pesquisas foram confirmando, também, que o estudo sobre a presença do Bumba-Meu-Boi no Rio Grande do Sul nos ajudou a colocar uma realidade local (o Sul do Brasil e suas manifestações culturais) diante do espelho de um todo maior (o Brasil, em si, e toda sua diversidade de manifestações culturais) e, a partir daí, provocar o reconhecimento de que somos resultado da interação, em diversos aspectos, de três troncos étnico-raciais (indígena, negro e branco). E, nos tempos de hoje, com uma diversidade cada vez maior, no que diz respeito às interações multiétnicas em nosso país e no mundo, somos convidados a tomar consciência que já passou da hora de cortar pela raiz essa pretensão venenosa, excludente e atrofiante de uma supremacia étnico-racial nas relações sociais entre os Filhos do Brasil.

Ainda, nossa pesquisa nos levou à conclusão que a presença, reconhecida e ratificada por uma considerável parcela do povo riograndense, da afroreferencializada manifestação folclórica do Bumba-Meu-Boi em dada cidade do Rio Grande do Sul, nos ajuda a fazer eco à afirmação de Kabengele Munanga e Nilma Gomes quando dizem que “a produção cultural, musical e artística do negro, no Brasil, podem ser consideradas como forma de resistência desse povo e mostra, também, o quanto nosso país é africanizado”. (MUNANGA; GOMES, 2016, p.139)

Como fruto das nossas pesquisas e estudos, também se fez importante assinalar que a lente aumentada sobre o caráter *outsider* do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul apresentou e visibilizou não somente sua performance e expressão de Resistência Negra, como entendemos nos dias atuais, mas também ajudou a visibilizar outras manifestações remanescentes do legado africano existentes no Município de Encruzilhada do Sul, tão outsiders, tão africanidade e tão resistência quanto o “Boi”. São elas: 1) as Casas de Religião; 2) o Carnaval da cidade; 3) o Grupo de Dança Afro, com seus 20 anos de existência; 4) o herói Negro: João Cândido Felisberto, filho das terras encruzilhadenses e principal líder da Revolta da Chibata.

Igualmente, aumentando a lente sobre o *processo de identidade e processo de alienação* ao entorno do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, nos foi sinalizado que o “Boi” encruzilhadense, por sua situação de alienação, não consegue oferecer elementos do seu legado histórico-sócio-cultural de modo a favorecer sua participação na experiência do processo de

identidade dos seus conterrâneos, ficando, dessa forma, de fora da autoprodução identitárias deles enquanto seres humanos situados em um tempo, lugar e situação existencial concreta. Ou seja, o legado afroameríndio presente na estrutura do Folgado do Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, presente na formação identitária de todo “Boi brasileiro”, não imprime influência das características afroameríndias no processo de identidade dos encruzilhadenses.

Por fim, nossa empreitada de buscar, junto com o Bumba-Meu-Boi de Encruzilhada do Sul, visibilizar algumas dimensões do legado do homem africano e seus descendentes na formação da identidade do povo brasileiro no panorama sócio-econômico-político-cultural, nos brindou com a possibilidade de colocar em prática uma nova estratégia no exercício da reflexão acadêmica engajada, que é o exercício reflexivo sobre realidade e história do Brasil e das Américas a partir do viés decolonial²¹. Essa linha de reflexão e circulação de ideias e projetos acadêmicos tem possibilitado a notoriedade das perspectivas afro-ameríndias de perscrutar e apresentar a história do, ainda contínuo, processo de formação desse nosso país continental, colocando na roda “o diálogo e a afirmação de perspectivas do conhecimento e de povos que foram subalternizados dentro da modernidade colonial”. (COSTA; TORRES; GROSGOUEL, 2018, p.24). Isto porque,

Uma das vantagens do projeto acadêmico-político da decolonialidade reside na sua capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar em estratégias para transformar a realidade. (COSTA; TORRES; GROSGOUEL, 2018, p.10)

➤ **Re-buscando outros horizontes na perspectiva de continuidade**

Acontece que esse contexto de oportunização de “lugar de fala” despertou em nós o compromisso de melhor uso possível desse espaço de reflexão temática e, por isso, nos sentimos impelidos a retomar alguns aspectos referentes à *“burguesia/elite brasileira”*- que sempre

²¹ *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* tem a pretensão de ser uma plataforma aberta, que possa contribuir com o estímulo de futuras pesquisas sobre intelectuais/ativistas negros(as), bem como com a produção de pesquisa a partir da corpo-geopolítica de conhecimento negro. Ao falarmos de intelectuais/ativistas negros(as), não nos restringindo àqueles e àquelas que têm formação acadêmica, mas sim àquelas pessoas capazes de criar consciência do papel da população negra tanto na economia e na sociedade, quanto na política, e capazes também de indicar novos horizontes de esperança e transformação. (COSTA; TORRES; GROSGOUEL, 2018, p.24)

esteve no espaço de poder, em nosso país - e continuar desvelando suas maquinações em vista da detenção de riqueza e de poder em detrimento da alienação e invisibilização de tantos outros indivíduos, especialmente os negros, os índios e os seu respectivos descendentes. Por isso, ainda aqui, nos debruçaremos sobre a temática de visibilidade/invisibilidade do negro no Brasil, fazendo uma espécie de revisão do tema trabalhado em nossa pesquisa.

Aqui, estaremos quebrando alguns paradigmas metodológicos e ampliando nossas considerações finais...

- *A formação da “Burguesia” brasileira e seu modus operandi*

Iniciamos essa parte fazendo uma ressalva à maneira de como entendemos o termo *Burguesia* dentro do nosso texto.

É fato que, historicamente, o processo da colonização do Brasil sucede ao tempo da dinâmica histórica vivida pela Europa a respeito da passagem do feudalismo para o capitalismo, momento em que nasce a *Burguesia* enquanto classe social. Em terras brasileiras não tivemos nem o feudalismo, nem os burgos. “O ‘*burguês*’ e a ‘*burguesia*’ aparecem tardiamente em nossas terras, e já surge como entidade especializada, seja como agente artesanal inserido na rede de mercantilização, seja como negociante”. (FERNANDES, 2006, p.34) Porém, no contexto de Brasil, o modus operandi burguês vai atuar condicionado por um sistema composto pelo escravismo, a grande lavoura exportadora e o estatuto colonial”.

Não podemos esquecer que

A colonização do Novo Mundo, a partir do século XVI, constitui-se num elemento integrante da expansão capitalista, que parte, agora, para a produção ampliada do seu processo de auto-reposição. É esse novo caráter do capital, que abandona a mera esfera da circulação, entrando na da produção de mercadorias, que, em essência, explica o surgimento do “sistema colonial”. (MAZZEO, 1997, p.59)

Por esses motivos, ao nos referirmos à ideia de *Burguesia* no Brasil, estamos pensando naquela classe detentora de poder e privilégios no âmbito político, econômico e social, gestada desde os primórdios da nossa colonização, a qual foi pautada pelo extrativismo comercial, como nos confirmam as palavras de Roger Bastide.

Assim se inicia a História do Brasil. Entrega-se o país descoberto ao rei de Portugal, representante de Deus. Menos para explorar o ouro (que talvez não houvesse), ou para cultivar as terras (malgrado toda a gentileza da ilha explorada), do que para trazer a salvação aos indígenas. E o primeiro gesto dos marujos, descendo na praia foi erguer a Cruz de Cristo.

Todavia, o nome do país não será o de Santa Cruz, mas o do pau de tinta, o pau-brasil que nela é descoberto. Os interesses comerciais levam a melhor sobre os sonhos dos missionários. Imagem exata dessa época espantosa que assiste ao desenvolvimento ao mesmo tempo da Reforma, da Contra-Reforma e do capitalismo, a transformação da sociedade feudal em sociedade burguesa a representação e o desenlace dos dramas religiosos numa atmosfera de bancos, de lojas de comerciantes de panos, de escritório de armadores. (BASTIDE, 1969, p.19 / grifo nosso)

Dessa maneira,

O sistema colonial, assim visto, expressa o papel das colônias na produção mundial, isto é, na divisão internacional do trabalho, que efetivamente se estrutura. Dessa forma a colonização e a produção em grande escala de mercadorias determinarão o surgimento do sistema colonial que, então, deve ser entendido a partir de sua articulação estrutural com o modo de produção capitalista, que surge caracterizando-se nas formações sociais particulares americanas, as colônias. (MAZZEO, 1997, p.61)

Como podemos perceber, a descrição dos parágrafos acima, já nos permite detectar a gênese da relação de domínio e espoliação que as classes dominantes irão adotar no Brasil, tanto no trato com os recursos naturais, quanto no trato com recursos humanos, pois, desde os primórdios da colonização, além da grande exploração rural, os donos da terra (elite do momento) monopolizam também a riqueza e o poder político.

Guiados pelo pensamento de Mazzeo (1997), podemos dizer que no Brasil, o modo de proceder da “burguesia/elite brasileira” estará sempre vinculado e condicionado às dinâmicas políticas e econômicas de cada período da nossa história, porém, de forma a sempre tirar proveito dessa vinculação. Esse modo de proceder da nossa burguesia acaba revelando que nunca houve um sincero projeto nacional, mas sim um projeto de organização social e econômica que garanta à elite continuar em situação de poder, para controlar e usufruir dos privilégios gerados pelo capitalismo. E neste cenário a população negra será sempre objeto de exploração, subalternidade e exclusão.

Temos conhecimento de que existem várias linhas, estratégias, perspectivas e distintos autores que tratam do tema da Burguesia no Brasil. Da nossa parte, para reforçar a fundamentação das colocações que estamos fazendo sobre a “burguesia/elite brasileira”, tomaremos algumas reflexões feita pelo sociólogo Florestan Fernandes sobre esse tema. Sendo assim, selecionamos quatro fatores histórico-sociais que, segundo Florestan, podem ser

destacados para fins descritivos e interpretativos das dinâmicas que nortearam a consolidação da “Revolução Burguesa” no Brasil.

Fernandes afirma que

Esses fatores podem ser identificados historicamente, através de um processo político (a Independência vista à luz de suas implicações socioeconômicas seculares); dois tipos humanos (o “fazendeiro de café” e o “imigrante”, encarados como figuras centrais das grandes transformações do cenário econômico, social e político); um processo econômico (mudança do padrão de relação dos capitais internacionais com a organização da economia interna); e um processo socioeconômico (expansão e universalização da ordem social competitiva). (FERNANDES, 2006, p.48)

Inspirados em Florestan Fernandes, que trata desses fatores histórico-sociais em seu livro: “*A Revolução Burguesa no Brasil*”, faremos uma apresentação sintética desses quatro fatores que nos ajudam a vislumbrar as pretensões e o modo de proceder da “elite burguesa” para, num outro momento, averiguar como tudo isso foi refletindo na vida da população negra.

○ A Independência

Em relação aos interesses da elite brasileira da época, envolvida com a efetivação da “revolução burguesa” no Brasil, a Independência do país é um acontecimento que favorece a virada de poder nas terras brasileiras, “deixando este de se manifestar como imposição de fora para dentro, para organiza-se a partir de dentro”. (FERNANDES, 2006, p.50)

Ancorados no pensamento de Florestan (2006), podemos dizer que o momento da Independência do Brasil foi uma importante chave para a nativização do poder que logo cairia nas mãos da elite dominante que, fazendo uso das categorias de pensamento inerentes ao liberalismo, cabia-lhe suscitar e ordenar, a partir de dentro e espontaneamente, mecanismos econômicos, sociais e políticos que produzissem efeitos equivalentes ao que eram produzidos antes através do estatuto colonial. Contudo, sem a mínima condição ou pretensão de afetar a ordem social que continuava a gravitar em torno da escravidão e das formas tradicionais da dominação patrimonialista. “A elite nativa não era contra a estrutura da sociedade colonial, mas queria estar livre das consideradas desfavoráveis, implicações econômicas que o estatuto colonial gerava, neutralizando sua capacidade de dominação em todos os níveis”. (FERNANDES, 2006). Assim,

A inexistência de condições históricas que direcionassem a uma ruptura concreta, de cunho revolucionário, com a estrutura sócio-econômica colonial, possibilita que a burguesia latifundiária assumia o processo de independência e,

posteriormente, crie um aparelho do Estado, dentro de suas diretrizes ideológicas, com o cuidado permanente de afastar quaisquer iniciativas que apontassem para o perigo de transformações mais radicais. (MAZZEO, 1997, p.123)

Essas considerações comprovam o quanto a “elite burguesa” da época manipulava as estruturas sócio-políticas em vista, unicamente, de continuar garantindo vantagens para si.

o O Senhor do café e o Imigrante

O que diz respeito à importância do “senhor do café” e do “imigrante” no processo de desencadeamento e na intensificação do *modus operandi* burguês, por parte da “elite pós-colonial”, é a possibilidade de um maior distanciamento da mentalidade colonial na condução da política econômica centrada na grande lavoura e na ordem senhorial-escravocrata. Florestan relata que,

O fazendeiro de café acabou representando, na cena histórica brasileira, o senhor rural que se viu compelido a aceitar e a identificar-se com a dimensão burguesa de sua situação de interesses e do seu *status* social. O imigrante, por sua vez, sempre foi tangido pela *auri sacra fames* fora do contexto do tradicionalismo, e se levou em conta a acumulação estamental de capital, não o fez para praticá-la de maneira conspícua, mas pura e simplesmente para legitimar, socialmente, ações econômicas de extremo teor espoliativo, extorsivo e especulativo. Assim, os dois pólos opostos da sociedade se tocavam e se fundiam nos planos mais profundos de transformação da ordem econômica, social e política. (FERNANDES, 2006, p.128)

Dessa forma, o fazendeiro e o imigrante compartilham e fomentam as práticas do mercado, cada vez mais polarizado pelas lógicas político-econômicas da elite burguesa. E, enquanto a ordem social competitiva se fortalece internamente e a lavoura cai nas malhas do mecanismo econômico do mercado, a ordem social estamental perde sua eficácia e o fazendeiro é levado a optar por adaptações econômicas novas associadas à acumulação comercial e financeira de capital, enquanto os imigrantes se dedicavam arduamente à metamorfose do seu trabalho em dinheiro, também como estratégia de acúmulo de capital.

o A ordem social competitiva

Tratando do processo de desenvolvimento da ordem social competitiva é pertinente ressaltar que tudo ocorreu paulatinamente, pois as estruturas que compunham a ordem social escravocrata e senhorial não se abriram facilmente aos requisitos políticos, sociais, jurídicos e

econômicos do capitalismo-burguês. Em relação a isso o que se pode atestar, acompanhado as reflexões de Florestan (2006) sobre esse tema, é que a elite burguesa brasileira não está preocupada com a lentidão desse processo, já que o importante é conseguir tirar alguma vantagem em qualquer situação, como nos atesta o parágrafo abaixo:

Em suma, o “*protesto burguês*” como uma afirmação econômica, social e política revolucionária, não se equacionou historicamente, a partir de manifestações coletivas de condenação da ordem social alternativa. Pela razão muito simples: o agente humano que melhor encarnava a *condição burguesa* não tramava contra aquela ordem social. Identificava-se com ela, material e politicamente, e só iria abandonar o barco quando ela se mostrasse irremediavelmente inviável... (FERNANDES, 2006, p.223)

Fica demonstrado aqui, mesmo que modestamente, que sempre houve um jogo da burguesia brasileira, por meio de suas estratégias de ações político-ideológicas, em busca de poder, status e usufruto de privilégio a qualquer custo, mantendo a classe popular à parte, quando não lesada em sua dignidade e em seus direitos básicos. Sergio Buarque de Holanda vai dizer, em “*Raízes do Brasil*,” que “no fundo, o próprio princípio de hierarquia nunca chegou a importar de modo cabal entre nós, [já que] toda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios”. (HOLANDA, 1995) E, em solo brasileiro, desde os primórdios da nossa colonização, esses privilégios se configuravam em caráter hereditários a favor da “elite”.

Nossa intenção, com tudo o que foi tratado até aqui, é poder ter elementos históricos e fatuais, apresentados por alguém com autoridade e credibilidade no assunto (como é o caso de Florestan Fernandes), para nos ajudar a comprovar que desde os primórdios da composição da nossa “elite/burguesia brasileira” as questões do “mundo do negro” nunca foi ponto de preocupação, por parte da classe detentora do poder e da condução política, social e econômica da nação brasileira... a não ser numa indigna perspectiva de ter a população negra como um instrumento de produção de capital material, industrial e financeiro.

- *No espelho da “burguesia brasileira” se reflete a dinâmica histórica da invisibilização do negro no Brasil*

Como já afirmamos em outras partes do nosso texto, ainda é fato, em nossos dias, encontramos inúmeros indivíduos afrodescendentes em situação de extrema desigualdade e

desfavorecimento em relação aos descendentes de brancos no Brasil contemporâneo. A nossa atual elite burguesa, majoritariamente branca, vira as costas às questões dos negros e seus descendentes, quando não lhes pesam mais ainda os fardos de uma penosa vida sócio-econômica e, também, cultural. Diante do espelho dessa burguesia/elite branca o negro não tem reflexo: é invisibilizado, excluído fragmentado e usurpado.

Na área de contato com o branco, onde o negro não aparece despojado dos valores de seu mundo social próprio, suas identificações morais ou culturais não possuem nenhuma eficácia e não contam para nada na determinação do ciclo de ajustamento inter-racial. Nessa área, o negro vive nos limites de sua segunda natureza humana e tem de aceitar e submeter-se às regras do jogo, elaboradas para brancos, pelos brancos e com vista à felicidade dos brancos. (FERNANDES, 2007, p. 31)

Os ecos dessa realidade começam com a colonização das Américas onde os povos de origem branca se autoproclamaram em situação de superioridade em relação aos outros povos não brancos (índios e negros). Como nos ajuda a dizer Chiavenato (1987), no período histórico que compreende a expansão marítima europeia, no século XV, a Europa era considerada o centro de uma divisão tri-continental do mundo. Os outros continentes dessa conjuntura eram a América e a África. Esses continentes participavam como território de exploração: o primeiro de recursos naturais e proventos mercantis, o último da mão de obra escrava.

Dessa forma, a saída de homens e mulheres do continente africano e sua chegada à costa brasileira tinha como fim último o intuito de se servirem desses indivíduos como mão de obra escravizada, desde àquele momento em que o Brasil passava por um processo de povoamento e exploração, sendo entendido como extensão da sua metrópole: Portugal.

No sistema de produção escravocrata, o africano ocupava lugar central no processo produtivo. As relações econômicas de grande e médio porte, sejam internas e/ou com outros países, dependiam da força de trabalho escravo para se desenvolver. Nesse momento histórico,

O africano escravizado era objeto - máquina de trabalho e produto mercantil de grande valor - desprovido da condição humana e, como tal, tratado sem a menor preocupação com condições de saúde e sobrevivência, desde seu transporte da África até o uso exaustivo da sua força de trabalho na exploração colonial. O africano, escravizado, possuía uma única função: servir de mão de obra para seus senhores. “Os africanos e seus descendentes, os verdadeiros edificadores da estrutura econômica nacional, são uns verdadeiros coagidos, forçados a alienar a própria identidade pela pressão social...” (NASCIMENTO, 2017, p.153)

No Brasil, podemos lembrar a gananciosa insistência com o tráfico negreiro, por parte da elite pós-colonial, mesmo depois de institucionalizada internacionalmente sua extinção.

Os interessados no negócio tinham logrado organizar uma extensa rede de precauções que salvaguardassem o exercício franco de suas atividades. Desenvolvendo um sistema apurado de sinais e avisos costeiros para indicar qualquer perigo a aproximação dos navios negreiros, subvencionando jornais, subornando funcionários, estimulando, por todos os modos, a perseguição política ou policial aos adversários, julgaram assegurada para sempre a própria impunidade, assim como a invulnerabilidade das suas transações. “Conforme a classe do navio”, acrescenta Calogeras, “por 800J000 a 1:000\$000, se arranjavam papeis brasileiros e portugueses exigidos pelos regulamentos, a fim de se realizarem as viagens. Voltando da costa da África, e após o desembarque da carga humana, entrava o barco com sinal de moléstia a bordo. Por 5001000, o oficial de saúde passava o atestado comprobatório, e o navio ia fazer quarentena no distrito de Santa Rita, cujo juiz de paz era sócio dos infratores. Removiam-se, então, todos os sinais denunciadores do transporte de negros, e por 600J000 se adquiria nova carta de saúde, limpa desta vez. Assim purificado de culpa, o navio ia ancorar no fundeadouro costumeiro. Acontecia, por vezes, que o negreiro parasse na proximidade da ilha Rasa, e que o faroleiro o fosse visitar: por 200S000 se comprava seu silencio.” (HOLANDA, 1995, p.75)

Também, a falsa libertação dos escravos no ano 1888, por meio da assinatura da Lei Áurea, deve ser lembrada aqui. Pois, o que aconteceu foi a criação de um grande contingente de população negra que se viu sem perspectivas de trabalho, de educação e de inclusão social, visto que a mão de obra europeia já estava presente e era a preferida pela elite da produção econômica da época, em detrimento da força de trabalho do africano e de seus descendentes pseudo-livres.

Encarados por essa perspectiva, evidencia-se que os problemas dos negros ou mulatos brasileiros são, acima de tudo, um problema gerado pela incapacidade da sociedade nacional de criar rapidamente uma economia capitalista expansiva, capaz de absorver os ex-escravos e os libertos no mercado de mão de obra. Em virtude disso, eles foram expulsos para a periferia da ordem social competitiva ou para estruturas semicoloniais e coloniais herdadas do passado.

[...]

Eliminado o ‘escravo’ pela mudança social, o ‘negro’ se converteu num resíduo racial. Perdeu a condição social que adquirira no regime da escravidão e foi relegado, como ‘negro’, à categoria mais baixa ‘população pobre’... (FERNANDES, 2007, p.87)

Ainda,

Eliminados do mercado de trabalho ou expulsos para sua periferia, os “homens de cor” viam-se condenados ao desemprego sistemático, ao trabalho ocasional ou à retribuição degradada, tendo de se acomodar a um estilo de vida que associava, inexoravelmente, a miséria à desorganização social. (FERNANDES, 2007, p.137)

E paralelamente a todo esse dilema do povo negro, a elite brasileira está ocupada em garantir poder, lucro e privilégios para si. *Modus operandi* de ontem e *Modus operandi* de hoje. Na dinâmica da busca de riqueza em nosso país, seja no período colonial, no período do império ou no período da república, os pertencentes da classe dominante (nossa burguesia/elite brasileira) imprimiu na vida do povo negro, sofrimento, marginalização e invisibilidade.

➤ **Para finalizar**

O período escravagista do Brasil foi marcado pela forma animalizada e coisificada da pessoa do africano e seus descendentes aqui escravizados. Um modo de proceder que resultou na construção de uma imagem desumanizada da pessoa do negro e promoveu uma situação na qual foram reforçados preconceitos e estereótipos que legitimavam e reproduziam o racismo.

Por isso, desde já, fazendo eco à Professora Dr^a Adevanir A. Pinheiro (2014), não tem como deixar de reconhecer que ainda se faz necessário alertar à “branquitude” brasileira que sem seu comprometimento de se conscientizar, de se trabalhar e de se tornar uma presença/atitude de “branquitude” em relação ao universo da diversidade étnica no nosso país, essa chaga do racismo pessoal, sistemático e institucional nunca será sanada.

Mas, também, é por parte do povo negro que sempre teve força sabedoria e criatividade para resistir, para se fazer resistência, que desejamos ver gerada a consciência da “negritude”.

Sabemos que o negro é resistência por meio da religião, por meio da arte, por meio da política e por meio da luta. Por isso, foi exitoso ter nos servidos de uma das formas de resistência cultural do nosso povo negro - A Manifestação Folclórica do Bumba-Meu-Boi no município de Encruzilhada do Sul: *uma manifestação cultural carregada de elementos afros e indígenas, sendo realizada e oficializada como festejos de uma cidade localizada numa região mais brancoreferencializada no Brasil* - para nos ajudar a quebrar o espelho invisibilizador do legado dos africanos e seus descendentes na formação do Brasil, do seu povo e de sua identidade social, política e cultural. E o ponto central dessa ação está no ato de “revelar a negrura em sua validade mais intrínseca, dissipar com seu foco de luz a escuridão que resultou na total posse pela brancura...” (RAMOS, 1966 apud NASCIMENTO, 2017, p.189)

Precisamos favorecer à população brasileira contemporânea, de modo especial àquela parcela formada por descendentes de troncos étnicos africanos, a fazer uma experiência salutar

de equidade, de dignidade, de pertencimento e de visibilidade no contexto de relações sociais que configuram o cotidiano do nosso país. Precisamos, cada vez mais, visibilizar a legado do dna africano que faz parte da formação da identidade do povo brasileiro e do Brasil.

Tudo no Brasil girou em torno da escravidão. O Brasil não existiria sem os negros: Este país é obra deles. O seu chão fértil está ensopado pelo sangue negro. Sem esse dado não se entende o Brasil. Para entendê-lo – ou pelo menos tentar – é preciso ir além da realidade aparente e às vezes trabalhar com dados econômicos, teóricos e práticos que parecem fugir ao motivo central desse livro. (CHIAVENATO, 1980, p.12)

Essas e tantas outras marcas que evidenciam a presença do negro na formação social, política, econômica e cultural do Brasil são dignas de visibilização e reconhecimento. “... muitos movimentos políticos, artísticos, musicais e culturais brasileiros tiveram e têm o negro como protagonista, como propulsor da mudança, como ator ou como fonte de inspiração”. (MUNANGA; GOMES, 2016, p.139).

De fato,

Os valores ancestrais africanos, incluídos no processo de desenvolvimento dos países que receberam povos vindos da África, passaram a participar de sua constituição sociocultural. A cultura negra nas Américas foi determinante na cosmovisão desenvolvida nesses países a partir de três grandes fenômenos: a vinda dos europeus, o genocídio das populações indo-americanas e a escravização de populações africanas. O imaginário coletivo desenvolvido em países formados por uma pluralidade de grupos étnicos, como é o caso do Brasil, é compartilhado, evidentemente, por todos os integrantes da sociedade. O desenvolvimento da identidade do povo brasileiro está absolutamente condicionado à participação dos africanos na vida brasileira e sua sabedoria está presente nas manifestações culturais, nos gestos e nas relações. Assim, os valores africanos, preservados ao longo da sucessão de gerações, mostram-se tacitamente ativos e constituintes do processo de formação da cidadania. (RIBEIRO, 1996 apud FERREIRA, 2009, p.40)

Por isso, é muito mais que justo visibilizar todo o legado negro presente no conjunto da formação identitária do Brasil e do povo brasileiro. E, conforme a Lei nº 10.639²², de janeiro

²² O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

de 2003, que institui obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas nos currículos escolares do ensino fundamental e médio no Brasil, possa se tornar cada vez mais conhecida e socializada a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, como orienta o primeiro parágrafo da citada Lei.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

(Cf.: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm - Acesso em 19/03/2019)

BIBLIOGRAFIA

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. *Mulheres e cultura popular: gênero, raça, classe e geração no bumba meu boi do Maranhão*. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26, 2008, Porto Seguro, Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, 2008, p. 1-22.

_____. O "urrou" do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. (Tese) Campinas, 2004.

ALMEIDA, Renato. *Inteligência do Folclore*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Americana. 1974

ALMEIDA, Silvia Capanema P. Do Marinheiro João Cândido ao Almirante Negro: conflitos memoriais na construção do herói de uma revolta centenária. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 61, p. 61-84, 2011.

BAKOS, Margaret M. A Escravidão Negra e os Farroupilhas. In: DACANAL, José Hildebrando (org). *A Revolução Farroupilha: história & interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. cap.04,p.79-97.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um Manual Prático*. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

BASTIDE, Roger. *Brasil Terra de Contrastes*. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1964

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução: Maria Luiza X. de Borges. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

BENTO, Cláudio Moreira. *O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)*. Porto Alegre: Grafosul/Instituto Estadual do Livro. 1976.

BERGER, Peter L.. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. Cadernos Pagu, [online]. 2006, n.26, pp.329-376. (www.scielo.br/scielo.ph=Stlng)

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARDOSO, Leticia Conceição Martins. *As Mediações no Bumba Meu Boi do Maranhão: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares*. (Tese). Porto Alegre, 2016.

CARVALHO, Luciana Coin de. *O Bumba Meu Boi do Grupo de Danças Brasileiras Gracinha: uma experiência de arte-educação*. (Dissertação) São Paulo, 2012.

CARVALHO, Rui Manuel Sênico. *PARINTINS: Boi-Bumbá e Afirmação Identitária - Discurso, Representações, Sonoridades e Identidade no Amazonas Contemporâneo*. (Tese) Campinas, 2014

CASCUDO, Luís Câmara. *Folclore do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1967

CHIAVENATO, Júlio José. *O Negro no Brasil: da senzala à guerra do Paraguai*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

- COSTA, Joaze Bernardinos; GROSFUGUEL, Ramón; TORRES, Nelson Maldonado (Orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018 (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- DINIZ, Igor Mello. Os Estudos de Folclore e as Ciências Sociais no Brasil (1930 – 1940). *In* Revista Habitus. Rio de Janeiro. IFCS/UFRJ. Vol. 8, n. 2. 2010
- EDELWEISS, Frederico. Apontamentos de Folclore. Salvador: EDUFBA, 2001. (Coleção Nordeste)
- FERNANDES, Florestan. O Negro no mundo dos Brancos. 2ª Ed. São Paulo: Global Editora, 2007.
- _____. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. 5ª Ed. São Paulo: Globo. 2006
- _____. Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo. São Paulo, SP: Editora Anambi S. A., 1961.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. 5ª Ed. Curitiba: Positivo, 2010
- FERREIRA, Ricardo Franklin. Afro-descendentes: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. 9ª Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2013.
- FOLLMANN, José Ivo. Processos de Identidade versus Processos de Alienação: algumas interrogações. *In* Revista Eletrônica Identidade!, São Leopoldo, vol 17, n.1, jan-jun. 2012 (Disponível em: <http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/identidade>)
- FRADE, Maria de Cásia. Evolução do conceito de folclore e cultura popular. *In* Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore. Recife: Comissão Nacional de Folclore; São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2004. Organização: Mundicarmo Ferretti (CMF).
- FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e Coisas da Fronteira Sul: Ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- GOMES, Daniel Pinto. Boi Juventude e o Folclore do Bumba meu boi no Grande Pirambu. Dissertação. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2013.
- GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele. O Negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In* Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, 1988.
- HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. 26ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL ZERO HORA. O melhor do Rio Grande: caderno especial traz as principais atrações de cada um dos 496 municípios do Estado. Porto Alegre, 12 de Junho de 2006.

LAYTANO, Dante de. Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas. 2ª Ed. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: Nova Dimensão, 1987.

LEITMAN, Spencer. Negros Farrapos: Hipocrisia Racial no sul do Brasil no século XIX. In: DACANAL, José Hildebrando (org). A Revolução Farroupilha: história & interpretação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. cap. 03, p.61-78.

LOBÃO, Raimunda Nonata Reis. O Bumba meu boi e a expressão verbal do Maranhão. Dissertação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Centro de Educação e humanidade – Instituto de Letras. Rio de Janeiro, 2012

LÓPEZ, G. L.. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. In: Revista Textura [Online], v. 1, n. 2º sem. Ed ULBRA, Canoas, p. 45-50, 1999. (Disponível em: www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download)

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como Prática e Experiência. In Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MARTINS, Carolina Christiane de Souza. Política e História do Bumba-meu-boi: São Luís do Maranhão – Século XX. (Dissertação) Niterói, 2015.

MAZZEO, Antonio Carlos. Burguesia e capitalismo no Brasil. Ed. Atica, 1988

MELUCCI, Alberto. Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

MINAYO, Maria C. de Souza. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12ª Edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, Alice T. Campos; MOREIRA, Dione Teixeira Borges. Humberto Castro Fossa. Col. Memória Encruzilhadense, v. 3, fasc. 1. Porto Alegre: Evangraf. 2008.

MOREIRA, Alice T. Campos; MOREIRA, Dione Teixeira Borges; TEIXEIRA, Flávio Vinícios Campos. Gastão Gonçalves Lopes. Col. Memória Encruzilhadense, v. 2, fasc. 1. Porto Alegre: EST, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?. In Revista da ABPN • v. 4, n. 8 • jul.–out. 2012 • p. 06-14

Disponível: (www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/download)

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra. Dissertação. UFF/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito. Niterói, 2009.

ORNELLAS, Manoelito de. Gaúchos e Beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. 3ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

PÁDUA, Vilani Maria de. *Mário de Andrade e a estética do bumba-meu-boi*. Tese. Universidade de São Paulo, 2010.

PIMENTEL, Fortunato. Aspectos Gerais de Encruzilhada do Sul. Edição Comemorativa. Porto Alegre: Editora (não consta), 1949.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. O Espelho Quebrado da Branquidade. São Leopoldo: Casa Leiria, 2014.

PONT, Raul. Campos Realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Renascença, 1983.

RAIZER, Dione. Boi-de-Mamão: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil, diálogos com a cultura popular. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS (impressa). Origens do 20 de novembro: Grupo Palmares e sua estratégia subversiva. Entrevista com Deivison Campos. Entrevistador: Leslie Chaves. São Leopoldo, 2015, Nº 477, Ano XV.

SILVA, Gilcélia Barbosa; FILHA, Maria José de Paula; PINTO, Suênia Claudiana do N. *A Presença das Mulheres na Cultura Popular: os casos do Maracatu Rural e Nação*. Termo de Conclusão de Curso de Especialização. Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

YIN, Robert K. Estudo de Caso. Planejamento e Métodos. 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

<<https://estado.rs.gov.br/geografia>> (Acesso em 15/04/2019)

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/encruzilhada-do-sul/panorama>> (Acesso em 14/04/2019)

<<https://estado.rs.gov.br/geografia>> (Acesso em 15/04/2019)

<<https://orgulhodaraca.blogspot.com>> (Acesso: 19/03/2019)

<<https://www.encruzhadadosul.rs.gov.br/prefeitura/historia>> (Acesso em 15/04/2019)

<<https://www.dicionarioinformal.com.br/escarrerar>> (Acessado em 28/05/2019)

<http://www.rivalejornal.com.br/materias/821_carnaval_ja_comecou_em_santa_cruz_do_sul> (Acesso em 13/05/2019).

<<http://www.encruzhadadosul.rs.gov.br/index>> (Acesso: 13/05/2019)

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639> (Acesso em 19/03/2019)

Anexo A

REPORTAGENS SOBRE O BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL

Encruzilhada preserva tradição centenária do Bumba-Meu-Boi

No último sábado, o centro da cidade voltou a ser palco de uma das tradições mais antigas de Encruzilhada do Sul: a apresentação do Bumba-Meu-Boi, que ocorreu logo após o desfile das escolas de samba. Conduzido por Fermino da Luz Silveira, 76 anos, a festa do Bumba-Meu-Boi foi acompanhada por centenas de pessoas, confirmando o sucesso do evento.

Todos se divertiram com as brincadeiras do boi, que seguidamente saía em disparada, perseguindo crianças e adultos encontradas pela frente.

A festa tem início na casa de Fermino Silveira, de frente o Clube Tabajara. Seguindo pela Avenida Coronel Honório Carvalho, Fermino conduz o boi até o centro da cidade, onde a festa tem sua culminância. Depois de muita estrepólia, Fermino traz o boi de volta para casa. "Preciso colocar o boi dentro do galpão e fechar a porta para a gurizada ir embora", diz Fermino.

O boi é formado por uma armadura de ferro e coberta com pano. "Os chifres são autênticos", revela Fermino. Ele conta com o auxílio de três seguranças que também acompanham a festividade, impedindo que alguma pessoa mais exaltada rasgue a roupa do boi. Três amigos de Fermino se revezam, a cada ano, para fazer a figura do boi. O esforço para conduzir a armadura e se movimentar



Fermino Silveira apresenta o Bumba-Meu-Boi há 35 anos

é grande, exigindo algumas paradas, quando o boi é "abastecido", com refrigerante.

Registros históricos mostram que as festividades do Bumba-Meu-Boi são muito antigas em Encruzilhada do Sul e já se realizam há cerca de cento e dez anos.

FERMINO APRESENTA O BOI HÁ 35 ANOS

Quando menino, Fermino Silveira costumava acompanhar, no centro da cidade, a apresentação do Bumba-Meu-Boi. Ele recorda que muitos anos depois, já adulto, as

apresentações do boi foram interrompidas por um período. "Foi quando decidi apresentar o Bumba-Meu-Boi, pois eu desejava mostrar aos jovens da época, esta tradição que eles ainda não conheciam", diz Fermino.

Desde então, sempre depois do Carnaval, Fermino tem apresentado o Bumba-Meu-Boi. São 35 anos ininterruptos. Ele recorda que sempre contou com o imprescindível apoio de Humberto Castro Fossa, até a morte do historiador, para manter a tra-

dição do Bumba-Meu-Boi.

Fermino Silveira agradece a colaboração da Secretaria Municipal de Cultura, que custeou o pagamento da nova armadura de metal para o boi, assim como a "roupa" do boi, doada por Elaine Barcelos, filha do historiador Humberto Fossa.

Diversos populares reclamam que as festividades do Bumba-Meu-Boi, estão ocorrendo muito tarde da noite. Eles sugerem que o horário seja antecipado nos próximos anos. Fermino Silveira concorda com a mudança, recordando que alguns anos atrás, a festa era realizada das 20 às 22 horas.



Centenas de pessoas acompanharam a festa do Bumba-Meu-Boi no centro da cidade

Encruzilhada do Sul perde o "comandante" do Bumba-Meu-Boi

A mais tradicional festa folclórica da cidade de Encruzilhada do Sul, o Bumba-Meu-Boi, perdeu no sábado o seu comandante há mais de 40 anos. O aposentado Firmino Silveira, de 82 anos, teve morte súbita no Balneário Cassino, em Rio Grande, onde estava com a família. O enterro ocorreu sábado no Cemitério Municipal de Encruzilhada, às 9 horas. O cortejo fúnebre foi acompanhado por um caminhão dos bombeiros que levou o boi de pano, seguido de dois cavaleiros com berrantes como forma de homenagear o mestre.

A farra do boi, como é conhecida, atrai todos os anos grande público ao Centro da cidade. A brincadeira pelas ruas de Encruzilhada do Sul é conhecida há 150 anos no município, encerrando o ciclo das festas da folia. O Bumba-Meu-Boi acontece sempre no primeiro sábado após o Carnaval. O evento foi oficializado pelo governo municipal por meio do Decreto 1.241, de 13 de fevereiro de 1991, passando a fazer parte do calendário oficial, sendo Encruzilhada do Sul o único município do Estado a manter vivo este



folgado.

A folia do boi nas últimas quatro décadas era comandada no município pelo mestre Firmino Silveira, que com sua equipe se responsabilizava pela condução do boi pelas ruas centrais da cidade. Quando anoitece, os comandantes da diversão saem pelas ruas da cidade até chegar à Praça Central, onde são aguardados pela população encruzilhadense, prolongando-se a animação até a madrugada. A brincadeira é realizada por 12 homens de todas as idades. O folgado é uma herança trazida a todos os municípios povoados por açorianos. Mas a tradição se perdeu no tempo e somente Encruzilhada do Sul ainda promove as correrias do boi de pano no Rio Grande do Sul.

PRESERVAÇÃO - O aposentado Firmino Silveira, quando criança, acompanhava entusiasmado a brincadeira nas ruas mas,

depois de adulto, viu a tradição ser esquecida. Para impedir que ela fosse definitivamente perdida, como aconteceu nos demais municípios do Estado, os quais a cultivavam, Firmino decidiu fazer o boi renascer. Foi então que juntou um grupo e levou a festa de volta às ruas.

A festa em Encruzilhada se diferencia das demais regiões do País, pois há a ação de um único boi de armação com finas varas de ferro, coberto com um pano vistoso e alguns adereços. A cabeça é constituída de uma autêntica cavcira de boi forrada de tecido. Os chifres também são autênticos e levam fitas, guizos e cencerros de bronze para fazer barulho. O boi é conduzido por um homem que o leva sobre os ombros. Acompanhando, vão o tropeiro, que comanda a apresentação, o veterinário e os campeiros.

54 Anos
O JORNAL

ANO 55

Neto do mestre o folgado

Desde os 10 anos de idade, que Alegre para Encruzilhada do Sul, Diogo costumava acompanhar o avô Firmino, a festa folclórica do Bumba-meu-boi. Agora, Diogo passa a ter a difícil missão de Firmino na manifestação da cultura popular de pessoas às ruas, no sábado posterior.

Diogo revela que seu Firmino sempre com ele dizendo: "Quando eu morrer substituir, do contrário venho te puxar para continuar com a festa do boi, pois todo mestre Firmino, que algumas vezes, me conduzindo o boi pelas ruas da cidade. festa popular deixava seu Firmino sempre. Vários dias antes ele começava a conferir a armação do boi, roupas e chapéu então. No dia do Bumba-meu-boi, seu Firmino levava a roupa característica e ficava aguardando a chegada da noite. Seu Firmino se sentia cada ano, o Bumba-meu-boi partia para as proximidades do Clube Tabajara, para ale centro da cidade.

Diogo costumava ficar bem perto



UL
DE EN
etaria
de Licit
ATOS D
NEIRO
001/07
Objeto: P
do cen
S ANTO
missão e
2006 e 1
.TIVA I
SUL L

Encruzilhada do Sul Depois de quatro décadas, festa realizada no primeiro sábado depois do Carnaval tem jovem no comando

Uma nova geração no bumba-meu-boi

JULIANA BUBLITZ

Após quatro décadas sob o comando de Firmino Silveira, o mestre Firmino, morto neste mês, aos 82 anos, a festa do bumba-meu-boi de Encruzilhada do Sul, no Vale do Rio Pardo, tem um novo líder.

Na noite do último sábado, foi o neto dele, Diogo Silveira Kucharski, 24 anos, quem conduziu a folia.

Todos os anos, no primeiro sábado depois do Carnaval, centenas de pessoas ganham as ruas da cidade para correr atrás do boi de pano. São mais de cem anos de "farra", como dizem os moradores locais. Logo ao anoitecer, já começa a função: devidamente paramentado, um grupo de 13 homens cruza as principais ruas de Encruzilhada em direção à praça matriz.

Este ano, porém, com a morte de Silveira, vítima de um ataque cardíaco no dia 2 de fevereiro, a festa ficou ameaçada. Mas a vontade de manter viva a tradição foi mais forte do que a dor da perda, e o neto do velho mestre decidiu abrir os festejos e assumir o papel do avô.

– Eu não podia deixar de atender ao último desejo dele. Se tudo der certo, quero continuar no comando até morrer – disse Kucharski.

Pontualmente às 21h, representan-



Diogo, neto do mestre Firmino, assumiu o papel do avô, garantindo a folia

do um tropeiro, o jovem líder passou a conduzir o grupo. Logo atrás dele, vieram os personagens dos campeiros e do veterinário, assim como o protagonista da festa – o boi.

Quando o cortejo chegou à praça, uma homenagem prestada ao velho líder provocou lágrimas no público presente. Kucharski recebeu um troféu da prefeitura em consideração ao trabalho desempenhado pelo avô. Houve ainda um minuto de silêncio pela morte do encruzilhadense, famoso em toda a região. Depois, a alegria novamente tomou conta do público até o fim da festa.

História do boi

> O bumba-meu-boi surgiu no nordeste do país, no fim do século 18.

> Em Encruzilhada do Sul, o boi passa pela rua principal e deita-se na frente de casas e estabelecimentos como se estivesse morrendo. Um suposto veterinário então pede contribuições para salvar o bichano.

Quando o pedido é atendido, o médico simula uma injeção no animal e pede que ele levante. O boi então dá um pulo e corre na direção de todos, fazendo o povo rir. A celebração faz parte do calendário oficial da cidade.

◆ juliana.bublitz@zerohora.com.br

LEO MINHOZ, ESPECIAL

Folguedo do Bumba-Meu-Boi é destaque cultural no Estado

O tradicional folguedo do Bumba-Meu-Boi obteve o merecido reconhecimento estadual, dia 27 de outubro. Na ocasião, a manifestação popular recebeu o Troféu Cultura Gaúcha, em evento ocorrido em Porto Alegre.

A coordenadora do Departamento Municipal de Cultura, Elaine Fossa de Barcelos, recorda que o Bumba-Meu-Boi, inicialmente foi selecionado a nível regional. Os secretários de Cultura dos municípios do Vale do Rio Pardo também haviam destacado a Semana Santa (Rio Pardo) e o Coral de Vera Cruz. No entanto, os secretários acabaram indicando, por unanimidade, o Bumba-Meu-Boi, para o Troféu Cultura Gaúcha. A decisão foi ratificada pela Secretaria Estadual de Cultura, que também analisou indicações de outras regiões.

O Troféu Cultura Gaúcha, entregue pela primeira vez este ano, foi instituído a partir de uma proposição do deputado estadual Manoel Maria (PTB), que designou o dia 31 de outubro, como o Dia da Cultura Gaúcha.

A grande festa de entrega dos troféus ocorreu num dos armazéns do Cais do Porto, com a presença do secretário estadual de Cultura Roque Jacob, entre outras autoridades. Receberam troféus as maiores expressões do Estado em áreas como artes visuais, cinema, audiovisual, tradições e folclore, literatura, memória, dança, teatro, música e patrimônio. Entre os agraciados com o troféu estavam a atriz pelotense Carmem Silva, a escritora Lia Luft e o violinista Yamandú Costa. Paixão Côrtes recebeu um troféu especial pelos 50 anos de trabalho em pró do



Bidal, Carmem, Elaine, Firmino (com o troféu), prefeito Conceição Krusser e Dega, na solenidade em Porto Alegre

tradicionalismo.

A representação de Encruzilhada do Sul era composta pelo prefeito Conceição Deromar Krusser; coordenadora do Departamento Municipal de Cultura, Elaine Fossa de Barcelos e assessores Carmem Machado Abreu e Edgar dos Santos (Dega); coordenador do Departamento Municipal de Desportos, Anarellino Vieira Neto (Bida) e o grande mestre Firmino da Luz Silveira, acompanhado de familiares e muitos amigos.

BUMBA-MEU-BOI FOI O MAIS APLAUDIDO

A platéia que acompanhava a entrega dos troféus em Porto Alegre teve uma surpresa: quando foi anunciado o Bumba-Meu-Boi, o animal estilizado, símbolo da festa, que estava escondido, subiu ao palco e mostrou um pouco das brincadeiras vistas nas ruas de Encruzilhada há cerca de 150 anos. "Foi um momento muito emocionante para nós, eis que o Bumba-Meu-Boi se transformou no agraciado com o troféu mais aplaudido na noite", recorda Elaine Barcelos.

TRADIÇÃO MANTIDA EM ENCRUZILHADA

Realidade no século

passado em municípios povoados por açorianos, o Bumba-Meu-Boi foi se perdendo ao longo dos anos. Há mais de três décadas, Encruzilhada do Sul é o único município do Estado onde a tradição é mantida. Manifestações do Bumba-Meu-Boi são registradas em cidades do Norte e Nordeste do país, no entanto com características bem diferentes do que existe em Encruzilhada do Sul.

A farra do Bumba-Meu-Boi encerra o ciclo do Carnaval em Encruzilhada do Sul, realizada sempre no sábado. O folguedo se caracteriza por diversas brincadeiras nas ruas da cidade, comandadas por uma pessoa que se veste de boi, que corre, atropela, agita e diverte os moradores na mais movimentada festa folclórica realizada no município. A fantasia do boi é feita com uma armação de varetas de ferro e panos decorados com as guampas, rabo e outras características do animal.

Apesar de não haver dados sobre a data de início, a festa é conhecida há cerca de 150 anos em Encruzilhada do Sul, acontecendo sempre no primeiro

sábado após o Carnaval.

O folguedo é comandado há 32 anos pelo aposentado Firmino Silveira, chamado de "mestre do boi". O boi deixa a rua 4 de Dezembro, 181, - onde Firmino reside - com um foguetório, e depois crianças e adultos fazem um arrastão atrás dele até o centro da cidade. No caminho o boi faz várias paradas e precisa ser "reanimado" para continuar a coreia. As crianças consideram um grande desafio puxar as aspas e o rabo do boi. Às vezes a empolgação é tão grande que se torna necessário acalmar alguns participantes, que afrontam o bicho tentando arrancar de lembrança como prova da coragem que tiveram ao enfrentar o boi.

Por volta da década de 60 a festa parou, pois os componentes do antigo grupo estavam muito idosos ou já haviam morrido. Foi então que o falecido historiador Humberto Castro Fossa, pai da atual coordenadora do Departamento Municipal de Cultura, Elaine Fossa de Barcelos, resgatou a tradição e, juntamente com Firmino Silveira, colocou o Bumba-Meu-Boi nas



Troféu Cultura Gaúcha, conquistado pelo Bumba-Meu-Boi, está exposto na Casa de Cultura Humberto Fossa

ruas novamente.

MESTRE FIRMINO SILVEIRA: O COMANDANTE

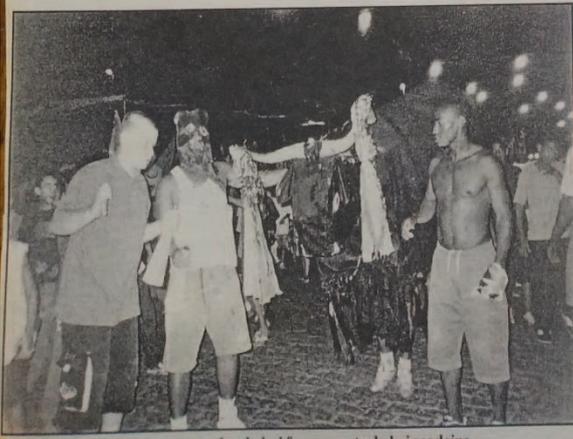
Há 32 anos, o Bumba-Meu-Boi tem o mesmo responsável. O aposentado Firmino da Luz Silveira, 80 anos de idade, comanda com orgulho e emoção o folguedo. Ele recorda que quando criança acompanhava entusiasmado a brincadeira, mas depois de adulto, viu a tradição ser esquecida por alguns anos. Para impedir que ela fosse definitivamente perdida, como aconteceu nos demais municípios do Estado, que a cultivavam, Firmino decidiu fazer o boi renascer. Foi então que juntou um grupo e levou a festa de volta às ruas. "Queria que as crianças e jovens também conhecessem o Bumba-Meu-Boi como eu conheci", diz Firmino, recordando: "No primeiro desfile, a armadura do boi era feita com taquaras e devido aos puxões da gurizada o boi acabou se desmanchando", diz ele.

Quando decidiu pelo retorno do boi, Firmino passou a contar com o apoio do historiador Humberto Castro Fossa.



Mestre Firmino Silveira, o comandante do maior folguedo popular no município

"Ele sempre me ajudou e me apoiou até falecer", recorda, emocionado, Firmino. "Sair com o boi representa para mim uma enorme satisfação. Quando vem chegando o Carnaval, as pessoas já começam a me procurar, dizendo que estão esperando o boi", destaca Firmino, que algumas vezes mesmo doente, saiu às ruas comandando o tradicional folguedo, tal o apreço que nutre pela manifestação cultural.



O folguedo atropela o boi faz parte da brincadeira



Boi sai às ruas acompanhado pelo tropeiro, veterinário e os campeiros

FESTA DO BUMBA MEU BOI ENCRUZILHADA DO SUL - RS

FESTA DO BUMBA MEU BOI ENCRUZILHADA DO SUL - RS

A Festa do Bumba - Meu - Boi

A festa do Bumba-meu-boi de Encruzilhada do Sul, é um dos folguedos mais importantes do nosso estado, uma das maiores festas populares de Encruzilhada do Sul e do nosso região. O Bumba-Meu-Boi é uma festa que reúne pessoas de todo o estado em nosso município. Realizada no 1º sábado após o carnaval e oficializada pela Prefeitura Municipal em 13 de fevereiro de 1991, faz parte do calendário oficial de eventos do município.

A raiz deste folguedo folclórico, segundo estudiosos, tem sua origem no antigo Egito e na Babilônia, onde eram realizadas festividades em honra aos bois sagrados, sem nenhum caráter sagrado, somente para divertir o povo. Mesmo aqui no Brasil existem diferenças entre os bois, pois a festa sofre a influência de cada região.

O Bumba - Meu - Boi de nossa região difere dos vistos em outras regiões. Aqui temos um único boi, feito com uma grande multidão a espera. Com a coberta de tecidos e alguns adereços.

O Boi começa a correr na tarde adulta e crianças se divertem com esta até chegar à rua principal, onde Mestre Firmino Silveira como comandante da brincadeira, alcançando a madrugada.

O Folguedo do Bumba-Meu-Boi é tradição em Encruzilhada do Sul a mais de cem anos, sendo que nos últimos 40 anos a festa, resgatada pelo historiador Humberto Fossa, teve Mestre Firmino em fevereiro de 2007, o folguedo passou a ser comandado por Diogo Silveira Kucharski, neto do Mestre Firmino, e sua equipe.

Encruzilhada do Sul é o único Município do vale do Rio Paró e Região que mantém viva esta tradição.

Venha conhecer nossa terra e nossas festas, esperamos de braços abertos.

Departamento Municipal de Cultura
Gestão 2005 - 2008

Departamento Municipal de Cultura
Gestão 2005 - 2008

2005

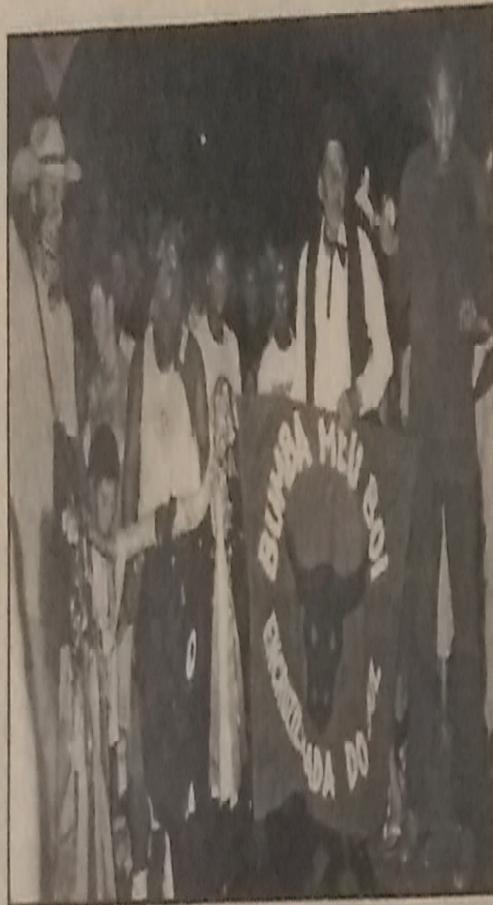
Bumba-Meu-Boi e o mestre Firmino desfilarão em Santa Cruz

O tradicional folguedo do Bumba-Meu-Boi, conhecido dos encruzihadenses há cerca de 150 anos, será mostrado no Carnaval de Santa Cruz do Sul. Conduzido pelo mestre Firmino Silveira, o Bumba-Meu-Boi vai desfilar na Escola de Samba Unidos de Santa Cruz que já conquistou o título de campeã em 2000 e 2003.

A escola se prepara para mostrar à comunidade santacruzense a História do Carnaval. As alegorias serão norteadas pela temática *Unidos, Brilhando e Mostrando o Carnaval de Todos os Tempos*. Esse tema foi definido já em meados de 2004, com o objetivo de res-

gatar o princípio da festividade mais popular do país. "Falamos de quando tudo começou, do Carnaval de Veneza, em Roma, enfim, da evolução da festa", diz Antônio Nascimento, presidente da escola.

"Foi através do jornal Gazeta do Sul, que tomamos conhecimento da importância do Bumba-Meu-Boi na história do Carnaval e convidamos o seu Firmino para desfilar conosco", diz o carnavalesco Jorge Roberto Rodrigues, da Unidos de Santa Cruz. O Departamento Municipal de Cultura de Encruzilhada do Sul, estará transportando o boi estilizado, para o desfile em Santa Cruz do Sul.



Mestre Firmino comanda o Bumba-Meu-Boi há 32 anos

ANEXO B

FOTOS DO BUMBA-MEU-BOI DE ENCRUZILHADA DO SUL

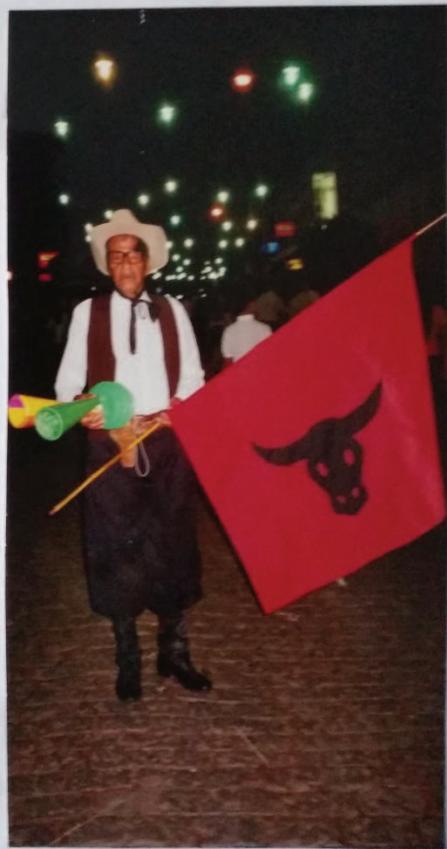
B1



1999



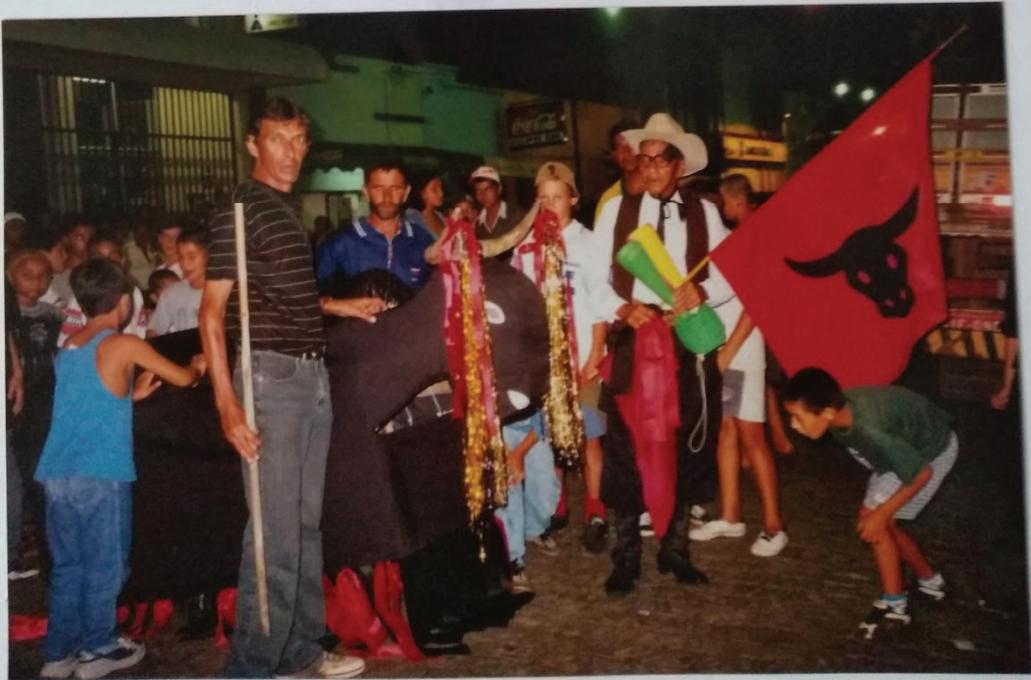
11/02/2000



B2



B3



B4



FEV. 1981



1985



1984



1985



1985

ANEXO C

ENCONTRO DE BOIS DE NORTE A SUL - ANO 2

Florianópolis transforma-se no centro das manifestações folclóricas do boi-bumbá, bumba meu boi e boi de mamão, com a realização do Encontro de Bois de Norte a Sul – Ano 2, de 15 a 18 de dezembro, promovido pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). Contando com a participação de 26 grupos folclóricos e parafolclóricos de vários estados do Brasil, o encontro tem o patrocínio da Tractebel Energia S.A e do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura (MinC).

A promoção visa divulgar as brincadeiras de boi que ocorrem no calendário cultural brasileiro, mostrando a diversidade cultural do país através de folguedos que têm o boi como temática. Além das apresentações artísticas o evento terá palestras, oficinas, lançamento de livro e mostra de artesanato inspirados nas brincadeiras de boi, assim como estandes de gastronomia oferecendo variados cardápios.

Programação

15/12 – QUARTA-FEIRA

| | |
|-------|--|
| 17h30 | Intervenção pelas ruas centrais da cidade – Bumba Meu Boi – Encruzilhada do Sul /RS |
| 18h | Abertura Oficial |
| 18h15 | Coral do Centro de Educação e Reabilitação dos Pais e Amigos dos Surdos de Joaçaba/ SC e Capinzal/SC |
| 18h30 | “Auto de Natal”, Cia Teatral Em Cena – São João Batista/SC |
| 19h20 | Boi Bumbá – Porto Velho/RO |
| 20h15 | Boi de Mamão da SEEDE – Monte Verde – Florianópolis /SC |
| 20h50 | Boi de Mamão do Pantanal – Florianópolis/SC |

16/12 – QUINTA-FEIRA

| | |
|-------|--|
| 10h | Grupo de Boi de Mamão do Porto da Lagoa (Infantil) – Florianópolis/SC |
| 11h30 | Intervenção pelas ruas centrais – Bumba Meu Boi – Encruzilhada do Sul /RS |
| 12h | Boi Pintadinho – Santo Antônio de Pádua/RJ |
| 13h | Boi de Mamão da Costa da Lagoa (Infantil) – Florianópolis/SC |
| 13h50 | Boi de Mamão Arreda Boi – Barra da Lagoa – Florianópolis/SC |
| 15h | Alevanta Meu Boi (Infantil) – Ingleses – Florianópolis/SC (Agenda especial no Hospital Infantil Joana de Gusmão / Agronômica) |
| 15h | Boi de Mamão da Ponta do Leal – Florianópolis/SC |
| 16h | Boi de Mamão da Costa de Dentro (Infantil) – Florianópolis/SC |
| 17h | Boi de Mamão Petinho (Infantil) – Bairro João Paulo – Florianópolis/SC |

| | |
|-------------|--|
| 18h | Boi de Mamão do Itacorubi – Florianópolis/SC |
| 19h | Boi de Mamão São José da Terra Firme – São José/SC |
| 20h | Boi de Mamão Frankolino – Vargem Grande – Florianópolis/SC |
| 21hs | Boi-Bumbá – Porto Velho/RO |

17/12 – SEXTA-FEIRA

| | |
|-------------------|---|
| 9h às 11h | Mesa redonda: Conversa Pra Boi não Dormir: “A Teatralidade nas Brincadeiras dos Bois” Prof. Valmor Beltrame (CEART/UDESC). Local: Casa da Memória – Florianópolis/SC |
| 11h às 12h | Oficina: “O Papel do Tripa” – Troca de experiências entre os grupos Folclorista Aluizio Guedes – Porto Velho/RO Local: Casa da Memória – Centro – Florianópolis/SC |
| 11h | Intervenção pelas ruas do centro da cidade – Bumba Meu Boi – Encruzilhada do Sul/RG |
| 12h | Boi de Mamão Esperança da Lagoa da Conceição – Florianópolis/SC |
| 12h50 | Boi de Mamão da Esc. Mun. Ribeirão Molha – Jaraguá do Sul/SC |
| 13h50 | Boi Folia Caeira 21 – Florianópolis/SC |
| 14h30 | Boi de Mamão “Vem Cá meu Boi” do Morro do Céu – Florianópolis/SC |
| 15h10 | Boi Pintadinho Santo Antonio de Pádua/RJ |
| 16h05 | Boi de Mamão da Armação do Pântano do Sul – Florianópolis/SC |
| 16h30 | Lançamento do Livro “O Boi de Mamão – Folguedo Folclórico da Ilha de Santa Catarina”, de Nereu do Vale Pereira |
| 17h | Boi-Bumbá– Porto Velho/RO |
| 18h | Boi de Mamão Macoar – Governador Celso Ramos/SC |
| 19h | Boi de Mamão de Jurerê – Florianópolis/SC |

18/12 - SÁBADO

| | |
|--------------|--|
| 12h | Boi de Mamão Filhos da Terra – Palhoça/SC |
| 13h | Boi de Mamão da Escola Municipal Ribeirão Molha – Jaraguá do Sul/SC |
| 14h | Boi de Mamão de Sambaqui – Florianópolis/SC |
| 14h30 | Desfile dos grupos folclóricos pelas ruas centrais da cidade Concentração na Praça Fernando Machado |
| 15h | Boi de Mamão do Campeche – Florianópolis/SC |
| 16h | Boi Pintadinho de Santo Antonio de Pádua/RJ |
| 17h | Boi Bumbá – Porto Velho/RO |

<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/cms=encontro+de+bois+de+norte+a+sul+++ano+2>